

**COMUNISMO
OU
CIVILIZAÇÃO
2**

Em lingua portuguesa

1982

COUCP 2

COMUNISMO OU CIVILIZAÇÃO pela
INVARIÂNCIA da teoria do proletariado.

- Defendida na Liga dos Comunistas (Manifesto do Partido Comunista – 1848); na AIT (obra do Conselho Geral de Londres dirigido por Marx); quando da Comuna; na Segunda Internacional; contra a degenerescência e falência desta (Esquerda socialista na Alemanha, Bolcheviques, Esquerda Socialista na Itália – Fração Abstencionista).

- Que triunfa na Rússia em 1917 e internacionalmente:
Moscou 1919: fundação da terceira Internacional;
Livorno 1921: fundação do Partido Comunista da Itália: ruptura com a democracia.

- Defendida pela Esquerda Comunista contra a degenerescência de Moscou; contra a União Sagrada na resistência ao fascismo.

- Que deve ser restaurada, assim como o Partido Comunista – órgão da classe proletária – fora de todo democratismo, carreirismo, individualismo, contra o imediatismo e contra toda dúvida revisionista quanto à doutrina.

“O comunismo é a VERDADEIRA solução do antagonismo entre o homem e a natureza, entre o homem e o homem, a verdadeira solução do conflito entre a objetivação e a afirmação de si, entre o indivíduo e a espécie. Ele é o enigma resolvido da história e é consciente disto”. (Marx, 1844)

“A civilização e a justiça da ordem burguesa mostram-se sob sua face sinistra cada vez que os escravos desta ordem levantam-se contra seus mestres. Então, esta civilização e esta justiça desmascaram-se como a selvageria sem máscara e a violência sem lei. Cada nova crise na luta de classe entre o apropriador e o produtor faz ressaltar este fato com maior impacto. As atrocidades dos burgueses em junho de 1848 desaparecem por si mesmas diante da indizível infâmia de 1871. O heróico espírito de sacrifício, com o qual a população de Paris – homens, mulheres e crianças – combateu durante dias após a entrada dos Versalheses, reflete tanto a grandeza de sua causa, quanto as glórias infernais da soldadesca refletem o espírito inato desta civilização de que são os mercenários e os defensores. Gloriosa civilização, certamente, cujo grande problema é saber como livrar-se das pilhas de cadáveres que ela produziu, uma vez encerrada a batalha”. (Marx, “A guerra civil na França”

“O determinismo, na sua amadurecida aceitação, nada tem a ver com a passividade. Ele mostra apenas que o homem age antes de ter querido agir e quer antes de saber por que quer, seu cérebro sendo ainda o menos seguro de seus órgãos. Assim, o melhor uso que um grupo de homens pode fazer de seu cérebro sendo ainda o menos seguro de seus órgãos. Assim, o melhor uso que um grupo de homens pode fazer de seu cérebro é ainda prever o momento histórico em que (nada a ver portanto com a passividade) ele será catapultado no turbilhão da ação e da luta – por uma vez a cabeça na frente”. (Diálogo com os mortos, 1957)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. PARTIDO HISTÓRICO E PARTIDO FORMAL	16
2. PARTIDO E SURGIMENTO DO PROGRAMA COMUNISTA.	21
3. PARTIDO FORMAL, PARTIDO HISTÓRICO	27
4. FUNÇÃO, TAREFAS E CARACTERÍSTICAS DO PARTIDO COMUNISTA.	34
5. ORIGEM E FUNÇÃO DA FORMA PARTIDO	63
5.1. Premissas Gerais.....	63
5.2. Origem da Forma Partido	64
5.3. A Natureza do Estado	66
5.4. A Via Proletária Não Se Encontra No Seio do Estado.	68
5.5. A Revolução e os Estados.....	69
5.6. Os Partidos do Proletariado.	70
5.7. Partido e Revolução.....	72
5.8. O Ciclo do Partido Mundial	74
5.9. Por Que o Partido Não Desaparece Jamais.....	76
5.10. Recusa do Anarquismo para Salvar o Programa.	77
5.11. As Diferentes Fases da Vida do Partido	79
5.12. A Última Tempestade Contra-Revolucionária	80
5.13. Função da Forma Partido.....	82
5.14. Características do Partido	84
6. SUMÁRIO.....	89
6.1. Morte do Individualismo	104

INTRODUÇÃO

O número 1 de “Comunismo ou Civilização” (*), publicado em Novembro de 1976, continha, além de um texto de introdução geral, intitulado “Comunismo ou Civilização”, uma série de teses que indicamos serem “complementares” e devendo ser reunidas no corpo de “teses de trabalho” publicadas em 1969 no número 6 da revista Invariance. Fazíamos preceder a publicação dessas teses da seguinte observação:

“Propomos aqui, como quadro de referências para nossos próximos trabalhos, uma série de teses de trabalho. Dentre elas algumas necessitariam ser desenvolvidas e certos temas serão tratados ulteriormente.

A dificuldade residia no fato de que apresentávamos assim, como referência imediata a nossos trabalhos e como quadro necessário à sua compreensão, um documento de trabalho pouco conhecido e dificilmente disponível materialmente. Mas, mesmo assim, julgávamos insuficiente uma pura e simples reedição do número 6 de Invariance, tal como fora publicado em 1969. Nossas “teses complementares” deveriam de imediato, preencher uma certa lacuna, abordando questões que não figuravam no sumário do nº 6⁽¹⁾ e, uma vez remanejado, todo o conjunto deveria ser reeditado. Em suma, julgávamos necessário um trabalho de aprofundamento dos temas abordados na Invariance 6 (trabalho que se exprimia pela publicação de revista), antes de reeditar a seguir um corpo de teses que desempenhasse o mesmo papel que Invariance 6, ou seja, um instrumento de trabalho e de referência para levar a bom termo o trabalho de restauração do programa comunista.

Preocupação permanente desde 1976, a perspectiva dessa reedição tornou-se cada vez mais precisa, a ponto de ser finalmente anunciada para 1981 (veremos em seguida o porque desta data).

Ora, é frente a este vencimento que nos encontramos hoje e nossa incapacidade de respeitá-lo, ou seja, de fornecer um trabalho anunciado de longa data, merece uma explicação.

Para isso, é preciso retornar ao significado do nº 6 de Invariance. Como já escrevemos em várias ocasiões, a Esquerda Comunista da Itália soube assegurar por mais de 50 anos (1912-1966), a firme continuidade da atividade revolucionária do proletário e encarnar, enquanto momento, a permanência histórica e a validade do programa comunista em pleno período de contra-revolução. Esse papel histórico se interrompe, para nós, em 1966.

O que a Esquerda soube finalmente restaurar é que o único meio de resistir à terrível pressão da contra-revolução é reforçar a crítica revolucionária do velho mundo capitalista, já segura e definitivamente condenado há mais de um século; que para isso, é preciso continuar com firmeza o trabalho de restauração da teoria comunista, voltando aos seus princípios cardinais enunciados por Marx e Engels; que é preciso pois, criticar todos os desvios ulteriores e fazer um verdadeiro balanço da última grande vaga revolucionária. Ora,

¹ O sumário dessas teses era o seguinte: 1) Invariância e método. 2) A constituição do proletariado em classe. 3) Submissão real do trabalho ao capital e crise. 4) Parlamento e Sindicatos. 5) O comunismo.

(*) “Communisme ou Civilisation”, em língua francesa.

essa mesma Esquerda da Itália que soubera afirmar tudo isso, sucumbia finalmente num ativismo forçado, digno de trotskismo e perdia este rigor revolucionário, que lhe tinha permitido até aquele momento, resistir. Em 1966, os poucos elementos que no seio da Esquerda haviam tentado até o fim manter as exigências de restauração do programa comunista, julgaram que o quadro organizacional da Esquerda (quer dizer, na época, o Partido Comunista Internacional, Programa Comunista) não oferecia mais nenhuma possibilidade para continuar levando em seu seio esses elementos não houve acordo sobre a natureza dessa cisão e sobre a maneira pela qual devia operar-se a continuidade. Para o File du Temps (conf. Nossos elementos de críticas no CouC nº 1, pp 10 e 11) (*), a continuidade era do tipo organizacional e esse grupo se considerava como sendo o partido depositário da teoria revolucionária e a continuação “viva” da Esquerda face a qual não se manifestava a menor crítica.

Ao contrário, a revista Invariance (nº 1 a 7 antiga série, publicada em 1968-1969) afirmava-se como o verdadeiro continuador daquilo que fizera o sentido e a força da Esquerda durante o período de contra-revolução, a saber a atividade de restauração e de aprofundamento da teoria revolucionária. Portanto, ruptura organizacional definitiva com a esquerda, mas continuidade teórica e histórica, já que se tratava de afirmar a validade da teoria comunista, baseando-se num estudo firme de seus princípios afirmados por Marx e Engels nos anos 1840, confirmados por todos os movimentos revolucionários do proletariado, notadamente a última experiência grandiosa da revolução de outubro na Rússia. Situando-se em relação a todo o arco desta brilhante tradição revolucionária, Invariance era levada a situar novamente a Esquerda Comunista da Itália como um momento dessa tradição, e não, segundo a consciência que a Esquerda tinha de si mesma, como o órgão, do cumprimento definitivo da obra de restauração programática, após a qual devia abrir-se imediatamente um curso prático de atividade revolucionária e de organização do proletariado.

Assim, os elementos de uma “superação” da Esquerda (mais exatamente de sua reabsorção na totalidade da tradição comunista) existiam em Invariance, mas como mostramos no nº 2 (maio/77 conf. notadamente pp 1 a 24) (*), a revista desempenhou um papel de transição. Ao mesmo tempo que fornecia elementos de crítica, ela continuava a se determinar definitivamente em relação à Esquerda, e nesse sentido fazia figura de uma “positividade ainda não verdadeira”, quer dizer, o projeto de restauração do programa comunista não podia ainda ser colocado em toda sua pureza. Definitivamente, Invariance sucumbiu, como a Esquerda, sob o peso do passado, e o imediato que a havia gangrenado reaparecia aqui, ainda que sob uma forma mais intelectual, mais teórica, conduzindo rapidamente ao delírio que se viu desabrochar nas sucessivas séries da revista.

De 1945 a 1966, no seio da Esquerda Comunista da Itália, os artesãos do verdadeiro trabalho de restauração programática (Bordiga, e outros) deviam se chocar com a corrente que triunfa em 1966 e cujo peso se manifesta pela concessão crescente ao ativismo, a fraqueza crítica em relação ao leninismo, à IC, etc... É assim, que, sobretudo a partir dos anos 60, não houve sempre a valorização, no seio da Esquerda, de trabalhos teóricos que ritmavam a obra de restauração. Donde para Invariance, uma tarefa fundamental que consistia em assegurar a publicação (ou re-publicação) e difusão dos trabalhos mais fundamentais, assim como dos textos mais importantes de Bordiga desconhecidos na

França, notadamente sobre a questão da comunidade, do indivíduo, etc...textos que o leninismo do Partido Comunista Internacional levava-o forçosamente a rejeitar ⁽²⁾.

Assim é que Ivariance publicou sucessivamente:

Nº 1. Reedição do texto “Origem e Função da Forma Partido” (1961) precisando as noções de partido-formal, partido-histórico e de partido-prefiguração da sociedade comunista, defendido na época de Bordiga no seio da Esquerda, contra os elementos ativistas que pregavam um novo “Que Fazer?” e uma maior participação do partido nas lutas operárias em curso, em detrimento das tarefas de restauração do programa comunista.

Nº 2. “O VIº Capítulo Inédito do Capital e a Obra Econômica de Marx”. Edição do trabalho dos anos 64-66 sobre o texto do capítulo inédito do Capital e, através dele, sobre a periodização do Modo de Produção Capitalista em duas fases e o desdobramento de sua comunidade alienada.

Nº 3. “Fundamentos e Invariância da Teoria do Proletariado”. Tradução e reedição de textos clássicos da Esquerda.

Nº 4. “Teoria e Ação”. Esse número retomava essencialmente textos da Esquerda, tais como “O Arrevesamento da Práxis na Teoria Marxista”, “Partido Revolucionário e Ação Econômica”, etc.

Nº Especial Nov. 1968. Tradução de dois textos de Marx então muito raros dedicados à questão da Gemeinwesen. “Para a Questão Judaica” (1843) e “Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel” (1844), acompanhados de um texto de comentário: “Proletariado e Gemeinwesen”.

Nº 5. “Perspectivas. O indivíduo e a Teoria do Proletariado”. Além dos textos de Bordiga, dedicados à questão das relações entre o indivíduo e a espécie (“Fraqueje super-homem”, “O Battilochio na História”, “Fantasmas à Carlyle”, etc...), este número compreendia textos sobre maio de 68 e um artigo intitulado “Perspectivas” anunciando o plano das teses do futuro nº6.

Este plano era o seguinte:

“1. Breve história do movimento da classe proletária na área euro-norte-americana, das origens até nossos dias.

1.1. O ciclo histórico, das origens à IIIª Internacional

1.2. As lições do movimento proletário

1.3. O movimento proletário de 1928 até fins da Segunda Guerra Mundial.

1.4. O movimento proletário após a Segunda Guerra Mundial.

2. As revoluções anti-coloniais: a formação da classe proletária nas zonas onde predominava o modo asiático de produção.

2.1. As lutas contra as antigas metrópoles coloniais.

2.2. As lutas contra o imperialismo americano.

⁽²⁾ Assim hoje, para o PCI completamente degenerado que continua a reivindicar-se de uma tradição com a qual está cada vez mais em contradição flagrante, chegou o momento dos renegamentos explícitos. Já o citamos na questão da previsão (cf. Nºs 1 e 8)

Mas também na questão do partido, dado que o PCI rejeita a rica dialética partido formal – partido histórico (que tentamos aprofundar nas teses que seguem).

2.3. Situação atual do movimento: em que medida a classe proletária foi produzida?

3. A questão russa.

Comportamento da Esquerda Comunista da Itália frente a essa questão.

Comportamento dos outros movimentos.

Dados essenciais colocados em evidência pelo fenômeno revolucionário.

4. O desenvolvimento do capitalismo.

Caracteres gerais do capitalismo.

A contradição fundamental do capital: valorização-desvalorização.

Desenvolvimento do capital e crises.

Rejuvenescimento do capital.

A negação do capital é o proletariado.

5. A mistificação democrática.

O fenômeno histórico geral.

Diversos esquemas explicando a relação entre indivíduo e sociedade.

Mistificação democrática e proletariado.

Surgimento do proletariado e anti-democratismo: Babeuf e o movimento operário inglês desde sua origem.

A derrota do movimento: proletariado cobra a burguesia ao pé da letra e quer realizar a democracia.

No plano doutrinal de 1837 a 1844, passagem da democracia ao comunismo.

1848: dupla revolução, utilização da democracia fora da classe; relações com os camponeses e os movimentos nacionais.

Rompimento com a democracia (1851-52), Marx e Engels.

1864-71: democracia no interior da classe.

1871: revolução comunista no período de dominação formal do capital.

Retorno à utilização da democracia fora da classe: o parlamentarismo.

Não compreensão da ruptura que opera-se no fim do século.

Atolamento da social democracia na democracia.

O partido operário social-democrata na Rússia = ATT da área eslava.

1917-1919: superação da democracia.

Rússia: traspasse da revolução.

Alemanha: a rejeição da democracia pelas esquerdas.

Itália: a fração abstencionista.

Refluxo do movimento proletário: frente única = utilizar novamente a democracia dentro e fora da classe (governo operário e camponês).

Tentativa da superação real da democracia em 1951 e sua falência em 1966.

Relações do jovem proletariado dos países recém-chegados à independência e democracia.

Afirmção da necessidade de superara democracia: o movimento proletário (negro) dos Estados Unidos.

Afirmção não consciente quando dos acontecimentos de maio-junho de 1968.

A Gemeinwesen, negação positiva da democracia.

O Fascismo.

Origens.

Doutrina.

Vitória e desenvolvimento do fascismo após a Segunda Guerra Mundial.

Fascismo, Estado e Capital.

Fascismo e Reformismo.

Fascismo, Estado e livre empresa.

Fascismo e Bonapartismo.

Fascismo e estalinismo.

Fascismo = democracia social; relações fascismo e Gemeinwesen material.

6. Defesa da doutrina comunista.

Revisionismo, enriquecimento e esclerose da doutrina.

As questões teóricas “mais ou menos abandonadas”.

A periodização da sociedade humana.

A questão filosófica.

A questão do indivíduo.

Ciência, arte, religião.

A questão militar.

7. A sociedade comunista.

8. A revolução comunista.

Necessidade da previsão.

O ciclo anterior da revolução comunista: revolução na dominação formal do capital.

A revolução futura: esquema estratégico mundial.

Relações entre as classes na próxima revolução.

A reunificação da classe e a formação do Partido-Gemeinwesen (comunidade)

9. Bibliografia.

Ainda aqui, a maior parte das teses previstas para o nº 6, deviam retomar trabalhos iniciados há muito tempo no seio do Partido Comunista Internacional, já antes dos anos 60. Isto vale para o Capítulo I, sobre o movimento operário (Invariance reeditou em seu nº 10 – 1971 – um texto de 1964 – reunião de Marselha – sobre o movimento operário francês); uma parte do Capítulo II sobre a Rússia retomando integralmente um texto de Bordiga de “Rússia e Revolução na Teoria Marxista”; do mesmo modo na parte 4, as teses sobre a questão agrária são de Bordiga, e no que concerne à parte 5, o texto sobre a “Mistificação Democrática” é fruto do trabalho iniciado desde 1962.

Do mesmo modo, as partes 6,7 e 8 (não publicadas) deveriam retomar os elementos de trabalho efetuados de longa data sobre a comunidade, o comunismo, etc...

Assim, se o trabalho de síntese e de reunião para a publicação em um “todo artístico”, das “teses sobre a revolução comunista”, inserida na periodicidade trimestral da

revista *Invariance*, o trabalho mesmo de elaboração teórica não era uma tarefa de três meses, mas de dez anos!

Nºs 6 e 7. Somente as teses 1 a 5, do plano reproduzido acima, foram finalmente publicadas no nº 6, as partes 2 e 3 tendo sido invertidas, a parte 3 sendo publicada sob o título “O Movimento Proletário nas outras Áreas, as Revoluções Anti-Coloniais”. Essas teses foram completadas no nº 7 por uma edição intitulada “A Revolução Comunista. Teses de Trabalho. Textos de Apoio”, e que retomava não só os textos da Esquerda Comunista Italiana mas também das esquerdas alemã, holandesa e inglesa, de Lukács, dos comunistas americanos e indianos dos anos 20, uma vez que nas teses 1.5.20 do nº 6, afirmava-se:

“Um elemento fundamental para a re aquisição da totalidade doutrinal é fornecido pela contribuição da Esquerda Comunista da Itália. Entretanto, muitos elementos paralelos podem ser necessários: Tribunistas, KAPD, diversos movimentos reivindicando-se dos conselhos, Lukács, etc... O trabalho de unificação implica a recusa dos anátemas.

No entanto, essa unificação implica, ao mesmo tempo, numa delimitação muito nítida, senão é unificação de qualquer coisa. Reunificar não é abjurar os cismas (com a democracia sob todas as suas formas, com o movimento anarquista). É ao contrário graças a rigorosas delimitações que o movimento de unificação pode, realmente desembocar na formação de um ser unitário: a classe, enquanto classe e portanto constituída em partido”.

Entretanto o nº 6 não conteve, finalmente, a íntegra das teses previstas e a impossibilidade de levar a bom termo a publicação desse trabalho na sua integralidade derivava do peso crescente do imediato e da ideologia das novas classes médias que infestava, cada vez mais, *Invariance*.

A partir do nº 8, que se inicia com um texto justamente intitulado “Transição”, *Invariance* cai definitivamente no a-classismo e recoloca abertamente em questão os princípios comunistas. Desde então a revista não trouxe mais nada e as poucas edições efetuadas tanto na *Invariance* nova série, quanto em *Spartacus* por Camatte, não fazem senão testemunhar do fato de que um intelectual, quando rompe com a estrita disciplina orgânica da atividade revolucionária, não pode evitar de reivindicar em seu nome os trabalhos que realizou outrora, enquanto militantes anônimos de um partido impessoal. Ademais, como já dizia Lenine, todos aqueles que proclamam a morte do comunismo mostram de fato sua vitalidade, não deixando de falar deste para exorcizar o pavor daquilo que nele acreditam ter conseguido reduzir ao estado de cadáver.

A força do nº 6, e o impacto que devia exercer sobre os raros elementos que não tinham a se dedicar, por um trabalho obstinado, à restauração do programa comunista, vem precisamente do fato de que constituía uma síntese, reunindo num só corpo de teses, a maioria das conclusões do trabalho de restauração efetuado durante anos no seio da Esquerda e depois fora dela.

O que a degenerescência da Esquerda e do PCI, seu ativismo forçado tinham impedido, quer dizer, a necessária ligação de todos esses trabalhos (sobre a organização, sobre a comunidade, sobre a questão filosófica, etc...) tornava-se doravante possível e constituía o ponto de partida de um vasto trabalho inteiramente dirigido à restauração integral do corpo de doutrina. Em compensação, esse nº 6 não estava isento das fraquezas teóricas (as de *Invariance* em geral) e que consistiam principalmente numa série de concessões à ideologia das novas classes médias, notadamente visíveis nas teses sobre a comunidade e sobre a exploração da “humanidade como classe universal”.

Apesar de tudo, enquanto síntese, Invariance nº 6 constitui um documento de importância primordial e, a esse título, desempenhou um grande papel na emergência do CouC.

Com efeito, como síntese e como todo, o nº 6 devia servir de base e referência a um trabalho de restauração. Como referência imediata, permitia-nos situar nosso lugar numa longa tradição comunista que se expressa como totalidade desde 1848. Situando-nos imediatamente, sem ambigüidade possível, sobre esse fio do tempo revolucionário, não parecia necessário declinar nossa identidade através de um catálogo de posições ou de uma “plataforma”, como publicam os grupos que se auto-proclamam organização revolucionária do proletariado. O que era preciso, ao contrário, era retomar o trabalho onde tinha sido abandonado, prossegui-lo e leva-lo a bom termo. Onde, a afirmação de que o nº 6 constituía uma base, sem a qual nossos trabalhos não poderiam, no limite, serem compreendidos. Onde, também, através da reivindicação da integralidade das posições do nº 6, (com as ressalvas vistas acima, no que concerne os próprios limites de Invariance), a possibilidade de dirigir nosso trabalho para o retorno necessário aos fundamentos teóricos do programa (retorno a Marx), sem se ofuscados pela necessidade de fornecer conclusões, resultados imediatos, posições políticas que, por uma parte, figuravam no nº 6, e que importava sobretudo fundamentar e desenvolver teoricamente.

Pensávamos assim ser perfeitamente coerente, não somente com o conteúdo do nº 6 propriamente dito, mas ainda com os próprios projetos que ele implicava, com as “Perspectivas” colocadas no nº 5. O que o nº 6 coloca, a termo, é a restauração da teoria comunista como totalidade invariante. Ora a invariância não é uma repetição interminável de fórmulas apreendidas, mas a capacidade para a teoria de se manter viva e de integrar à sua totalidade, os acontecimentos e os fenômenos que se produzem.

É retornando à totalidade da obra de Marx (o que implica a crítica do marxismo) que se poderá afrontar validamente a realidade e ligar-se à retomada revolucionária futura, prevendo-a.

É o que estava exposto nas “Teses Introdutivas” do nº 6, que reproduzidos abaixo:

- “1. Encontrar-se-á neste número apenas afirmações e nenhuma demonstração. Esta será a tarefa dos números seguintes de Invariance. É por isso que utilizamos a palavra tese. Essas teses são uma tomada de posição frente à doutrina considerada como invariante e frente à realidade social no seu devir, que não entra em contradição com a primeira. Elas são ao mesmo tempo, delimitação face a todas as correntes reivindicando um marxismo qualquer.
2. Este conjunto de teses não é uma simples respostas a uma situação contingente: a atual, onde o programa foi falsificado ou remendado grosseiramente. Porque responder simplesmente aos dados da atualidade, ainda é permanecer no terreno adverso, pertencer ao imediatismo. É preciso integrar a resposta no corpo da doutrina.
3. Todo estudo fundamental deve expor seus limites no tempo. Os limites desse trabalho são: surgimento da doutrina proletária (1848), perspectiva da revolução futura nos anos 1875-80. O raciocínio dialético faz-se entre estes limites. Entretanto, há domínios em que há superação: estudo das sociedades pré-capitalistas e descrição da sociedade comunista.⁽³⁾.”

³ Aqui, pode-se concordar com a afirmação geral, segundo a qual os pontos de referência que enquadram todo nosso trabalho são efetivamente a emergência do programa em 1848 e a revolução futura. Mas não se pode manter tal qual a perspectiva afirmada aqui por Invariance, após a Esquerda, de uma previsão da alternativa guerra ou revolução para 1975. Esta perspectiva faliu historicamente e não apenas importa criticá-la mas

4. Todo trabalho de restauração doutrinal, de manutenção da tradição programática da classe, de decifração do futuro desta e, portanto, da sociedade humana, implica, não uma reafirmação pura e simples de um corpo de doutrina, mas antes de tudo, em função deste, de ser capaz de integrar o resultado ao qual havia chegado o pensamento atuante da classe unificada no seu partido no momento da última grande fase revolucionária.

5. Dado que a época da 1917-28 não pode realizar a restauração integral da doutrina, mas que o esforço – com a descontinuidade revolucionária à qual estava ligado – foi reabsorvido pelo democratismo ambiente, é necessário remontar ao ponto mais elevado do potencial teórico-prático da classe: 1848.

6. A história apresenta uma seqüência de descontinuidades devidas à intervenção das classes. São elas que cortam os nós górdios e resolvem os enigmas. As continuidades intermediárias são apenas a derivação de um conteúdo afirmado no momento das erupções sociais.

7. A obra teórica visa assim compreender de maneira total a base sobre a qual manifestou-se a classe como classe, e portanto a base sobre a qual ela se manifestará amanhã. É por essa obra que o partido formal e depois, alguns elementos que permaneceram fiéis à linha de classe, podem ser a ligação entre as diferentes épocas e participar do partido histórico: a verdadeira Gemeinwesen do proletariado.

8. Compreender a que nível de consideração o proletariado se manifestará na próxima revolução, é desde já ligar-se materialmente à revolução futura. Isso implica lutar contra os obstáculos atuais à sua manifestação: é individualizar o devir inicial das falsas direções que amanhã tentarão desviar a onda revolucionária.

9. Em período de contra-revolução total, como aliás em período de ruptura desta fase, só o pensamento reflexivo, tendo como base mediadora o programa da classe operária, permite reencontrar a ação verdadeira do passado e de ver a do futuro. Por isso ele é potencialmente uma real superação, porque não se limita em ser um elemento do conteúdo, que se esgota entre duas fases revolucionárias. Este pensamento não é uma “paixão da cabeça” mas “a cabeça da paixão”. Seu objetivo é a luta contra todas as influências da sociedade capitalista. Seu fim é a descrição da descontinuidade efetiva futura (a revolução), a descrição da sociedade comunista que a sucede e a colocação bem visível da maneira pela qual o movimento real prepara esta descontinuidade (revolução).

10. A reflexão pode conceber, compreender, explicar as descontinuidades, mas não pode criá-las. Somente a ação da classe pode fazê-lo. No entanto esta não pode efetuar estas rupturas se ela não se constituir como classe, portanto em partido. Ela torna-se então um ser que tem um pensamento coletivo e um programa.

11. O programa não é nossa propriedade privada. Devemos transmiti-lo inalterado às gerações ascendentes e pensamos justamente (em escala mundial) que elas não precisam rigorosamente de nosso meio termo para ter acesso à sua compreensão. Em grande parte, elas atingirão esse ponto por si próprias. Nossa firme postura na linha histórica, permitirá, no momento em que a sociedade será revolucionada, acelerar o processo de integração programática. A reformalização do partido é tarefa de milhões e milhões de homens”. (Invariance 6)

Depois de 1976, com a publicação de 10 números, CouC atrelou-se à continuação desta obra, desse projeto sistematizado por Invariance notadamente no nº 6. Era necessário retornar a Marx, à totalidade do programa comunista, principalmente para combater todos

supera-la num trabalho superior, capaz de prever efetivamente o surgimento dos fenômenos revolucionários no decorrer do período que se abre.

os revisionismos, sejam os que se apresentam sob as cores de imaginação inovadora, ou da rigidez falsamente “ortodoxa”. É assim que, se excetuarmos o nº 1, introdutivo, e as teses sobre a “Esquerda comunista da Itália” publicadas no nº 2, começamos vastos trabalhos de restauração sobre questões essenciais. (*)

Os números 2,4,6,8 e 10 dão continuidade às primeiras partes de um estudo (que ainda está bem longe de ser integralmente publicado) sobre a questão agrária, problema que só os pequenos burgueses reformistas hipnotizados pelo discurso capitalista podem hoje dizer que está resolvido. O massacre pela forma de 50 milhões de seres humanos a cada ano, (ou seja, a cada vez o equivalente de mortos da Segunda Guerra Mundial), a necessidade tática de conduzir na seqüência do futuro movimento revolucionário mundial do proletariado, centenas de milhões de camponeses pobres do planeta, bastam para mostrar a atualidade abrasadora de uma questão a respeito da qual, depois de 50 anos, sucedem-se os piores desvios teóricos e falsificações oportunistas.

O nº 3 foi integralmente dedicado à Gemeinwesen abordando igualmente a questão do partido, que se acha desenvolvido nesse número.

Do mesmo modo dedicamos a integralidade dos números 5,7 e 9 à questão da periodização em duas fases do modo de produção capitalista, a fim de estudar em certos pontos precisos, como se efetuava seu devir e como sua evolução, longe de recolocar em causa os longínquos princípios enunciados por Marx e Engels, só podia ser compreendida à luz destes.

Enfim, começamos no número 8, um vasto trabalho sobre a crise, cuja seqüência será publicada no nº 12, em maio próximo e que deverá desembocar diretamente sobre a previsão da futura crise catastrófica do capital e a próxima retomada revolucionária. É evidente que tudo isso constitui apenas o início de um vasto trabalho que não nos pertence como propriedade particular, mas concerne a todo o movimento comunista, em via de reconstituição.

Ora, esse trabalho não se realiza ao acaso. Ele é enquadrado por um projeto e ritmado por vencimentos. O projeto como vimos, já estava inscrito no nº 6, apóia-se nele. Mas à medida que o trabalho avança o nº 6 torna-se, não caduco, mas insuficiente para integrar os resultados aos quais se chega. Donde, a necessidade, cada vez mais imediata, de realizar o projeto de republicação afirmado desde 1976. Ora, tal republicação implica uma refundição total do nº 6, que se deve ser ampliado, completado, atualizado, remanejado.

Ampliado, porque é necessário desenvolver o que no nº 6 foi algumas vezes apenas adiantado ou afirmado.

Completado, porque o plano inicialmente previsto não foi cumprido.

Atualizado, porque o nº 6 desembocava na atualidade de sua época e a década que passou foi rica de ensinamentos em todos os níveis.

Remanejado, porque devemos superar os limites de Invariance, por um lado, criticar sua incapacidade de superar os limites da Esquerda, e, por outro lado, suas concessões à ideologia das novas classes médias.

Ora, este projeto de republicação inscrevia-se num vencimento: o de 1981. Mesmo naquela época uma tal data não havia sido escolhida arbitrariamente. Pensamos que, com o aprofundamento da crise, 1981 marcaria de novo o ponto mais baixo de um ciclo (após o de 1974-75), abalando um pouco mais o modo de produção capitalista em escala mundial. Aliás, isso verificou-se na Europa e tende a verificar-se nos EUA onde a crise, iniciada em 80, depois rapidamente interrompida, retoma e se amplifica no fim de 81 e começo de 82. Com esta crise, é também a teoria comunista que se confirma, ao mesmo tempo em que enfraquecem-se todas as teses e todas as teorias mascateadas por aqueles que consideram a

hora atual de “movimento revolucionário”. Todavia, como já afirmamos, será ainda necessário tempo e choques muito mais graves para que o modo de produção capitalista trem verdadeiramente sobre suas bases e para que a retomada proletária se efetue em larga escala. Enquanto espera-se isso, os anos que chegam serão ainda anos cinzas, de um trabalho teórico encarniçado para afirmar e precisar o programa revolucionário. Mas, indiscutivelmente, a década que se abre será importante sob todos os aspectos. Donde, fora de todo ativismo e de vontade artificial de “reagrupamento”, a decisão de efetuar esse trabalho de republicação em 1981 (o nº 11 que deveria aparecer em novembro de 1981 devia conter a integralidade desse trabalho).

Isto devia constituir para nosso trabalho uma etapa. Sua continuidade não pode, com o tempo, efetuar-se tendo como única base de referência Invariance 6 e deve apoiar-se num documento análogo porém mais completo, melhorado e sobretudo definitivamente despojado de todas as escórias do passado que ainda podiam, por aqui e por ali, infestar o nº 6. Donde a tentativa de publicar, num bloco, todo o corpo de teses inicialmente previstas, melhoradas e remanejadas. Ora, nós falhamos.

Não só o atual nº 11 sai com quatro meses de atraso, mas ainda contém apenas o capítulo I do número, tal como havíamos previsto.

Certamente poderíamos argüir que a tarefa era demasiado vasta e o projeto demasiado grandioso. Mas isso não é uma desculpa, pois prever desmedidamente, ou seja, superestimar suas forças é um dos piores erros que se cometem, sobretudo do qual participamos, que assumirá cada vez mais o contorno de uma luta de morte entre os dois inimigos históricos: capital e proletariado.

O revés é que não somos capazes, de um só golpe, no presente momento, de editar uma síntese que desempenha para nosso trabalho a vir o papel que desempenhou o nº 6 no passado. Não somos capazes de oferecer, no momento atual, um documento de referência que anuncia, enquadra e explica melhor nossos trabalhos a vir. Donde a necessidade de recuar, mas se possível em boa ordem.

A escolha política expressa-se nestes termos: ou antes privilegiar o aspecto de “todo artístico”, o caráter sintético desse número e o atraso até que tenhamos realizado o trabalho necessário e nesse caso, corremos o risco de paralisar todos nossos trabalhos de publicação, portanto, de um revés político ainda mais grave; ou então privilegiar a necessária atividade de edição e de difusão de nossos trabalhos, a única que permite que seja mantido a ténue ligação que une entre eles os elementos que participam num grau ou noutro, na restauração do programa comunista.

Optamos por esta segunda solução. Isto significa que, se não podemos reunir nossos trabalhos num único todo, nos empenharemos para que suas partes sejam muito sérias, muito mais profundas, muito mais trabalhadoras com relação ao que eram no nº 6 de Invariance. Quer dizer que, a termo ter-se-á bem mais que uma simples reedição, mas já um início de cumprimento de trabalho que o nº 6 pretendia enquadrar. Isso também significa que, a necessária publicação dessas teses não pode atrasar por mais tempo o prosseguimento de nossos trabalhos em curso e que ela deve inserir-se em nosso trabalho geral, tal como o levamos há mais de cinco anos.

As teses do “número 11” aparecerão portanto fora de série, sem alterar a publicação semestral, que prosseguirá notadamente com a seqüência das séries sobre a Questão Agrária, a Crise, etc...

Essa publicação fora de série seguirá o plano inicialmente previsto para a republicação do nº 6:

1. Programa, Classe e Partido.
2. Breve histórico do movimento da classe proletária na área euro-norte-americana, das origens aos dias de hoje.
3. A questão russa e a teoria do proletariado.
4. O movimento proletário em outras áreas, as revoluções anti-coloniais.
5. O desenvolvimento do modo de produção capitalista.
6. Estado e mistificação democrática.
7. Defesa e restauração do programa comunista.
8. A revolução comunista.
9. A sociedade comunista.

Deste plano geral, editaremos hoje apenas o ponto 1: Programa, Classe e Partido, devendo a série prosseguir daqui a alguns meses com o ponto 2: Breve histórico.

O nº 12 sairá como previsto, em maio de 82, tendo no sumário a continuação do texto sobre a crise, dedicado mais precisamente à Rosa Luxemburgo.

Enfim, a edição em língua portuguesa desses textos continuará sendo realizado no ritmo de um número por ano (o nº 1 publicado em 1981, continha teses introdutivas, assim como notas sobre o movimento proletário). O presente nº 2, terá como conteúdo o texto “Programa, Classe e Partido”, assim como uma tradução do texto “Origem e Função da Forma Partido” (publicado numa tradição italiana em 1961, no jornal Programa Comunista, nº 13, e tal como publicado em Invariance 1)

Face às ferroadas que o movimento real começa a infligir cada vez mais seriamente à sociedade capitalista, e que, mobiliza o proletariado em escala mundial, mesmo se ele não luta ainda por seus objetivos históricos, só aqueles que segurarão firmemente em suas mãos a bússola revolucionária saberão evitar os caminhos imundos do revisionismo e os precipícios da inovação modernista. Só aqueles que, fiéis à tradição e ao programa revolucionário, saberão fazer dele uma arma viva para apresentar com firmeza a realidade e os acontecimentos por vir, encontrar-se-ão amanhã no único caminho histórico que é preciso seguir para não perceber: o caminho da revolução comunista.

DURO E LONGO O CAMINHO

GRANDE E DISTANTE O OBJETIVO

Janeiro 82

1. PARTIDO HISTÓRICO E PARTIDO FORMAL

1.1 Ao contrário da maneira com que opera a sociologia burguesa, nossa doutrina não encara os conceitos de classe e de partido como duas realidades separadas, mas conjuga-as numa expressão dinâmica que se pode resumir pela seguinte fórmula: a classe só age como classe quando se constitui em partido.

1.2 “A noção de classe não deve pois nos sugerir uma imagem estática, mas uma imagem dinâmica. Quando descobrimos uma tendência social, um movimento dirigido para um objetivo dado, podemos então reconhecer a existência de uma classe na verdadeira acepção do termo. Mas existe, então, de uma maneira substancial, senão ainda formal, o partido de classe. Um partido vive quando vivem uma doutrina e um método de ação. Um partido é uma escola de pensamento político e, portanto, uma organização de combate. O primeiro traço é um fato de consciência, o segundo é um fato de vontade, mais precisamente do esforço em direção a um objetivo.

Na ausência destas duas características, não possuímos ainda a definição de uma classe (...) Ora, estas duas características só podem se encontrar condenadas, concretizadas, no partido de classe. Assim como a classe se forma à medida da progressão de certas condições e de relações surgidas do desenvolvimento de um novo sistema de produção, por exemplo, o aparecimento de grandes fábricas utilizando a força motriz, que recrutam e formam uma numerosa mão de obra, do mesmo modo os interesses desta coletividade começam, pouco a pouco, concretizar-se numa consciência mais precisa, que começa a se desenhar em pequenos grupos desta coletividade. Quando a massa é impelida a ação, são estes primeiros grupos que, possuindo a visão de um objeto a atingir, apóiam e dirigem o conjunto (...). Estes grupos, estas minorias, nada mais são que o próprio partido. (*Partido e Classe, 1921*)

1.3 Com questão do partido, não é só o problema da organização do proletariado que é abordado, mas toda a história passada, presente e futura da atividade revolucionária do proletariado. É toda a questão da relação entre a classe, sua teoria (programa) e seu partido que é necessário afrontar.

1.4 É apenas quando o proletariado supera o horizonte limitado da sociedade burguesa, para dar à sua ação um objetivo revolucionário, isto é, quando ele está constituído em partido comunista, que realiza seu ser revolucionário. A classe proletária deixa de ser então uma mera e simples classe para o capital e portanto um joguete nas mãos das classes dominantes, submetida às vicissitudes da produção capitalista e ressentindo-a com a fatalidade de um movimento natural. Erguendo-se face à sociedade capitalista, a classe para o capital, classe em si, torna-se classe em si e para si, negação do capital.

1.5 Isso coincide com a maneira pela qual emerge historicamente o programa comunista e, simultaneamente, a solução das questões do partido. Nenhum pensador tirou-a de seu poderoso cérebro, pelo contrário, ela emergiu graças às lutas e aos movimentos de insurreição do proletariado no decorrer da primeira metade do último século.

“Os princípios e as doutrinas, não existem em si, como uma base estabelecida antes da ação; eles se formam, ao contrário, num processo paralelo ao da ação. São os interesses materiais opostos que projetam os grupos sociais na luta prática, e é de ação suscitada por estes interesses materiais que nasce a teoria que se torna o patrimônio característico do partido. Se vierem a mudar as relações de interesse, os estímulos e a direção prática da ação, a doutrina do partido será imediatamente

modificada”. (Natureza, Função e Tática do Partido Revolucionário da classe operária – 1945)

1.6 Erguendo-se contra a velha sociedade, o proletariado desvenda sua verdadeira natureza; ele não existe apenas como uma classe da sociedade capitalista, ele é ao mesmo tempo classe revolucionária “uma classe que realmente se livrou do velho mundo e que, ao mesmo tempo, se opõe a ele”. (Ideologia Alemã)

1.7 As lutas do proletariado contra a sociedade burguesa começam muito antes de 1848, mas, para que ele seja capaz de destruí-la definitivamente, era preciso que nascesse um proletariado desqualificado, concentrando e disciplinado pelo próprio movimento da grande indústria capitalista. Era preciso que as forças produtivas se desenvolvessem suficientemente para entrar regularmente em conflito com as relações de produção. Enfim, era preciso que fossem dadas à humanidade os meios de formular a questão do comunismo de maneira científica, a partir das bases que permitem sua realização. Era preciso que as lutas do proletariado tivessem atingido um certo grau de radicalismo, que se tivessem livrado de suas ilusões passadas, para produzir uma expressão teórica adequada à situação do proletariado, para que tome corpo um verdadeiro programa comunista, apto a dar conta da teoria e da prática revolucionária do proletariado na sua totalidade.

1.8 Em consequência de sua situação material na sociedade burguesa, o proletariado é levado a agir de maneira revolucionária e a resumir teoricamente as condições de sua liberação. Quando o proletariado entra em luta contra a sociedade burguesa, ele tende a realizar seu ser.

“Quando o proletariado anuncia a dissolução da ordem mundial tradicional, ele traduz apenas o segredo de sua própria existência imediata, pois ele é a dissolução efetiva desta ordem mundial. Quando o proletariado exige a negação da propriedade privada, ele tão somente erige em princípio o que mais nele – enquanto representante negativo da sociedade – já está personificado, sem que nada tenha feito para isso”.

(Marx – Crítica da Filosofia do Direito de Hegel)

1.9 A classe proletária moderna se forjou no curso do processo de expropriação dos homens e do acabamento da dissolução da comunidade. Em todas as sociedades anteriores, existia (com variantes) uma comunidade de trabalhadores com as condições da produção (terra, instrumentos de produção). O capital só pode existir se dissolver todas estas ligações e suscitar face a si mesmo uma classe que não possui nenhuma reserva, nenhuma ligação de comunidade com a terra nem com o resto da sociedade, (a não ser sob a forma inumana da comunidade do capital, que se substituiu à comunidade humana), uma classe que não possui outra coisa senão sua força de trabalho, e que é obrigada a aliena-la quotidianamente para poder reproduzi-la. Uma classe para a qual o trabalho não será portanto a ocasião de afirmar com outros homens um ser comunitário, mas será um tormento e um suplício, pois seu trabalho e todas as suas manifestações criadoras se opõem a ela sob a forma de uma comunidade do capital. Mas, ao mesmo tempo em que a classe perde todas as ligações materiais e humanas, inerentes às relações sociais fundadas na comunidade, ela se separa igualmente das condições de vida restritas, das aspirações limitadas que se formavam sobre a base estreita das antigas comunidades. Os antigos camponeses sendo despojados de sua terra, os velhos artesãos sendo despojados de suas condições de produção, todos os que sofreram o inelutável processo de expropriação e de proletarização, formam uma vasta

corde, no seio da qual pode surgir uma crítica radical da sociedade. No início, a crítica toma a forma de uma reivindicação do passado, e a primeira expressão do comunismo é nostálgica. Mas, ocorre que a própria situação material na qual o proletariado é colocado impede qualquer retorno para trás. O proletariado não pode formar uma comunidade humana, ou seja, se reapropriar do ser humano, sem destruir todas as suas condições de vida e toda a sociedade, isto é, a comunidade do capital.

1.10 É esta exigência constante que emerge ao longo de todas as grandes lutas do proletariado desde o fim do século XVIII, e é através destas lutas, observando os objetivos que elas se fixam, as formas que tomam, suas palavras de ordem, que Marx e Engels chegam à instituição de que o proletariado é a verdadeira classe revolucionária da sociedade moderna. Em todas as lutas, o proletariado aparece como negação da ordem existente. O que é preciso é reter a amplitude do novo fenômeno revolucionário que sacode a sociedade burguesa.

1.11 Ora, é a amplitude das lutas do proletariado que permite apreender sua situação e a dimensão de sua negação da sociedade burguesa. Vê-se que, no seio desta, o proletariado não sofre de uma simples falta parcial, de um erro particular, mas que sofre uma mutilação total, sendo privado e separado da própria humanidade, da verdadeira comunidade.

O caráter do proletariado, é de ser:

“... uma classe da sociedade civil que não seja uma classe da sociedade civil; de pertencer a uma ordem que seja a dissolução de todas as ordens, a uma esfera que possui, por seus sofrimentos universais um caráter universal, que não reivindica um direito particular porque não se cometeu contra ela uma injustiça pura e simples que não pode provocar a um título histórico mas a um título humano, que não esteja em oposição unilateral com as consequências, mas em oposição global com as pressuposições do ser do Estado Alemão, de uma esfera enfim que não pode se emancipar sem se emancipar de todas as outras esferas e assim emancipa-las todas, em uma palavra que ela seja a perda total do homem e só possa se reconquistar através da reaquisição completa do homem. A dissolução da sociedade enquanto Estado particular é o proletariado”.

1.12 Assim como o trágico da situação do proletariado só aparece aos olhos do mundo quando ele se ergue para lhe dar um fim (é então que aparece o lado revolucionário da miséria), do mesmo modo os teóricos do proletariado não se contentam em acentuar o lado negativo de sua situação e de sua revolta,⁽⁴⁾ mas mostram como se resolve a negação: reapropriação da *Gemeinwesen* na sociedade comunista.

“Mas o ser coletivo do qual o trabalhador está isolado é um ser coletivo de uma realidade completamente distinta, de uma amplitude completamente distinta que o

⁴ Cf. a este respeito, a dialética de Hegel: “... o negativo é igualmente positivo, ou seja, o que se contradiz não se resolve no zero, negação abstrata mas essencialmente na negação de seu conteúdo particular; dito de outra maneira ainda, uma tal negação não é completa, mas a negação da coisa determinada que se dissolve, portanto, negação determinada; portanto o resultado contém essencialmente aquilo de que resulta – o que na verdade é uma tautologia, pois, de outro modo ele seria um imediato e não um resultado. O resultante, a negação sendo negação determinada, tem um conteúdo. Ela é um conceito novo mais elevado, mais rico que o precedente pois ela se enriqueceu de sua negação, ou seja, de seu oposto, ela o contém portanto, mas também mais do que ele, ela é a unidade de si mesma e de seu oposto”.

(Hegel – “Lógica”)

ser político. O ser coletivo do qual o separa seu próprio trabalho é a própria vida, a vida física e intelectual, os costumes humanos, a atividade humana, o gozo humano, o ser humano. O ser humano é o verdadeiro ser coletivo (Gemeinwesen) dos homens”). (Marx, “Rei da Prússia e Reforma Social”)

1.13. Ao reivindicar o ser humano integral, o ser coletivo, a Gemeinwesen do homem, o proletariado se apresenta como a única classe revolucionária, a classe que encarna o futuro da humanidade. Todas as outras classes da sociedade são conservadoras e representam o passado. O proletariado só pode realizar sua obra humana através de uma revolução total.

1.14. Na ação se desvenda a natureza revolucionária. Não se trata portanto de fazer “messianismo”, como o pretende a crítica burguesa ou pequeno-burguesa, quando se precisa a missão revolucionária do proletariado. Esta se inscreve na práxis do proletariado. Para Marx e Engels isto estava claro desde 1844.

“Se os autores socialistas atribuem ao proletariado este papel histórico, não é absolutamente porque consideram os proletários como Deuses, conforme a crítica aparenta acreditar. É precisamente o contrário. No proletariado plenamente desenvolvido encontra-se praticamente acabada a abstração de toda humanidade, até mesmo da aparência de humanidade; nas condições de vida do proletariado encontram-se condensadas todas as condições de vida da sociedade atual, naquilo que elas podem ter de mais inumano. No proletariado, o homem perdeu-se efetivamente, mas ele adquiriu ao mesmo tempo a consciência teórica desta perda; ademais, a miséria que ele não pode mais evitar nem mascarar, a miséria que se impõe a ele inelutavelmente – expressão prática de sua necessidade – constrange-o diretamente a se revoltar contra tal inumanidade; é por isto que o proletariado pode, e deve necessariamente se liberar por si mesmo. Mas ele não pode se liberar por si mesmo sem abolir suas próprias condições de vida. Ele não pode abolir suas próprias condições de vida sem abolir todas as condições de vida inumanas da sociedade atual, que se resume sua própria situação. Não é em vão que ele passa pela rude, mas fortificante escola do trabalho. Não se trata de saber que objetivo este ou aquele proletário, ou mesmo todo o proletariado se representa momentaneamente, trata-se de saber o que o proletariado é e o que ele será obrigado a fazer historicamente, em conformidade com este ser. Seu objetivo e sua ação lhe estão traçados de maneira tangível e irrevogável, na sua própria situação assim como em toda a organização da sociedade burguesa atual”. (Marx – Engels , “A Sagrada Família”)

1.15. Para apreender realmente toda a perspectiva revolucionária que se abre ao proletariado é necessário precisar qual é o seu ser e a que tipo de ação ele é impelido. É preciso estabelecer quais são as premissas materiais à formação de uma consciência e de uma teoria comunista.

“... nasce uma classe que suporta todas as cargas da sociedade sem desfrutar de suas vantagens, que é expulsa da sociedade e se encontra forçosamente na oposição mais aberta contra as outras classes, uma classe que forma a maioria dos membros da sociedade, e de onde surge a consciência da necessidade de uma revolução radical, consciência esta que é a consciência comunista e pode se formar também,

evidentemente, em outras classes, quando elas vêm a situação desta classe”. (Marx – Engels, “A Ideologia Alemã)

1.16. A luta do proletariado é antes de tudo uma luta de classes; mas, considerando a situação particular desta classe no seio da sociedade, sua emancipação é também a da humanidade inteira, já que através desta emancipação o proletariado realiza a reapropriação do conjunto das qualidades humanas, de que ele está despojado. Na medida em que ela está dividida em classes, a espécie humana está distanciada da *Gemeinwesen*, no entanto, só o proletariado sofre esta situação de maneira absoluta, dado que as outras classes se alimentam de sua própria exploração e portanto de seu despojamento.

Reivindicando esta comunidade, o proletariado só pode agir de maneira revolucionária, pois sabe que o único meio de atingi-la é a destruição radical da sociedade burguesa, e sua própria negação.

Com o proletariado, a possibilidade de emancipação da espécie humana está dada, já que se tem esta “classe de grilhões radicais” que pode arrancar toda a humanidade destas correntes.

1.17. Com o Manifesto do Partido Comunista (1847), o proletariado se mune de uma teórica, onde sua natureza, seu papel e sua missão histórica são claramente precisadas.

“As condições de vida da sociedade antiga já estão destruídas nas condições de vida do proletariado. O proletariado não tem propriedade; suas relações com a mulher e os filhos nada mais guardam em comum com as relações da família burguesa. O trabalho industrial moderno, a moderna sujeição ao capital, tanto na Inglaterra, como na França, na América e na Alemanha, despojam o proletariado de todo caráter nacional. As leis, a moral, a religião, são para ele meros preconceitos burgueses, atrás dos quais ocultam outros tantos interesses burgueses (...) Os proletariados nada tem para salvar que lhes pertença, eles tem que destruir todas as garantias privadas, todas as seguranças privadas anteriores. (...) O proletariado, a mais baixa camada da sociedade atual, não pode se erguer, se levantar, sem romper toda a superestrutura das camadas que constituem a sociedade oficial”. (Manifesto do Partido Comunista)

1.18. Retraçando numa síntese grandiosa todo o arco da sociedade burguesa, de sua gênese à sua destruição, o Manifesto precisa igualmente como todos os traços negativos da classe proletária fazem dela a classe que instaurará positivamente o comunismo. Ela é a classe que produz e reproduz as relações de produção capitalista, que fornece todo o trabalho produtivo, e sobre a qual repousa o peso da sociedade.

Despojados de suas condições de produção, os proletários são concentrados em imensas unidades de produção e manipulam forças produtivas de uma força tal que jamais existiu até hoje. Nenhuma classe teve jamais em suas mãos tanto poder produtor e criador.

Os proletários formam um trabalhador coletivo, uma força produtiva social, que já prefigura sob a forma negativa a unidade da espécie humana num único grande corpo produtivo.

Submetidos, sob todas as latitudes, às mesmas condições de vida, os proletários não têm pátria e não reivindicam uma solução nacional para os seus males. Sua situação prefigura a da espécie futura, unindo suas forças em escala planetária.

1.19. A teoria que faz do proletariado a classe emancipadora da humanidade não é, portanto, nem um pouco idealista; ela tira sua força da própria situação material, histórica, do proletariado. É desta mesma situação que, infere-se as características do programa comunista.

2. PARTIDO E SURGIMENTO DO PROGRAMA COMUNISTA.

2.1. Para poder compreender a natureza da teoria comunista, é preciso lembrar quais são as características da situação histórica do proletariado.

“O comunismo é o produto da grande indústria, e de suas conseqüências, da edificação do mercado mundial, da concorrência sem entraves que lhe corresponde, das crises comerciais sempre mais possantes e universais, e que já se tornaram perfeitas crises do mercado mundial, da criação do proletariado e da concentração do capital, da luta entre proletariado e burguesia que disto resulta. O comunismo, na medida em que é teórico, é a expressão teórica da posição do proletariado nesta língua e o resumo teórico das condições de liberação do proletariado”. (Marx – Engels – “Os comunistas e K.Heizen” 1847)

2.2. Toda a maneira de pensar, todos os comportamentos, todos os esforços teóricos e científicos consumados por uma dada classe são determinados e limitados pela situação material desta classe no seio da sociedade. Assim, os primeiros teóricos da economia política consideravam como prioridade o capital agrícola, já que viviam ainda numa sociedade largamente agrária. Neste estágio, o pensamento burguês é revolucionário, superando o horizonte estreito da sociedade feudal. Do mesmo modo, os mercantilistas teorizam essencialmente as formas do capital mercantil. Mesmo quando atinge seu mais elevado nível em matéria de economia política, o pensamento burguês se revela incapaz de desvendar realmente os arcanos da produção capitalista, a produção de mais valia permanece um mistério para ele, mistificada pelas categorias do lucro e do juro (cf. Capital, livro III).

2.3. O proletariado ao contrário encontra-se colocado numa situação tal que seu “pensamento” só pode ser revolucionário, um resumo das condições de subversão da ordem existente. Precisamos porque as condições em que ele vive o impelem inevitavelmente a insurgir-se contra sua situação, o proletariado é levado a forjar uma consciência desta situação e de sua ação. Daí nasce a teoria, o programa. (A teoria é um guia para a ação).

“O proletariado clama imediatamente de modo brutal, impressionante, violento e decisivo, sua oposição à sociedade da propriedade privada. O levantamento silesiano começa precisamente onde terminam as insurreições operária inglesa e francesas, com consciência do que é a essência do proletariado. A própria ação tem este caráter de superioridade. Não se destruiu somente as máquinas, esses rivais do operário, mas ainda os livros de contabilidade, os títulos de propriedade; e enquanto que todos os outros movimentos, de início, só são dirigidos contra o padrão industrial, o inimigo visível, esse movimento volta-se igualmente contra o banqueiro, o inimigo escondido. Enfim, nenhuma sublevação operária inglesa foi conduzida com tanta valentia, superioridade e resistência” (...) “Que se compare a

mediocridade mesquinha e prosaica da literatura política alemã com o início literário enorme e brilhante dos operários alemães. Que se compare este gigantesco calçado de criança do proletariado com o calçado da política deformada e naniforme da burguesia alemã e, deveremos prever uma forma atlética para o cinderelo alemão. Deve-se admitir que o proletariado inglês é seu economista e o proletariado francês seu político”. (Marx, O Rei da Prússia e a Reforma Social por um prussiano, 1844)

2.4. Em cada um dos três casos, a luta dos proletários é que foi crítica dos diferentes aspectos da vida humana. Os proletários tiram seu conhecimento da luta; este não vem, portanto, como gostariam de apresentar alguns, dos burgueses mas, ao contrário, da crítica das teorias da burguesia. Não é uma esfera particular de nossa atividade que nos vem passivamente da classe adversa e que estaria dirigida para novos fins; à sua situação específica, o proletariado responde fixando objetivos, levando lutas, elaborando um programa que lhes são específicos.

2.5. Do fato de sua situação de classe e de ser portador de uma sociedade nova, o proletariado tem condição de elaborar um programa crítico que supera as representações teóricas que a sociedade burguesa faz dela mesma. Mas a teoria comunista não é absolutamente um novo sistema de interpretação do mundo que se importa por sua única superioridade intelectual, não é uma ciência positiva, mas uma teoria prática que o proletariado deve reivindicar para transformar o mundo. A teoria do proletariado é, portanto uma teoria de partido que só existe dentro e pela luta de classes.

É necessário precisar o que se entende por programa e mostrar como este é inteiramente assimilável à teoria comunista. Aqui, ao contrário do sentido comum, os termos “programa” e “teoria” não refletem duas esferas diferentes: uma mais prática e outra mais voltada para a atividade contemplativa, intelectual. Na medida em que a teoria é uma teoria prática ela é programa revolucionário comunista.

2.6. Existem períodos em que a burguesia parece ter derrotado o programa comunista, liquidando o proletariado; mas, pelo contrário, a derrota momentânea deste, no plano social pode ser ao mesmo tempo vitória no plano teórico. O programa comunista não é apenas uma teoria das revoluções, mas também a teoria contra-revoluções, que não poderiam constituir um desmentido do comunismo. Nesses momentos é preciso manter vivo o programa comunista, a fim de ligar a última grande manifestação da luta do proletariado à retomada futura. É preciso reafirmar que o programa nasceu da luta e só poderá ser realizado através dela; para isto, é preciso considerar as condições de luta contra o capital, e portanto da ligação entre os proletários e o programa. É preciso individualizar claramente os períodos de revolução e de contra-revolução. As teorias que afirmam que o proletariado, pretensamente dotado de uma reserva, não se revoltará mais, é preciso opor as conclusões extremamente candentes do programa comunista: curso catastrófico do modo de produção capitalista, miséria e caráter revolucionário da classe produtiva, etc.

2.7. O proletariado se arma de seu programa histórico, para enfrentar o adversário burguês. Mas é evidente que a arma da crítica não saberia substituir a crítica das armas. Ao burguês que pede provas o proletariado responde com golpes. A vitória teórica sobre a burguesia foi obtida há muito tempo (desde 1847), mas é preciso concluí-la socialmente, pela revolução comunista.

“Para suprimir a idéia da propriedade privada, a idéia do comunismo é suficiente. Para suprimir a propriedade privada real, é preciso uma ação comunista real. A história o trará; já sabemos, em pensamento, que esse movimento porta em si sua própria superação, mas na realidade, ele deverá passar por um processo muito duro e muito longo. No entanto, temos de considerar como um progresso real o fato de que, a partir de agora, tomamos consciência não só do fato de que, a partir de agora, tomamos consciência não só do movimento histórico, mas também de sua limitação e daquilo que o supera”. (Marx, “Manuscritos de 1844”)

2.8. A partir do momento em que o proletariado entra em luta contra a sociedade burguesa, ele procura formular suas críticas, suas palavras de ordem, seus objetivos. Enquanto sua luta não se efetua sobre a base verdadeiramente moderna, do modo de produção capitalista que atingiu a fase de submissão real do trabalho ao capital, esta expressão teórica está entravada. O proletariado tende a procurar referências e modelos do passado, ele tateia para fundar uma outra doutrina de ação coerente. Mas de tanto se ver confrontado às mesmas situações, o homem no amanhecer de sua história, acaba por inventar a linguagem, como instrumento para agir nessas situações comunicando-se com outros homens, assim como o proletariado tira as lições de seus afrontamentos repetidos com a ordem burguesa e as sintetiza num programa, comum a todos os proletários.

É assim que, por exemplo, o proletariado chega a separar-se definitivamente da democracia fazendo a experiência prática de que, à ditadura da burguesia, só se pode opor a ditadura do proletariado.

2.9. Mas, o programa não é uma somatória de palavras de ordem e de pontos de doutrina; é antes de tudo uma totalidade, e sua essência reside no seguinte: é a afirmação da missão revolucionária da classe proletária e de seu papel no futuro da humanidade. A este título, ele abraça todo arco histórico da espécie humana, não só em direção ao futuro (a sociedade comunista), mas também ao passado (história da espécie, gênese do modo de produção capitalista). O programa é, pois o conhecimento integral do curso da espécie humana, compreensão total e adequada do modo de produção capitalista, não para ele mesmo, mas do ponto de vista de sua negação.

2.10. Surgido da ação, o programa não é formado de maneira gradual nem progressiva. Ele é, de chofre, uma totalidade. Todas as certezas parciais, as luzes fugitivas ou as instituições fulgurantes que o proletariado acumulava no decurso de suas lutas, desde o século XVIII, deviam necessariamente se fundir de um só golpe numa síntese grandiosa, a partir do momento em que as bases materiais da ação e da luta se expandiram na dimensão da história universal. Marx mostrou o que as lutas dos Cartistas ingleses, dos operários parisienses, dos proletários alemães, tinham de universal: em 1848 a emergência de todas as facções do proletariado europeu sobre a cena histórica, e a presença já significativa de uma organização, em escala internacional (Liga dos Comunistas), permitiam que os aportes teóricos do proletariado de diferentes países se fundissem num único programa, cuja expressão teórica mais brilhante, a síntese mais precisa, foi o Manifesto do Partido Comunista.

2.11. Para que surja o programa comunista, é preciso então que agora apareça na história essa classe universalmente despojada, totalmente excluída das manifestações de si, da

sociedade burguesa, ou seja, é preciso que apareça o proletariado moderno. De acordo com suas próprias condições de vida esta classe não aspirava a uma expressão teórica “nacional”, mas a uma expressão que seja como ela mesma, universal. A partir de condições sociais idênticas chegará, em cada país, à consciência do comunismo. No entanto, a classe proletária não surge do nada. Mesmo se a sua única aparição constitui as premissas da mais formidável subversão revolucionária que a humanidade jamais conheceu, é preciso antes suportar um doloroso parto através da dissolução das antigas relações de produção. No seu sentido universal, esse movimento não se realiza em toda parte do mesmo modo, quanto à forma; seguindo a história, as tradições, a organização dos diferentes países, o processo de formação do proletariado realiza-se seguindo caminhos diferentes. Da mesma forma, a aspiração ao comunismo que o proletariado mundial expressa desde o início, se manifestará seguindo diferentes formas. Antes de 1848, é principalmente em três países dentre os mais desenvolvidos do mundo capitalista que a atividade do proletariado chega a formular, de modo ainda parcial, a reivindicação do comunismo. Em cada um desses países, o proletariado chegará ao comunismo por um caminho distinto, cuja síntese permitirá a expressão adequada do programa comunista.

“Os ingleses chegaram a esse resultado de uma maneira prática (econômica) após o crescimento rápido da miséria, da desagregação dos costumes e do pauperismo em seu país; os franceses de maneira política, pelo fato de terem sido os primeiros a exigirem a liberdade e a igualdade política, e, considerando isso insuficiente, acrescentaram a essas reivindicações políticas e reivindicações da liberdade e da igualdade sociais; os alemães chegaram ao comunismo, pela filosofia, tirando as conclusões a partir desses primeiros princípios”. (Engels – “Progresso da reforma social no continente, 1843)

Assim, diferente quanto as suas origens, o programa comunista é idêntico quanto a seus resultados; realiza simultaneamente a fusão e a superação dos diferentes momentos de onde surgiu. Uma vez formulado de maneira definitiva (depois de 1847), o programa comunista impõe-se como uma totalidade orgânica, uma teoria própria, que efetua a crítica radical das antigas relações de produção e das representações teóricas que surgem sobre sua base. Nem teoria política, nem ciência econômica, nem filosofia, o programa é a crítica de tudo isso. Os teóricos comunistas descobrem rapidamente que a crítica da filosofia (da qual partem como socialistas alemães), depois da política (que efetuaram ao encontrar o proletariado francês) se resume e se resolve na crítica da economia política (que realizam, referindo-se à nação inglesa, modelo do desenvolvimento econômico capitalista), retomando assim das condições sociais mais atrasadas (Alemanha) às mais avançadas (Inglaterra), a fim de analisar as contradições mortais que abalam o modo de produção capitalista.

2.12 “Para a classe proletária moderna que se formou nos primeiros países de grande desenvolvimento industrial capitalista, as trevas foram rompidas pouco antes da metade do século passado. A doutrina integral na qual acreditamos, na qual devemos e queremos acreditar, teve naquele momento todos os dados para se formar e descrever um curso de séculos que deverá verifica-la e reforça-la após lutas desmesuradas. Ou esta posição permanecerá viável (quer dizer, confirmada na prática, ndr) ou a doutrina será reconhecida como falsa e a declaração do aparecimento de uma nova classe, com um caráter, um programa e uma função revolucionária próprias na história, terá sido emitida no vazio. Aquele, portanto, que se obstina em substituir partes das teses, dos artigos essenciais ao

“corpus”marxista – que possuímos há cerca de um século – destrói sua força de modo pior que aquele que o renega abertamente e proclama seu malogro”. (A invariância histórica do marxismo)

2.13. Aqui ainda, a ação é a principal garantia da validade da teoria. É o único reforço de que a teoria necessita, e não se pode substituí-lo pela repetição interminável de fórmulas aprendidas de cor.

“Após o período “explosivo”no qual a própria novidade da reivindicação, torna-a clara e nitidamente delimitada, o caráter crônico das situações sucessivas não é uma melhora ou um reforço, mas antes uma involução e uma degenerescência da “consciência” de classe. Os momentos – e toda a história do marxismo o prova – em que a luta de classes torna-se de novo aguda, são aqueles nos quais a teoria retorna, com memoráveis afirmações, às suas origens e à sua primeira e integral expressão: basta lembrar a Comuna de Paris, a revolução bolchevique, o primeiro pós-guerra no Ocidente”. (A invariância histórica do Marxismo)

2.14. De tudo isso decorre que o programa do proletariado, a partir de seu nascimento, constitui uma totalidade orgânica. Ele é um Todo, cujas partes, são indissociáveis. É importante precisar esta afirmação, na medida em que um dos maiores males de que sofreu a teoria do proletariado foi o dogmatismo cientista, que substituiu a crítica teórica da realidade pela repetição interminável de fórmulas esvaziadas de seu sentido e quase que reduzidas ao nível de rituais mágico.

Segundo este mesmo procedimento é que se transformou os mais brilhantes militantes comunistas em “grandes homens”. Ora, a defesa e a continuação da obra comunista dos maiores esforços teóricos e também proíbe que o pensamento seja paralisado pelo dogmatismo. É preciso que as verdades pelas quais luta o proletariado possam ser compreendidas, a fim de serem demonstradas (mesmo se o militante individual não é sempre capaz de cumprir essa tarefa, no nível da totalidade do programa comunista, isto compete ao partido de classe, impessoal e anônimo). Mas face ao adversário de classe, esta “demonstração” só pode ser feita através da luta de classes mais impiedosa. Não existe discussão democrática das posições revolucionárias, pois:

“Nossa “verdade”não é evidentemente absoluta. Mas, já que no momento exato derramamos sangue em seu nome, não temos nenhuma razão, nenhuma possibilidade de engajar uma discussão literária sobre o caráter relativo da verdade com aqueles que nos “criticam”mediante o emprego de todo tipo de armas”. (Trotsky – “Terrorismo e Comunismo)

2.15. Quando se diz que o programa é acabado e invariante, diz-se que ele soube integrar de uma só vez e numa vasta síntese, todos os dados do afrontamento social que engaja os dois principais protagonistas da sociedade moderna: a burguesia e o proletariado. Quando falamos de todos os dados, dizemos que o proletariado (o partido) mostrou-se de imediato capaz de prever a curva geral desse afrontamento; e que descreveu antecipadamente suas etapas, até a última: a revolução comunista. Se, portanto, o curso dos acontecimentos históricos não vem opor elementos que não poderiam ser incluídos na totalidade do programa não precisa sofrer nenhuma modificação. No caso inverso também não é preciso

modifica-lo, seria preciso pura e simplesmente abandona-lo, e é então que, segundo as palavras de Bordiga, “o último comunista teria desaparecido”.

2.16. A base e as condições do programa são portanto invariantes. Isso não quer dizer que não há nada a precisar, e a atividade de todos os revolucionários constitui – também – em precisar e em reforçar o programa comunista.

2.17. Para precisar ao mesmo tempo a gênese do programa, seu acabamento em bloco e sua restauração, poder-se-ia recorrer à seguinte metáfora. Um pintor que aprende sua arte, que procura seu estilo, pratica um certo número de esboços e rascunhos que faz e refaz incessantemente. É deste modo que podem ser considerados o “Manifesto dos Iguais” de Babeuf, os programas dos utopistas, etc.

No apogeu de sua arte, o pintor possui a faculdade de gravar numa tela um quadro acabado, fruto de toda a sua experiência e de seu trabalho passado. (Dizia um célebre pintor que, para fazer um quadro, precisaria tanto de 40 minutos, como de 40 anos de trabalho). Deste modo surge o proletariado traçando, com um único traço no pergaminho da história, o fruto de sua experiência de dezenas de anos de luta. Enfim, se imaginamos o pintor empreendendo uma obra grandiosa, cuja totalidade das formas deveria representar o conjunto dos aspectos da vida; se ele não pudesse acabar esta obra, em todos os detalhes, esta não deixaria de parecer acabada. As regras da composição pictórica, a compreensão das intenções e do estilo do artista, permitiram a um aluno aplicado ou ao atelier do mestre, executar o acabamento, completar as formas e as cores. Pode-se considerar, do mesmo modo, o programa comunista, que aparece imediatamente como uma totalidade, o que não exclui (como para toda totalidade orgânica) um desenvolvimento ulterior dos momentos que o compõem).

2.18. Portanto, não é absolutamente contraditório afirmar a invariância do programa comunista e salientar a necessária continuidade da obra teórica que não pode fechar-se sobre si mesma e contemplar-se sem correr o risco de tornar-se um astro morto. Tal é a compreensão verdadeiramente dialética da invariância da teoria do proletariado. A situação do proletariado na história não varia. O proletariado deve cumprir sua missão e para tanto ele precisa de armas sólidas, e a tarefa dos revolucionários é de contribuir para o fortalecimento e a defesa do programa.

2.19. O programa comunista apreendeu na sua integralidade o curso histórico do modo de produção capitalista. Pode-se portanto apreender seus fenômenos recentes, sem ter que recorrer a outras teorias ou ao enriquecimento daquela que é a nossa há cerca de um século e meio. A melhor defesa do programa é mostrar que ele previu e dá conta destes fenômenos, e para isso é preciso reforçar-lo onde está insuficientemente desenvolvido.

2.20. Tal atitude foi a de Marx e Engels após 1848. Não se contentaram de uma “intuição”, mostraram a realidade do programa. Em cada época de contra-revolução, a luta revolucionária praticamente só prosseguiu no plano teórico, continuando a precisar o programa. Marx e Engels descobriram a lei geral, a lei-invólucro; a seguir precisaram as leis particulares. Para precisar a relação do proletariado com o seu programa, é preciso, como dissemos, estudar as fases de revolução e contra-revolução.

2.21. O proletariado é revolucionário ou não é nada. Ora, o proletariado só é revolucionário quando apropria-se de seu programa, e só o faz constituindo-se em partido, cujo programa é a alma. O que é portanto o programa, quando o proletariado não se manifesta de maneira revolucionária? O que ocorre com o partido?

3. PARTIDO FORMAL, PARTIDO HISTÓRICO

No programa, que é inteiramente assimilável à teoria, o aspecto teórico e o aspecto prático estão ligados. Para nós, do mesmo modo que a teoria não significa a compreensão abstrata, a “interpretação” dos fatos, o programa não significa um catálogo de posições imediatas, mas a compreensão unitária por parte do proletariado de sua situação no seio do modo de produção capitalista, de seu movimento revolucionário para destruir este último, e da sociedade futura que emerge a partir de todo este processo. No programa estão portanto inclusos todos os aspectos: teóricos, políticos, sociais, militares, da teoria do proletariado. A luta constante do proletariado para se organizar em partido (mesmo nos períodos de contra-revolução é necessário preparar a retomada e a reemergência do partido) é uma luta para a reapropriação do programa comunista, para enraíza-lo no seio de um conjunto organizado que é o partido comunista formalizado.

A revolução não é uma questão de forma de organização. O que faz com que a organização do proletariado mostre-se revolucionária é preciosamente seu conteúdo, seu programa. Na mesma medida em que, impulsionados para o mesmo objetivo, os membros da classe proletária forjam um programa que lhes é comum, eles se reúnem sobre uma base de ação comum. Quando há conjunção desses dois fenômenos: unidade de consciência e unidade de ação, a base do partido está criada (examinaremos mais adiante as diferentes situações segundo os diferentes graus desta conjunção). O partido recolhe todas as energias revolucionárias da classe e totalizam-nas numa unidade que é superior à sua simples adição numérica. O que faz o partido, o que define profundamente seu ser, não é o número de proletários que a ele aderem num dado momento, nem o que este ou aquele proletário, ou o conjunto da classe, pensa num dado momento, mas o programa, isto é, a consciência acabada daquilo que o proletariado é, e o que será historicamente obrigado a fazer.

“Nos seus termos gerais, a tarefa do partido proletário no processo histórico se apresenta do seguinte modo:

A todo momento, as relações econômicas e sociais do capitalismo são ressentidas como intoleráveis pelos proletários, e impelem-nos a tentar supera-las. Através de complexas vicissitudes, as vítimas destas relações são levadas a constatar a insuficiência dos meios individuais nesta luta instintiva contra os sofrimentos e as privações comuns a um grande número de indivíduos, e a experimentar formas de ação coletiva para aumentar pela associação o peso de sua influência sobre a situação social que lhes é imposta. Mas a sucessão destas experiências que marcam todo o desenvolvimento da atual forma capitalista, conduz à constatação que os trabalhadores não terão nenhuma influência real sobre seu próprio destino enquanto estiverem associado seus esforços para além de todos os limites locais, nacionais e profissionais, e enquanto eles não tiverem dirigido para um objetivo geral e integral que se concretiza na derrubada do poder político burguês – pois enquanto as estruturas políticas atuais estiverem de pé, sua função será sempre a de aniquilar todos os esforços da classe proletária para subtrair-se à exploração.

Os primeiros grupos de proletários que atingiram esta consciência são os que intervêm nos movimentos de seus camaradas de classe e que, pela crítica de seus esforços, dos resultados obtidos, dos erros e das decepções, conduzem-nos em número sempre crescente para o terreno desta luta geral e final que é uma luta pelo poder, uma luta política, uma luta revolucionária. Assim aumenta, de início, o número de trabalhadores convencidos de que apenas a luta revolucionária final resolverá o problema de suas condições de vida, ao mesmo tempo que engrossassem as fileiras daqueles que estão dispostos a afrontar as privações e os sacrifícios inevitáveis da luta, colocando-se à frente das massas que se revoltam por causa de seus sofrimentos, a fim de utilizar racionalmente seus esforços e de assegurar-lhes uma plena eficácia.

A tarefa insubstituível do partido apresenta-se portanto de duas maneiras: primeiro como fato de consciência, e em seguida como fato de vontade; a primeira se traduz numa concepção teórica do processo revolucionário que deve ser comum a todos os aderentes; a segunda, na aceitação de uma disciplina precisa assegurando a coordenação e portanto o sucesso da ação”. (Partido e Ação de Classe – Resseña Comunista, 1921)

Temos aqui, simultaneamente, a descrição do processo histórico pelo qual o proletariado forjou seu partido de classe “pela primeira vez” e a descrição do movimento pelo qual o partido se reformaliza cada vez que as circunstâncias históricas impulsionam novamente os proletários a se insurgirem em massa contra a sociedade capitalista.

Do mesmo modo, o texto acima citado, descreve como se forja, no curso da luta do proletariado, uma vantagem, capaz de conduzir as massas sobre um terreno autenticamente revolucionário enunciando claramente e defendendo os princípios revolucionários. Em tais momentos é no seio do partido formal que se efetua a defesa do programa comunista. Mais complexa é a questão da defesa do programa comunista quando o partido formal, a organização desapareceu. Para isto, é necessário precisar os conceitos de programa, partido histórico, partido formal. É necessário considerar dois pontos:

1º- A ligação entre partido-organização (partido formal) e partido-programa (partido histórico).

2º- Quais são as situações, quais os momentos favoráveis à fundação do partido.

O primeiro ponto envolve a questão do partido histórico / partido formal. É significativo que, enquanto a Esquerda Comunista da Itália tinha contribuído para precisar estas questões no sentido de uma restauração das posições comunistas de Marx e Engels, os epígonos ocultaram completamente essas teses, totalmente incompatíveis com sua concepção ativista do trabalho dos comunistas e períodos de contra-revolução. Do programa Comunista (PCI) aos Nuclei Leninisti Internazionalista ⁽⁵⁾ (Il lavoratore comunista), todos acusam essas teses de transmitir uma visão mística e idealista. Vindo de gente que erigiu em princípio uma agitação sem princípios, e que pretende subverter a sociedade todas as manhãs sem ter em conta as condições reais nas quais poderia intervir esta subversão, a acusação de

⁵ Dizia Lenine: “não me chamo mais social-democrata, mas comunista”. Os próprios Nuclei, não se denominam mais desde sua fusão, comunistas – o que eles já eram bem pouco – mas, “leninistas”, o que eles são evidentemente, em demasia.

idealismo provocaria risos caso suas “teorias” não fossem também tão aflitivas. Ou então, os mais idealistas teriam sido Marx e Engels, que forjam os conceitos de partido formal e de partido histórico para explicar sua situação e a do proletariado num dado momento.

Em sua carta a Freiligrath de 29 de fevereiro de 1860, Marx precisa o que é a vida do partido:

“A “Liga” como a “Société des Saisons” de Paris, como cem outras sociedades, não foi senão um episódio da história do partido que nasce espontaneamente (*naturwuchsig*) do solo da sociedade moderna.

Aqui, já estão incluídas as duas noções essenciais de partido formal e partido histórico.

Este “partido que nasce espontaneamente do solo da sociedade moderna”, é o partido histórico. Temos aqui, todo o processo já descrito acima: de acordo com sua situação histórica, o proletariado é impulsionado a forjar-se uma visão unitária, seu programa, e a agrupar-se em torno deste para afrontar a classe inimiga. Este programa é de todos os proletários, para afrontar a classe inimiga. Este programa é de todos os proletários para além das gerações sucessivas; ele é o conteúdo (permanente) do partido histórico, e não deve ser recolocado em questão. É porque o programa é invariante e inalterável, expressão adequada da situação do proletariado na história, que o partido é dito nascer espontaneamente do solo da sociedade moderna. A palavra alemã “*naturwuchsig*” indica a idéia de um crescimento necessário, um pouco como o de uma planta em solo fértil. A espontaneidade indica aqui, que as condições históricas e sociais estão doravante reunidas para que surjam o programa e o partido comunistas, este último sendo doravante capaz de dirigir vitoriosamente a luta do proletariado internacional.

A mesma passagem de Marx a Freiligrath trata do partido formal: “A Liga (...) como cem outras sociedades, não foi senão um episódio”. O partido formal é representado sucessivamente por organizações que são episódios na história do partido histórico. Onde: a história do partido (histórico) é a história de suas formas, não somente quando o partido histórico está formalizado, quando existe o partido-organização, mas ainda quando o partido histórico se exprime no contexto de um período desfavorável, onde a existência do partido formal não é possível. Nesse caso, só existe o partido-programa, partido na acepção histórica do termo, o qual pode encontrar expressões diversas encarnadas por pequenos grupamentos de homens que não são ainda o partido formal e cuja tarefa é favorecer a reapropriação do programa, isto é, a reformalização do partido comunista. O partido histórico não é portanto, de modo algum, uma idéia que paira nos ares e que viria regularmente encarnar-se na terra como o Espírito Santo. Bem ao contrário, o partido histórico só existe através de suas formas e expressões e é estudando a sucessão destas que podemos retrair a história do partido histórico.

Assim, é examinando seu movimento que poderemos precisar melhor o conceito de partido histórico. Se contenta em identificar o partido histórico a um puro conteúdo que, a intervalos regulares encarnar-se-ia num partido formal, faz-se apenas metafísica. E se dizemos que o partido histórico equivale ao programa, então qual a necessidade de existirem duas noções distintas? Por que falar de partido? Se o partido só e o programa, por que este último não basta a si mesmo e por que um partido?

O modo pelo qual o programa comunista resolve esta questão nada tem a ver com uma concepção metafísica de dialética partido-formal / partido-histórico. A teoria comunista como o partido histórico se apresenta na história, não como uma idéia, mas como um partido real, mesmo não sendo forçosamente uma organização no sentido formal do termo: a organização do proletariado em partido formal não é permanente. O partido formal, organizado, só existe episodicamente, o que corresponde aos períodos revolucionários. Marx precisa esta noção acrescentando que ele é efêmero.

“Observo inicialmente que, depois que sob minha solicitação, a “Liga” foi dissolvida em Novembro de 1852, jamais pertenci – nem pertenço – a qualquer sociedade secreta ou pública; e portanto, que o partido, no seu sentido efêmero, deixou de existir para mim há oito anos”. (Marx a Freiligrath, *idem*)

O partido não é, portanto, unicamente esta noção diferencial, partido formal, cuja vida depende do destino da luta de classes. (Em período de contra-revolução, a organização só pode desaparecer, como o fez a Liga após 1852). Ele comporta também uma noção integral que caracteriza o partido histórico.

“No mais, tentei desfazer o mal entendido segundo o qual eu entenderia por “partido” uma liga morta há oito anos, ou uma redação de jornal dissolvida há doze anos. Entendo o termo “partido” na sua ampla aceção histórica”. (Marx a Freiligrath – *idem*, grifado por nós)

Até o presente deduzimos (e a história do movimento comunista nos permitirá ilustrar esta posição) uma noção diferencial ou episódica do partido, ou seja o partido formal, à qual se opõe a noção integral ou a continuidade do partido histórico. É o fato de poder se situar nessa continuidade, que é também a do programa do ser humano e que é aparentemente negada nos períodos de contra-revolução, que permite resistir ao peso da derrota.

A noção integral do partido (histórico) é portanto sua continuidade. Sua noção diferencial, são os episódios no curso dos quais o partido se formaliza. Se há história destas formas, é que, desde um século e meio o partido não se formalizou sempre de maneira idêntica, contentando-se em reproduzir incessantemente em esquema organizacional inalterado. O partido formalizou-se de diferentes maneiras, no sentido em que se formalizava de maneira mais ou menos adequada a seu conteúdo, ao programa. Em cada uma dessas experiências ganhou-se uma confirmação, uma precisão da teoria. Tudo isso, a história das três internacionais mostra-se amplamente.

Na história do partido histórico, há sempre isto: este só se formaliza episodicamente em partido revolucionário do proletariado mundial. Nas fases de contra-revolução, onde não existe mais o partido formal, o partido não poderia ser assimilado a uma simples idéia, a um programa abstrato suspenso acima do tempo, à espera de uma eventual retomada revolucionária. Se o partido histórico fosse apenas isso, ele não poderia mais existir como tal. Para que ele possa agir como partido histórico é necessário que tenha uma expressão concreta, expressão cuja adequação ao programa variável segundo as circunstâncias históricas.

O partido histórico se exprime nos seus diferentes momentos. É necessário que haja sempre um grupo de homens que o encarne, caso contrário ele deixa de existir. Estes grupamentos constituem tantos momentos do partido histórico, na medida em que se inserem na continuidade do programa e na medida em que são mais ou menos adequados a este, mais ou menos próximos do comunismo. Em todo caso, é o programa que os mediatiza, e é sua capacidade de defender o programa, de exprimi-lo, que os torna de fato momentos aptos a inseri-lo na continuidade do partido histórico. Estes grupamentos se situam, portanto na história única do partido, não há dois partidos cada qual com sua história, um formal, outro histórico; há um partido histórico que tende a se formalizar nos períodos de revolução, e que, nos períodos desfavoráveis conduz a luta, graças à sua expressão limitada a um grupamento que assegura a continuidade e a defesa do programa comunista.

Se nenhum grupamento subsistir para assegurar materialmente a continuidade, esta é então rompida e deve-se concluir que o partido histórico não mais existe. Isto não quer dizer que a epopéia revolucionária tenha acabado, mas que o partido histórico temporariamente não tem mais representação, não tem mais forma e que portanto momentaneamente desapareceu. Falar então de “permanência” do partido, é tratar de conceitos vazios. Isso quer simplesmente dizer que as condições reais subsistem para quem num dado momento, ressurgir um grupamento de homens capazes de reafirmar o programa do proletariado. Potencialmente este programa está, portanto presente, sempre real, mas a continuidade na sua defesa é rompida. Sob pena de cair numa concepção mecanicista e vulgarmente materialista da realidade, deve-se distinguir entre as condições materiais para a aparição de um fenômeno dado, e o próprio fenômeno. Enquanto a organização da sociedade capitalista permanecer inalterada no seu fundamento (e para nós é evidente que esta sociedade não sofreu até o presente qualquer mudança que não tenha sido prevista e enquadrada pela teoria), as condições para uma luta revolucionária do proletariado e, portanto para a emergência do programa comunista permanecem dadas. Mas as condições em si mesmas não fornecem necessariamente os resultados, podendo ocorrer que a continuidade na defesa do programa comunista seja rompida por falta de órgãos aptos a assegurá-la. Precisemos que essa continuidade nada tem a ver com a continuidade física entre os indivíduos aos quais suas experiências passadas conferiria o poder de transmitir o programa às gerações futuras. Só um trabalho constante, paciente e obstinado de reapropriação do programa comunista permite aos militantes comunistas participar ativamente de sua defesa e transmissão às gerações futuras. Evidentemente, uma ruptura na continuidade do programa hipotecaria gravemente a futura retomada revolucionária, tornando mais difícil a reapropriação do programa pela classe.

No transcorrer de todo o meio século que vai de 1848 a 1895, defesa e continuidade do programa revolucionário se confundem com a infatigável atividade militante de Marx e Engels. Mas situar esta continuidade unicamente no plano da obra pessoal e da capacidade individual de encarnar esta fidelidade, seria romper com nosso critério de impessoalidade do programa comunista. É muito mais importante mostrar como Marx, Engels e muitos outros anônimos trabalham sucessivamente no seio de partidos formais organizados (Liga dos Comunistas, AIT, depois Segunda Internacional), e no seio de minúsculos grupamentos representando momentos do partido histórico.

Somente os históricos ativistas que bradam permanentemente para chamar o proletariado a sublevar-se contra seus exploradores, independentemente das condições

reais, podem acreditar que o trabalho de aprofundamento teórico, que se efetua em tais períodos, é apenas uma atividade de “pensadores”. Marx e Engels, que nesse plano não tinham nada a aprender, afirmaram muitas vezes claramente esta necessidade de bater em retirada, e de prosseguir, quando as condições são desfavoráveis, o combate com as únicas armas deixadas ao partido histórico: as armas da crítica teórica.

“Devo de início dizer-te que, desde 1851, não tenho a menor relação com qualquer das sociedades operárias públicas (mesmo aquelas que chamamos de comunistas). Os únicos operários com os quais mantenho contato são vinte ou trinta homens selecionados aos quais eu faço, privadamente, exposições de economia política”. (Marx a Lassale, 6 de Novembro, 1859)

“... e ainda escrevi que não tinha mais ligação com qualquer associação desde 1852, e que tinha a firme convicção de que meus trabalhos teóricos seriam melhor à classe operária do que meu ingresso em associações que já tiveram seu momento no continente. Após o que fui atacado muitas vezes, senão abertamente, ao menos do modo compreensível, por causa de minha “inatividade”. (Marx a Freilligrath, 29 de Fevereiro de 1860)

Ora, é precisamente por não confundir atividade revolucionária e agitação vã que Marx e Engels tinham direito de “declarar cruamente”, para a surpresa desses simplórios:

“Somos nós mesmos apenas que nos atribuímos nossa missão de representantes do partido proletário, mas esta é avalizada pela ira exclusiva e geral que nutrem por nós todas as frações e todos os partidos do velho mundo”.

“Uma revolução é um fenômeno puramente natural, comandado por leis físicas, muito mais do que por regras que determinam em tempo ordinário o curso da sociedade, ou melhor estas regras revestem-se nas revoluções de um caráter muito mais físico, a força material da necessidade nelas se manifesta com mais violência. Basta manifestar-se como representantes de um partido que se é arrastado nesse turbilhão da irresistível necessidade que reina na natureza. Pelo simples fato de permanecer independente e revolucionário e de ser, mais do que os outros, ligados à causa, é possível – durante um certo tempo pelo menos – preservar sua autonomia face a esse turbilhão no qual acaba-se finalmente sendo envolvido.

Esta posição, nós podemos e devemos adotar na primeira ocasião: nenhuma função oficial no Estado, nem – enquanto for possível – no partido, nenhum assento nos comitês, etc..., nenhuma responsabilidade para os que bancam os asnos.

Crítica impiedosa face a todo mundo e, principalmente, conservar esta serenidade que todas as conspirações dos imbecis não podem nos fazer perder. E isto nós o podemos. Podemos, sempre objetivamente, ser mais revolucionários que estas tagarelas, porque nós aprendemos alguma coisa, enquanto que eles nada aprenderam, porque sabemos o que queremos, enquanto eles não o sabem e porque, após a experiência destes últimos três anos, podemos suportar os acontecimentos com muito mais frieza do que qualquer um diretamente interessado na questão”. (Engels a Marx, 13 de Fevereiro de 1851)

3.16. A história do partido histórico é diretamente concordante com a história da classe proletária, seu movimento através dos períodos de avanço e recuo, de vitória e derrota, de

revolução e de contra-revolução. Quando o partido formal, desaparece e o partido histórico só subsiste através de sua expressão por um grupo de homens, o trabalho é, sobretudo teórico. Isso quer dizer que reconheceu-se a derrota e a impossibilidade de reverter a situação por causa das condições materiais desfavoráveis à revolução. Ou então, isso mostra que a teoria foi mal compreendida.

3.17. Já insistimos sobre a natureza de tal trabalho teórico, determinado pela própria natureza do programa: ele deve ser invariante, impessoal. Isto supõe que o grupo que procura continuar o trabalho, uma vez quebrado o élan revolucionário, não deve querer inovar, procurar as causas da derrota numa falha da teoria, mas deve reforçar essa teoria, mostrar que ela está sempre viva, e em que condições ela poderá novamente tornar-se “força material”. Isto só pode ser feito através do trabalho teórico. Em tais períodos a expressão do trabalho do partido é necessariamente reduzida e limitada a um pequeno número de pessoas. É ilusório procurar mobilizar as massas proletárias fora do único terreno do qual pode surgir a consciência de sua missão histórica: o terreno das lutas de classes. O partido (histórico) deve procurar prever o momento em que a reemergência destas lutas, sua amplitude, permitirão novamente a reapropriação pelo proletariado de seu programa comunista invariante. Esta reapropriação será tanto mais facilitada, na medida em que o partido histórico tenha defendido, restaurado, precisado, o programa comunista.

3.18. No momento atual, o partido comunista do proletariado não existe mais sob seu aspecto formal. Ele deixou de sê-lo com a derrota da III^o Internacional (1928: vitória da tese do socialismo em um só país no seio da IC). Tudo o que se deve depois foram momentos do partido histórico. A tendência em querer formalizar esses momentos, cristaliza-los em organização (P.C.I) era um sinal de confusão e no fundo de incompreensão fundamental do programa, para o qual não se cria partido em período de contra-revolução. Após a cisão de 1966 do P.C.I., os elementos agrupados em torno da revista *Invariance*, prosseguiram o trabalho que alguns (Bordiga, etc...) já empreendiam no seio do P.C.I., um trabalho de restauração teórica centrado no retorno à obra de Marx ⁽⁶⁾ integrando toda a contribuição da Esquerda Comunista da Itália.

3.19. Comunismo ou Civilização, situa-se na mesma linha e tenta prosseguir este trabalho. É por isso que sempre foi dito que este grupamento não poderia ser considerado como núcleo do futuro partido formal, que presidiria a emergência do partido revolucionário. O programa não é nossa propriedade privada. Nós devemos contribuir para transmiti-lo às gerações vindouras e pensamos justamente (em escala mundial) que elas não tem rigorosamente necessidade de nossa mediação para ter acesso à sua compreensão. Elas a lograrão em grande parte por si mesmas. Nossa firme manutenção na linha histórica permitirá, no momento em que a sociedade for revolucionada, acelerar é tarefa de milhões de homens.

3.20. Como órgãos que obra para a reapropriação do programa comunista, CouC não pode querer-se senão como um momento, dentre outros do partido histórico. É assim que nos inserimos no curso global da atividade proletária, procurando ligar a experiência

⁽⁶⁾ “Dado que a época de 1917-1928 não pode completar a restauração integral da doutrina, mas que o esforço – com a descontinuidade revolucionária à qual ela estava ligada – foi absorvido pelo democratismo ambiente, é necessário remontar ao ponto mais alto do potencial teórico-prático da classe: 1848”.

(Invariance n° 6, antiga série, 1969, Introdução tese 5)

passada da classe à sua reemergência futura, através da afirmação de seu programa invariante.

3.21. Segue-se de tudo isso que CouC não pode em nenhum caso pretender a exclusividade da defesa do programa comunista. Sua reivindicação de ser somente um momento no curso do partido histórico, implica que reconhecemos a existência de outros momentos do partido comunista na hora atual, como outros tantos momentos do partido comunista histórico.

3.22. Nenhum grupo ou organização comunista pode emitir certificado de garantia ou lançar anátemas às outras forças que agem na mesma direção, o que não exclui absolutamente a dura crítica teórica aos outros grupos, particularmente quando fraquejam na tarefa histórica que lhes é dada cumprir no período atual. Em suma, é o movimento real que pronuncia as sentenças, e é no movimento concreto da luta de classes que as correntes que se reclamam do comunismo ⁽⁷⁾ mostram-se capazes de superar suas fraquezas numa adesão mais firme ao programa, ou ao contrário soçobram totalmente na contra-revolução. O que é justo afirmar é que somente aqueles que tiverem permanecido firmemente no estrito terreno do programa comunista e tiverem compreendido uma intensa atividade teórica e prática para sua restauração integral, e sua reapropriação, serão capazes de enfrentar a tormenta da luta de classes.

4. FUNÇÃO, TAREFAS E CARACTERÍSTICAS DO PARTIDO COMUNISTA.

4.1. Funções

4.1.1. No modo de produção capitalista, o proletariado é a única classe revolucionária. Por suas condições de vida ele encarna a sociedade futura no seio da antiga sociedade. Os comunistas utópicos não sabiam como resolver esse problema: como a classe miserável e explorada pode instaurar essa ordem futura? Em outros termos, como efetua-se a passagem dialética da classe-em-si, abominavelmente explorada pelo capital, à classe-para-si, que subverte o mundo de maneira revolucionária e o domina para transforma-lo? A resposta é dada a organização do proletariado em classe, e portanto em partido político.

4.1.2. Toda luta de classe é uma luta política. No curso das lutas que empreende contra sua exploração, o proletariado constata prontamente a necessidade de organizar-se a fim de superar as condições imediatas de seu combate contra a sociedade burguesa e de transformá-lo em verdadeira luta política para a transformação das condições de vida da sociedade inteira.

4.1.3. Longe, portanto, de se trancar nos falanstérios para realizar de pronto, no seio da sociedade burguesa, as primeiras ilhas da sociedade comunista, o proletariado forja-se uma organização de combate que reúne e unifica todas as energias revolucionárias, em vista de orienta-las e dirigi-las para um mesmo objetivo: destruição do modo de produção capitalista e do Estado, ditadura do proletariado, liberação do comunismo.

4.1.4. A questão do partido (com a do Estado) cristaliza portanto a separação com os anarquistas, para quem:

⁽⁷⁾ Segue-se evidentemente que falamos aqui das correntes que não romperam definitivamente ou que se ligam ao comunismo autêntico (PCI, GCI, CCI, CWO, etc...) e não de contra-revolucionários stalinistas ou trotskystas.

“O proletariado não deveria organizar-se em função da luta que lhe é imposta a cada dia, a cada hora, mas segundo as representações que alguns espíritos quiméricos fazem de uma vaga sociedade futura! Representemo-nos no que se transformaria nossa própria organização alemã se ela se organizasse segundo esse modelo (...) Se os Stieber e seus comparsas, se todo o gabinete negro, se todos os oficiais prussianos entrasse, sob ordem, na organização social-democrata a fim de destruí-la, o comitê, ou melhor o escritório de correspondência e de estatística, não deveria sobretudo defender-se na medida em que isso seria introduzir uma organização hierarquizada e autoritária! Nada de disciplina de partido, nada de centralização de forças em um só ponto, nada de armas de luta! Logo, onde iríamos com uma tal organização, à covarde e servil organização dos primeiros cristãos, desses escravos que aceitavam com agradecimento cada pontapé e que, graças a falsas promessas, deram a vitória a sua religião, três séculos mais tarde, é verdade. É um método de revolução que o proletariado certamente não imitará”. (Engels, “O Congresso de Sonvilliers e a Internacional” in Volkstaat, 10.01.72)

4.1.5. Além das tarefas de organização, o partido tem uma função primordial que é de encarnar o programa comunista. Ele é a medição através da qual o programa comunista torna-se uma força na sociedade.

4.1.6. Fora do partido não há senão impulsos revolucionários elementares, determinados pelas necessidades econômicas, que não se manifestam todas num sentido dado, e sobretudo que não podem conduzir um proletário ou grupos de proletários a uma visão totalizante do processo revolucionário em ação no seio da antiga sociedade. Esta compreensão da totalidade, é o programa impessoal da classe que a encarna, e somente um órgão de classe como o partido pode elevar-se à altura dessa compreensão histórica, a qual não pertence a uma só geração de proletários mas ao proletariado inteiro. Somente quando a classe está organizada em partido é que ele está em condições de realizar sua missão histórica.

Na medida em que ele possui e defende esta apreensão global da situação histórica, o partido comunista recolhe, unifica e dirige todos os impulsos revolucionários elementares que se manifestam espontaneamente.

“A revolução exige uma organização das forças ativas e positivas, unidas por uma doutrina e por um objetivo. Camadas importantes e inúmeros indivíduos pertencentes materialmente à classe, no interesse da qual a revolução triunfará, estão fora desta organização. Mas a classe vive, luta, avança, vence graças à obra das forças que ela engendrou no sofrimento da história. A classe parte de uma homogeneidade imediata de situação econômica, a qual nos aparece como o primeiro motor da tendência a superar, a derrotar o atual sistema de produção; mas para assumir essa grandiosa tarefa ela deve ter um pensamento próprio, uma vontade própria visando precisamente atingir os objetivos que a pesquisa e a crítica definiram, uma organização de combate própria que canaliza e utiliza com o melhor rendimento os esforços e os sacrifícios. Tudo isso é o partido”. (Partido e Classe, 1921)

4.1.8. O partido é, portanto uma mediação. É através dele que a classe, ainda determina por suas condições de vida na sociedade capitalista, manifesta-se como uma força livre, consciente dela mesma e possuindo um perfeito conhecimento de seu objetivo histórico e dos meios para atingi-lo. Ele é essa mediação pela qual a classe deixa de ser uma simples massa com interesses idênticos para tornar-se uma totalidade viva capaz de fazer triunfar seus interesses revolucionários.

“Uma organização imediate de todos aqueles que, economicamente falando, são operários, não pode assumir tarefas políticas, e portanto revolucionárias, pois os diferentes grupos profissionais ou locais somente são induzidos à ação de uma maneira limitada, para satisfazer exigências parciais determinadas pelas conseqüências diretas da exploração capitalista. Somente a intervenção, à testa da classe operária, de um partido político, definido pela adesão política de seus membros, pode realizar progressivamente a síntese destes impulsos particulares numa visão e numa ação comuns que permitem aos indivíduos e aos grupos superar todo particularismo, aceitando dificuldades e sacrifícios para o triunfo geral e final da causa da classe operária. A definição do partido como partido da classe operária não tem para Marx e Lenine um sentido grosseiramente estatístico ou constitucional; ela está ligada, ao contrário, aos fins históricos do proletariado”. (Teses de Lyon, 1926)

4.1.9. A Esquerda caracterizava justamente o partido como um tecido, isto é, um órgão que integra qualitativa diferentes elementos, ligando-os entre si de tal sorte que a determinação individual desaparece diante da determinação da coletividade assim formada. O caráter unitário deste tecido é fornecido por seu princípio dominante, isto é, o programa, e não as concepções particulares de elementos que o compõem. A verdadeira consciência de classe só aparece no partido: é o programa. A classe só atinge a consciência histórica de seu movimento e de seus objetivos, a consciência de classe, quando está constituída em partido.

“O partido não se forma na base da consciência individual; não somente não é possível que cada proletário atinja à consciência, e principalmente a mestria cultural da doutrina de classe, e não é nem mesmo o caso de cada militante tomado individualmente; a esse respeito, os chefes também não constituem nenhuma garantia. Esta só pode residir na unidade orgânica do partido.

Do mesmo modo, portanto, que nós rejeitamos toda concepção que faz derivar a revolução da ação individual, ou ainda da ação de uma massa de indivíduos não ligadas entre si por um tecido organizacional preciso, recusamos a que considera o partido como um agrupamento de sábios indivíduos, esclarecidos ou conscientes: para nós o partido é um tecido, um sistema cuja função orgânica no seio da classe proletária é realizar suas tarefas revolucionárias sob todos os seus aspectos e em todas as suas fases sucessivas e complexas”. (Natureza, função e tática do partido revolucionário da classe operária, 1945)

4.1.10. “Partido” e “Classe” não são idênticos e não pode reduzir um termo ao outro. E, inversamente, eles não podem ser separados. Toda teoria que opera uma separação entre os dois termos, classe e partido, condena-se imediatamente à impotência, na medida em que não pode compreender que o partido é um órgão da classe, e que esta, no curso de sua marcha revolucionária, constitui-se em partido. Da mesma maneira, um corpo só existe

quando suas atividades são dirigidas por um cérebro, mas inversamente um cérebro não é nada sem o corpo que o sustenta, os órgãos que ele dirige, o sangue que o irriga, etc...

O proletariado só é quando constituído em partido, pois “o proletariado é revolucionário ou não é nada”, e é somente através de seu órgão-partido que ele afirma seu ser revolucionário. Conseqüentemente, desde que esta ligação dialética entre a classe e seu órgão, o partido, não há qualquer dificuldade em reconhecer que o partido agrupa de fato apenas uma parte da classe, a que soube superar as determinações econômicas imediatas para elevar-se à altura de uma compreensão histórica dos interesses gerais do proletariado.

4.1.11. No sentido estático e estatístico do termo, o partido representa, portanto, apenas uma minoria da classe (é em função disto que os democratas acusam os comunistas de querer substituir-se à classe), enquanto que, de fato, segundo a definição dialética e dinâmica que temos de uma classe social (cf. tese 1.2.), e particularmente do proletariado, este só age como classe na história quando está organizado em partido, isto é, quando existe um órgão capaz de cristalizar os impulsos revolucionários e as energias que emanam do proletariado.

“Isso esclarece o sentido desta verdade fundamental: o partido só é uma parte da classe. Aquele que, considerando a imagem estática e abstrata da sociedade, nela visse aparecer uma zona, sua classe, e no interior desta, um pequeno núcleo, o partido, cairá facilmente na conclusão de que toda a parte da classe – quase sempre a maioria – que está fora do partido poderia ter um peso maior, um direito maior. Mas por pouco que se pense que, nessa grande massa, os indivíduos ainda não têm uma consciência e uma vontade de classe, que vivem para seu próprio egoísmo, ou para a categoria, para o campanário, ou para a nação, ver-se-á que para assegurar no movimento histórico a ação do conjunto da classe, é necessário um organismo que a anime, a cimente, a penetre, em suma, a enquadre – esta é a palavra – ver-se-á que o partido é na realidade o núcleo vital, sem o qual não haveria nenhuma razão em se considerar toda a massa restante como um feixe de forças”. (Partido e Classe, 1921)

4.1.12. A ligação do partido à classe não é, portanto mecânica e quantitativa, é dialética e qualitativa. Essa ligação permanece viva se o partido é verdadeiramente defensor do programa comunista.

“No momento em que o partido comunista é dotado de uma consciência teórica, confirmada pelas experiências internacionais do movimento, que o torna preparado para as exigências da luta revolucionária, ele tem a garantia de que, mesmo que as massas se afastem em parte dele em certas fases de sua vida, ele as terá em torno de si quando se colocarem esses problemas revolucionários que não admitem outra solução senão a que está inscrita no seu programa. Quando as exigências da ação mostrarem a necessidade de um aparelho dirigente centralizado e disciplinado, o partido comunista, cuja constituição terá obedecido a esses critérios, esta virá colocar-se à frente das massas em movimento”. (Partido e Ação de Classe, 1921)

4.1.13. Por essa razão, não se cria o partido e, “a fortiori”, num período de contra-revolução. O partido é produzido num momento da luta de classes, quando esta atinge um grau de radicalização tal que exige a formação de um órgão que conduza os proletários, para além das lutas imediatas, à conquista do poder político.

4.2. Tarefas do partido comunista.

4.2.1. O partido comunista coloca-se como tarefa histórica conduzir o proletariado até a vitória final contra a sociedade burguesa. Para isso, ele organiza as lutas do proletariado numa única e vasta luta política, que tem por objetivo a conquista do poder político a fim de liberar os germes da sociedade futura, prisioneiros dos flancos da sociedade capitalista.

“O movimento político da classe operária tem naturalmente por objetivo final a conquista para si, do poder político. Para ela, é necessária uma organização prévia, desenvolvida até um certo ponto, da classe trabalhadora, que resulta de suas lutas econômicas.

Mas de outra parte, todo movimento no qual a classe operária se opõe, como classe às classes dominantes, e se esforça em exercer sobre estas uma pressão de força, é um movimento político. Por exemplo, a tentativa numa só usina ou mesmo em um ramo industrial, para obter dos capitalistas individuais através de greves, etc... uma redução da jornada de trabalho, é um movimento puramente econômico; ao contrário, o movimento visando extorquir uma lei sobre a jornada de oito horas, etc... é um movimento político. É assim que, em toda parte um movimento político nasce dos movimentos econômicos operários isolados, ou seja, um movimento da classe para fazer valer seus interesses sob uma forma universal, sob uma forma que possuem uma força de constrangimento social universal. Se estes movimentos supõem uma certa organização prévia, eles também são um meio de desenvolver esta organização.

Onde o proletariado ainda não progrediu em sua organização para empreender uma campanha decisiva contra o poder coletivo, isto é o poder político da classe dominante, ele precisa ser educado para este fim por uma agitação incessante contra a atitude política hostil das classes dominantes. Sem o que o proletariado permanece um juguete nas mãos dessas classes”.

(Marx a Bolte, 23/11/1871)

“O processo histórico de emancipação do proletariado e de estabelecimento de uma nova ordem social resulta da existência da luta de classes. Toda luta de classe é uma luta política, ou seja, ela tende a se transformar numa luta para a conquista do poder político e para a direção de um novo organismo estatal. Por conseguinte, o órgão que conduz a luta de classe à sua vitória final é o partido político de classe, único instrumento possível de insurreição revolucionária de início, e de governo, em seguida”.

Essas afirmações elementares e geniais de Marx, que Lenine recolocou claramente na ordem do dia, levam a definir o partido como uma organização de todos os que aderem a um sistema de opiniões que resumem a tarefa histórica da classe revolucionária, e que estão decididos a agir para sua vitória. Graças ao partido, a classe operária atinge o conhecimento da vida que ela deve percorrer e a vontade de fazê-lo; historicamente, o partido representa portanto a classe nas fases sucessivas da luta, embora agrupando desta apenas uma parte mais ou menos significativa”.

(Tese de Lyon, 1926)

4.2.2. Para permitir que se efetue a passagem das lutas locais, imediatas, conduzidas por grupos de proletários exasperados pelo agravamento de suas condições de exploração, a uma luta frontal, central, do conjunto do proletariado contra o capital e o Estado, o partido atribui-se como tarefa reunir as energias, unifica-las, faze-las convergir no sentido da revolução comunista. Assim o proletariado cumpre sem trégua um trabalho de reagrupamento e de explicação, através do qual realiza-se uma superação dos limites que a luta de classes encontra: barreiras locais, nacionais, lingüísticas, diferenças de sexo, de geração, de raça, de categoria profissional, etc...

4.2.3. Concretamente o partido comunista assume as seguintes tarefas:

- a) ele elabora e difunde a teoria do desenvolvimento social, das leis econômicas que caracterizam o sistema atual das relações de produção, dos conflitos de classe que elas engendram, e enfim do Estado e da revolução. (Ditadura proletária e partido de classe, 1951)

O partido é o programa comunista em ação, programa que recebeu uma formalização. Tem portanto a tarefa de difundir este programa, de defende-lo e de precisá-lo a fim de fazer dele uma verdadeira arma de guerra nas mãos de proletários. Estes devem encontrar no programa e no partido as certezas teóricas e práticas de que sua luta é capaz de destruir a sociedade burguesa.

- 4.2.4. b) ele assume a unidade e a persistência histórica da organização proletária. A unidade não consiste na reunião material das camadas operárias e semi-operárias que pela própria dominação exercida pela classe exploradora, sofrem a influência de direções políticas e de métodos de ação discordantes, mas na estreita ligação internacional das vanguardas plenamente orientadas na linha revolucionária integral. (grifado por nós, n.d.r). A persistência é a reivindicação contínua da linha dialética sem ruptura, que une as posições de crítica e de luta defendidas pelo movimento na sucessão de diferentes situações”. (Ditadura proletária e partido de classe, 1951)

- 4.2.5. c) ele prepara de longa data a mobilização e a ofensiva de classe utilizando, de modo apropriado toda possibilidade de propaganda, de agitação e de ação em toda luta particular deflagrada pelos interesses imediatos. Esta ação culmina na organização de um aparelho ilegal e insurrecional para a conquista do poder”. (Ditadura proletária e partido de classe, 1951)

Consciente dos objetivos históricos gerais do proletariado (o comunismo), o partido sabe também quais são os meios que o proletariado deve utilizar para atingi-los⁸. Ele atribui-se como tarefa favorecer a tomada de consciência pelo proletariado de seu objetivo histórico, e para tanto, ele se prepara para controlar e dirigir o conjunto das manifestações de guerra de classes, desde as pequenas escaramuças empreendidas pelo proletariado local, até a ofensiva frontal e centralizada que prepara o conjunto das massas operárias “para o assalto ao céu”. O partido é um instrumento de guerra, donde o aspecto militar de

⁸ Aqui deixamos de lado a questão do papel do partido após a conquista do poder, na ditadura do proletariado, e a fase inferior do comunismo, ponto que será tratado no capítulo dedicado à revolução comunista.

preparação à insurreição ser inseparável da própria existência do partido. Mesmo num período onde o vencimento revolucionário aparece ainda distante, o partido deve mostrar-se capaz de prever, e portanto de preparar a irrupção revolucionária das massas, a fim de dirigi-las.

4.2.6. Estas tarefas, que acabam de ser expostas nas teses precedentes, sintetizam o trabalho que o partido deve efetuar se quiser ser realmente o órgão do proletariado. Enquanto este não tiver conseguido subverter a sociedade burguesa, o partido não pode abandonar qualquer dessas tarefas, nem as responsabilidades que delas decorrem.

Todavia o partido formal, o partido-organizacional, não existe sempre, em todos os tempos e todos os lugares; existem períodos em que o partido histórico não se formaliza, onde ele é simplesmente expresso através de pequenos grupos de comunistas que permaneceram fiéis à linha de classe. Em tais períodos, o partido não cumpre integralmente todas essas tarefas, por falta de meios de uma parte, mas também porque sua necessidade também não se coloca – momentaneamente – de todo.

- a) A primeira tarefa (elaboração e defesa da teoria) é de uma atualidade permanente para o proletariado. Mesmo quando este se afasta de seus objetivos de classe e a ligação do programa à classe é rompida, importa, para os elementos que permaneceram fiéis, aproveitar essa “trégua” concedida pela história para reforçar a teoria comunista, bem como para fazer o balanço dos últimos eventos revolucionários, à luz do programa comunista. Se há períodos em que o partido comunista (partido histórico) reduz praticamente sua atividade ao cumprimento desta única tarefa, inversamente, nunca a abandona, seria um erro grosseiro crer que aos períodos sucessivos de contra-revolução e de revolução correspondem dois campos de atividade privilegiados: a teoria, e depois, a ação. Muito ao contrário, qualquer que seja a amplitude do trabalho teórico efetuado nas fases de recuo, é nas fases de expansão revolucionária que a atividade teórica se efetua de maneira mais “concreta”, e que as melhores condições são reunidas para que se realize a unidade dialética entre a teoria e a prática, o sentido histórico e os resultados da ação do proletariado são então muito mais visíveis do que nas situações desfavoráveis. A teoria não deve se contentar em ir ao encontro da realidade, é necessário igualmente que a realidade venha ao encontro da teoria. Aliás, entre os maiores “clássicos” do comunismo, numerosos são os textos escritos em pleno período revolucionário, no momento em que manifesta plenamente o ser revolucionário do proletariado (Manifesto do Partido Comunista, O Estado e a Revolução, Terrorismo e Comunismo).
- b) Segue-se, de tudo que dissemos sobre a dialética partido formal/partido histórico, que a organização do proletariado não é permanente. Há momentos em que, de fator dinâmico no processo revolucionário, a organização, por causa da contra-revolução, não consegue mais assegurar este papel. Importa, então, bater em retirada ordenadamente. Desde então, a defesa do programa comunista não pode mais cumprir-se no seio de um partido formal, mas importa permanecer no exato fio histórico do comunismo revolucionário. É assim que se realiza a persistência histórica do programa proletário.

- c) Por essa mesma razão, o partido comunista (partido histórico) sabe que ele atravessa longos períodos onde sua influência material sobre a classe é muito fraca e onde ele não tem nem mesmo uma chance de reagrupar uma parte desta sobre bases comunistas. O partido não se atribui, então, como tarefa preparar materialmente a ofensiva da classe e a tomada do poder, mas liga-se a essa tarefa histórica, notadamente traçando o balanço dos episódios revolucionários a fim de ligá-los à explosão futura, e de tirar disso os ensinamentos para que a retomada seja facilitada e para que a direção do curso revolucionário, pelo futuro partido, cumpra-se de maneira mais pura, mais eficaz do que no passado. O futuro enfrentará tanto melhor as tarefas descritas em c), quanto tiver trabalhado, de longa data, na preparação e na previsão das futuras formas de sua intervenção na classe em função da situação desta no momento da retomada, e na medida em que tiver dedicado uma grande energia ao estudo das questões da tomada, da insurreição, das tarefas militares do proletariado, etc...

4.2.7. Como conseqüência, em período de contra-revolução, a atividade dos comunistas concentra-se no plano teórico (o que lhes vale, de resto, os ataques de todos os ativistas, assim como Marx era atacado por sua “inatividade”). De fato, esta recusa deliberada de ação em tal período é a recusa da ação no terreno burguês, na medida em que no terreno autônomo, do proletariado, ela não é mais possível.

Se bem que, por razões históricas que são descritas mais adiante no capítulo “Breve histórico do movimento operário”⁹ dedicado à Esquerda Comunista da Itália, esta jamais tenha chegado a uma compreensão clara e nítida desta questão, existem afirmações posteriores a 1945 que vão nesse sentido:

“A atividade principal hoje (1951 e 1982, ndr) é o restabelecimento da teoria do comunismo marxista. Ainda estamos no nível de arma da crítica. O partido não apresentará por causa disso nenhuma teoria nova, mas reafirmará a plena validade das teses fundamentais do marxismo revolucionário, amplamente confirmadas pelos fatos e muitas vezes falsificadas e traídas pelo oportunismo, para acobertar as retiradas e derrotas.”(Teses Características do Partido, 1951)

“O partido cumpre hoje um trabalho de registro científico dos fenômenos sociais, a fim de confirmar as teses fundamentais do marxismo. Analisa, confronta, e comenta os fatos recentes e contemporâneos. Repudia a elaboração doutrinal que tende a fundar novas teorias ou a demonstrar a insuficiência do marxismo para explicar os fenômenos”. (Teses Características do Partido, 1951)

4.3. As Características do Partido Comunista

4.3.1. O proletariado é uma classe revolucionária porque “nas suas condições de vida estão destruídas as condições de vida da antiga sociedade”(Marx). O proletariado é, portanto, simultaneamente desta sociedade e de uma outra. Negativamente, ele encarna o comunismo no seio da sociedade burguesa. A ilusão dos utopistas e dos anarquistas é de crer que ele possa encarnar este comunismo de maneira positiva sem subverter a sociedade burguesa, sem se organizar em partido comunista. Eles querem para citar de novo Engels, que o

⁹ A ser publicado no próximo número dedicado à continuação da publicação das teses do “número 11”.

proletariado imite os primeiros cristãos. Ora, toda a história do proletariado revolucionário demonstra a necessidade do partido. Para que o proletariado encarne realmente o comunismo, não apenas no seio da sociedade burguesa, mas contra esta, é necessária a mediação de uma organização, é necessário o partido.

4.3.2. Assim como o proletariado é duplo, ao mesmo tempo em que é classe da sociedade burguesa e classe portadora da sociedade comunista, o partido do proletariado também é duplo, simultaneamente organização de combate contra a sociedade burguesa e prefiguração da sociedade comunista. O partido é este órgão pelo qual se realiza a ligação orgânica da classe e de seu programa, sendo este último descrição da sociedade futura, dando as chaves para a compreensão desta ao mesmo tempo que a crítica da sociedade burguesa. Através do partido já está presente, portanto, em germe, a passagem da classe proletária atual explorada pelo capital, à humanidade futura, emancipada das relações de exploração.

Mas, em germe somente, pois para que essa transformação se efetue, é necessário a revolução comunista, isto é, a organização do proletariado em classe dominante para a destruição das antigas relações sociais.

4.3.3. Na noção de partido-programa está contida a do partido como prefiguração da comunidade humana (Gemeinwesen). O partido já antecipa a sociedade de amanhã: ele é um ser social, quer dizer, não uma soma de indivíduos mas uma coletividade atuante, dotada de uma consciência e de uma vontade que lhe permitem dirigir ao mesmo tempo seu destino e o da espécie humana.

É necessário que o programa se imponha à espécie por uma revolução. Donde a necessidade de uma organização, quer dizer de uma formalização. Toda a questão da unidade do partido formal/partido histórico é portanto, a da unidade partido-organização/partido-programa.

Como órgão de luta, o partido deve constituir uma organização, com tudo o que isto implica como características formais: hierarquia, disciplina, organização militar, etc...

O programa comunista, elaborado pela classe que abole todas as classes, coincide com os interesses da espécie humana inteira, ameaçada de destruição pelo capital. Ele pode, portanto, enxergar mais longe do que a própria revolução. O proletariado não tem interesses de classes particulares a impor à sociedade, mas ele tem a realizar sua tarefa humana abolindo o modo de produção capitalista. Descrever a sociedade comunista é, portanto, ir além da ditadura do proletariado, até a Gemeinwesen humana, que não é mais uma sociedade de classe, e onde o proletariado desapareceu. Nisso não há contradição. Esta capacidade de descrever o futuro da espécie humana prova justamente que a teoria não permanece presa no imediato da sociedade atual, mas, que tira sua existência e sua força da Gemeinwesen futura. Isso prova igualmente que a teoria não é somente uma apropriação negativa do ser humano. Ela pode mostrar como o homem apropriar-se-á positivamente de seu ser humano, uma vez terminada a revolução. Ela não diz apenas: eis a comunidade capitalista, destruindo-a reencontraremos o ser humano, ela precisa igualmente as características deste ser humano.

4.3.4. Por todas estas razões, o partido não pode ser organizado de maneira burguesa. Ele não reproduz em seu seio as características da sociedade burguesa, mas ao contrário antecipa-se às da sociedade comunista. Já no seio do partido efetua-se a ruptura com a

sociedade burguesa, mas, como dissemos, para que a ruptura se realize efetivamente, é necessário a revolução comunista.

4.3.5. Esta ruptura com a sociedade burguesa implica que o modo de organização do partido não seja calcado nos princípios da sociedade burguesa; entre outras coisas, ele não pode funcionar segundo o princípio democrático.

O partido comunista é um órgão classista; ele reúne todos os que se situam nitidamente na linha de classe do programa comunista, e estão decididos a agir para fazê-lo triunfar historicamente. Como órgão monoclássista, o partido comunista constitui um terreno no qual o princípio democrático não pode florescer, sendo a democracia um mecanismo de conciliação entre classes e grupos sociais com interesses divergentes. No partido, há apenas uma única classe fornecendo-lhe seu conteúdo e sua alma revolucionárias: é o proletariado, que formula seu programa. Os membros de outras classes que acabam por aderir individualmente às fileiras do proletariado comunista são integralmente submetidos ao programa, aos princípios e às palavras de ordem da classe proletária. Eles não formam um grupo social distinto cujo ponto de vista teria que ser conciliado democraticamente com o do proletariado. Conseqüentemente, no seio do partido, o proletariado ignora as diferenças de classe.

4.3.6. O centralismo orgânico

4.3.6.1. O partido comunista é o partido que encarna a sociedade futura, mas, existe no seio da sociedade burguesa. Ele tem, portanto necessidade, na luta de morte que opõe ao capital, da mais estrita organização para lograr a vitória. Isto implica a necessidade de uma centralização que favorece a necessária convergência, coordenação, disciplina, unificação, das forças revolucionárias em ação na sociedade. A centralização é necessária não somente para coordenar no espaço e assegurar a continuidade das manifestações revolucionárias que se desenvolvem em escala planetária, mas ainda para fornecer-lhes o máximo de eficiência e potência na conduta da guerra de classes. O centralismo é um dos princípios que permite assegurar a continuidade de organização do partido no espaço.

De fato, uma tal unidade se manifesta espontaneamente, estando já inclusa no conceito de partido tal qual o desenvolvemos. As forças revolucionárias em ação na sociedade tendem a se agrupar e deste reagrupamento, nasce uma unidade superior que exige a centralização das energias, sua fusão numa única força viva, consciente de si mesma e mestra de seu próprio movimento.

4.3.6.2. No curso da história do partido do proletariado, este último foi confrontado à questão centralismo ou federalismo. Ora, no fundo da querela com os anarquistas, e no fundo da resposta que deram os comunistas, não há apenas uma divergência sobre as modalidades de organização, mas uma ruptura total com a própria concepção do ser do partido. Para os anarquistas o partido agrupa os trabalhadores sem organizá-los; ele é o embrião da sociedade futura no sentido em que como organização local, ele pode favorecer a formação de unidades de produção autônomas, caras aos anarquistas.

Para os comunistas, ao contrário, o partido é o órgão que encarna o programa do proletariado, tarefa que só pode cumprir na mais estrita disciplina, coordenando, unificando, as energias revolucionárias, o que exige a centralização do partido a fim de assegurar a continuidade da ação revolucionária no espaço. Por outro lado, as

características da luta revolucionária do proletariado, que culmina na insurreição contra o Estado burguês, exige uma conduta unitária, disciplinada, hierarquizada, das operações de guerra contra a sociedade capitalista. Quer dizer: a mais estreita centralização é necessária. É por isso que o partido instala órgãos unitários, processo que culmina na formação de um órgão central dispondo de uma autoridade hierárquica sobre o conjunto do partido.

Assim, os estatutos da Associação Internacional dos Trabalhadores (1871) precisavam (artigo 6) o papel do Conselho Geral:

“O Conselho Geral funcionará como agente internacional, entre os diferentes grupos nacionais e locais, de tal sorte que os operários de cada país estejam constantemente a par dos movimentos de sua classe nos outros países; que uma enquête sobre o Estado social simultaneamente e num mesmo espírito; que as questões de interesse geral, propostas por uma sociedade, sejam examinadas por todas as outras, e que, a ação imediata sendo reclamada, como no caso das querelas internacionais, todos os grupos da associação possam agir simultaneamente e de uma maneira uniforme”.

4.3.6.3. No momento em que o partido é concebido como órgão que recolhe diferentes energias para dar-lhes um sentido e um centro comum, no seio do partido, este movimento centrípeto encontra-se prolongado e segrega órgãos diretores, os quais não estão mais separados do resto da organização, assim como o partido não está mais separado da classe. Em todo caso é o programa que os anima, e a defesa deste é que lhes confere a possibilidade de exprimir, representar e dirigir o movimento revolucionário do proletariado.

O partido possui uma consciência e uma vontade unitárias; ele deve marchar como um único homem, o que supõe um centro de comando que possa exprimir essa unidade fornecendo diretrizes comuns, centralizadas, cuja execução cumprir-se-á no sentido exato imposto pelo programa revolucionário.

4.3.6.4. No momento em que, o centro age em conformidade com os interesses e os objetos históricos do proletariado, no momento em que se mostre apto a defender realmente a alma do partido, ou seja, o programa comunista, não há distorção entre sua teoria e sua prática, e somente deste modo ele poderá exigir e obter a mais estrita disciplina na aplicação de suas diretivas. Quanto a isso, não exige nenhuma garantia organizacional: a única garantia é o programa.

4.3.6.5. Decorre da concepção e da natureza do partido comunista, que acaba de ser exposta, que nem a elaboração da teoria comunista, nem a das diretivas gerais, na luta contra a sociedade burguesa, nem a organização do centralismo e da hierarquia no seio do partido, podem responder a critérios democráticos. A cada instante, é a luta do proletariado que determina tudo isso e que produz organicamente uma expressão adequada aos objetivos históricos do movimento proletário. O problema é: na medida em que se trata de uma organização formal, é necessário que esses dados possam ser registrados de maneira a exprimir a situação do modo mais orgânico possível. Ora, o princípio democrático não é forçosamente o que há de mais confiável como mecanismo de registro.

A Esquerda comunista da Itália mostrava que a utilização do mecanismo de consulta democrática não dá forçosamente conta dos processos reais que estão em ação no seio do partido. No caso da constituição dos órgãos hierárquicos, por exemplo, o processo realmente em ação no seio do partido faz com que, no curso das lutas, e no trabalho militante, destaquem-se elementos mais aptos a exprimir os objetivos gerais do partido, e

que vêm pouco a pouco sua autoridade reconhecida pelo conjunto dos outros camaradas. Assim a consulta democrática que nomeia esses elementos para tal ou tal posto de responsabilidade apenas ratifica um processo orgânico, que de todo modo já executou-se nos fatos. Nesse sentido, a Esquerda qualifica de secundária e acidental a utilização do mecanismo democrático, desejando que o funcionamento do partido se apurasse de mais a mais para tornar-se tão orgânico quanto possível.

4.3.6.6. Com efeito, de uma certa maneira, o mecanismo democrático esconde processos reais. Ele pode registra-los num sentido conforme a seu movimento, mas, na medida em que faz apelo ao princípio majoritário, e à consciência, quer dizer ao dado menos confiável do processo de luta revolucionária, pode também entrar em contradição com o movimento real. É por isso que o partido comunista sabe que, mesmo se por comodidade, ele chega a utilizar em seu seio o mecanismo do voto, ele não se fia no fetiche da maioria, sabendo que esta última, mesmo exprimindo de uma certa maneira a consciência dos membros da organização num momento dado, não exprime forçosamente as escolhas mais favoráveis ao proletariado.

“O partido não parte de uma identidade de interesses econômicos tão completa como o sindicato; ele funda a unidade de sua organização, não sobre a base da categoria, como este último, mas sobre a base mais ampla da classe inteira. Isso é verdadeiro não somente no espaço, na medida em que o partido tende a tornar-se internacional, mas também no tempo, na medida em que é órgão específico, cuja consciência e ação refletem as exigências da vitória ao longo do processo de emancipação do proletariado. São estas considerações bem conhecidas que nos obrigam a ter no espírito, quando estudamos os problemas da estrutura e de organização interna do partido, todo o processo de sua formação e de sua vida, em relação às complexas tarefas às quais responde (...). É certo que para o momento o melhor é ater-se, em geral, ao princípio majoritário. Mas como temos sublinhado com insistência, não há nenhuma razão para exigir este emprego do mecanismo democrático em princípio. Ao lado de tarefas consultivas análogas às tarefas legislativas dos aparelhos de Estado, o partido tem tarefas executivas que, nos momentos supremos da luta, correspondem às de um exército e que exigem portanto, o máximo de disciplina hierárquica. De fato, no processo complexo que nos conduziu à constituição de partidos comunistas, a formação da hierarquia é um fato real e dialético que tem longínquas origens e que corresponde a todo o passado de experiências de funcionamento do mecanismo do partido. Não podemos afirmar que as escolhas da maioria do partido sejam a priori tão felizes quanto aquelas de um juiz infalível e sobrenatural que enviaria seus chefes às coletividades humanas, como o deus no qual crêem aqueles para que a participação do Espírito Santo nos conchaves é um dado de fato. Mesmo num organismo, como no partido, onde a composição da massa é o resultado de uma seleção através da adesão espontânea e voluntária e o controle do recrutamento, a decisão da maioria não é por si mesma a melhor, e se ela vem contribuir para um melhor rendimento da hierarquia operante, executiva, do partido é somente por efeito da coincidência de esforços num trabalho unitário orientado. (...) é certo que se pode admitir um modo de organização que se liberaria cada vez mais das convenções do princípio democrático, e que não precisaria ser rejeitado em nome de fobias injustificadas, se pudesse um dia demonstrar que outros elementos de decisão, de escolha, de resolução dos

problemas são mais conforme às exigências reais do desenvolvimento do partido e de sua atividade no quadro do desenvolvimento histórico”. (O Princípio Democrático, 1921)

4.3.6.7. O partido deve tender a se liberar cada vez mais de um modo de organização que funcionaria com base no modelo democrático; de uma parte porque as exigências da luta obrigam-no a funcionar como um organismo vivo, que decide e reage às situações em função de seu ser revolucionário e não em função de decisões consultivas da base; de outra parte, por que o partido não é um ajuntamento de indivíduos, mas uma comunidade orgânica, no seio da qual a opinião individual não se expressa, mas onde o instinto, a vontade e a consciência da classe se manifestam como forças coletivas.

“A integração de todos os impulsos elementares numa ação unitária manifesta-se através de dois fatores principais: um é a consciência crítica da qual o partido tira seu programa; outra é a vontade que se expressa na organização disciplinada e centralizada do partido, instrumento de sua ação. Seria falso crer que esta consciência e esta vontade podem ser obtidas e devam ser exigidas de simples indivíduos, pois só a integração das atividades de numerosos indivíduos em um organismo coletivo unitário podem permitir realiza-las”. (Teses de Roma, 1922)

4.3.6.8. A história do movimento comunista revelou que às degenerescência oportunistas e desvios de toda sorte, não se pode opor uma forma de organização, que constitui em si uma garantia suficiente. É na fidelidade ao programa comunista, na continuidade dos objetivos históricos perseguidos pelo proletariado, no funcionamento orgânico da coletividade que constitui o partido, que devem ser procuradas as garantias da pureza revolucionária do programa comunista. Em suma, esta é uma questão de conteúdo e não de forma. Portanto, não é jamais dada de pronto, mas exige se o partido se mostra capaz de defender seu conteúdo, sua alma, ou seja, seu programa.

4.3.6.9. É por isso que, para exprimir mais adequadamente a natureza deste funcionamento do partido comunista, à Esquerda propunha substituir a fórmula do “centralismo democrático”, pela de “centralismo orgânico”, mais dialética e que presta menor risco à confusão.

“É por isso, no que nos concerne, que não erigiremos como princípio a fórmula organizativa bem conhecida do “centralismo democrático”. A democracia não pode ser para nós um princípio; o centralismo o é indubitavelmente, na medida em que os caracteres essenciais da organização do partido devem ser a unidade de estrutura e de movimento. O termo centralismo é suficiente para expressar a continuidade da estrutura do partido no espaço; e para introduzir a idéia essencial da continuidade no tempo, quer dizer a continuidade do objetivo para o qual se tende e da direção na qual se avança através dos obstáculos sucessivos que devem ser superados, ou melhor, para ligar numa mesma fórmula estas duas idéias essenciais de unidade, proporíamos dizer que o partido comunista funda sua organização no “centralismo orgânico”. Assim, conservando este mecanismo acidental que é o mecanismo democrático o que poderá nos servir, eliminaremos o uso deste termo “democracia” tão caro aos piores demagogos mas impregnado de ironia para os exploradores, os oprimidos e os enganados, abandonando-o como é desejável, para o uso exclusivo

dos burgueses e dos campeões do liberalismo sob seus vários disfarces e poses, às vezes extremistas”. (O Princípio Democrático)

4.3.6.10. Contrariamente a uma tese freqüentemente difundida, as garantias contra as deformações e as degenerescências do partido não residem numa ilusória “democracia ideal” para aplicação da qual recorre-se incessantemente a toda uma série de diretivas formais, decretos, etc... que acabam por paralisar a vida do partido. Nesse sentido, democracia = burocracia.

“Em nossa concepção do centralismo orgânico, sempre afirmamos contra os centristas de Moscou que na seleção dos membros do partido só há uma única garantia. O partido continua infatigavelmente a gravar sempre mais nitidamente as linhas diretrizes de sua doutrina, de sua ação e de sua tática, por meio de um método único, no espaço como no tempo. Todos aqueles que se encontram mal acomodados diante destas posições têm o recurso evidente de deixar o partido. Mesmo após a conquista do poder, não se pode conceber adesão forçada ao partido; isto por que o terrorismo disciplinar é estranho à justa aceitação do centralismo orgânico: tais medidas só fazem copiar mesmo no vocabulário, práticas constitucionais que a burguesia usou e abusou (...).

Para aquele que quer aderir, o partido não tem que apresentar planos constitucionais e jurídicos da sociedade futura, pois tais formas são próprias das sociedades de classe e delas somente. Aquele que, vendo o partido avançar nesta via clara e nítida (...) não se sente ainda a uma tal altura histórica, sabe perfeitamente que pode tomar qualquer caminho diferente do nosso”. (Teses de Nápoles, 1965)

4.3.7. Partido e Previsão.

4.3.7.1. Como acentuou a Esquerda Comunista da Itália, toda a obra de Marx é, em primeiro lugar, descrição da sociedade comunista. O que forma a unidade de consciência e a organicidade programática do partido de classe não é a adição de opiniões, ponto de vista ou consciência individuais, dos operários imersos nas relações de produção capitalistas, que seu trabalho produz e reproduz, e que exercem sobre eles uma influência conservadora, mas o programa do proletariado como classe que é “excluída desta sociedade, mas opõe-se a ela simultaneamente” (Marx), classe que é negação da sociedade burguesa, portadora da comunista, como solução histórica para ela mesma, e, portanto, para o conjunto da espécie humana.

4.3.7.2. Capaz portanto, de superar a esfera imediata da sociedade burguesa, a teoria comunista, o programa do proletariado, não é a biologia do capital mas sua necrologia.

Conforme a dialética segundo a qual o conhecimento das formas mais desenvolvidas permite a compreensão das formas inferiores, é colocando-se no terreno do comunismo, da destruição do modo de produção capitalista, logo da classe proletária como negação do capital, que o partido conduz sua crítica do modo de produção capitalista e das formas sociais que o precederam. Aqui reside a força do programa comunista, na sua capacidade em conhecer por antecipação e em descrever o objetivo final do movimento proletário e ligando dialeticamente este objetivo ao próprio movimento, em prever o curso integral do modo de produção capitalista e os meios necessários à sua destruição. Todos os

revolucionários que procuraram defender a teoria comunista, todos os ortodoxos, defenderam esta tese.

“Graças a que chave mágica Marx conseguiu penetrar nos mais profundos segredos de todos os fenômenos capitalistas, resolver facilmente problemas os quais os maiores espíritos da economia política burguesa, tais como Smith e Ricardo, sequer supunham a existência? É que simplesmente ele concebeu a economia capitalista inteiramente como um fenômeno histórico, cuja história se estende não apenas atrás dela, como admitia a rigor, a economia clássica, mas também à sua frente; é de por ter considerado não somente o passado, a economia feudal mas também o devir socialista. O segredo da teoria do valor em Marx, de sua análise do dinheiro, de sua teoria do capital, da taxa de lucro, e conseqüentemente de todo o sistema econômico atual, é a descoberta do caráter efêmero e transitório da economia capitalista, seu desmoronamento e conseqüentemente – isto é apenas o aspecto complementar – o objetivo final socialista. É unicamente porque Marx considerava a economia capitalista na sua qualidade de socialista, quer dizer do ponto de vista histórico, que ele pôde decifrar seus hieróglifos; é por ter se colocado de um ponto de vista socialista para analisar cientificamente a sociedade burguesa que ele pôde, por sua vez, dar uma base científica ao socialismo”. Rosa Luxemburgo, “Reforma ou Revolução)

4.3.7.3. A teoria comunista é uma teoria de partido, e não é portanto às pálidas luzes dos cérebros individuais que cabe apreciar as situações contingentes e definir a posição a tomar face a elas, mas ao partido, órgão coletivo cujo funcionamento orgânico, unitário e centralizado freqüentemente valeu-lhe, por parte da Esquerda, o qualificativo de “cérebro social”. O que o pensamento individual é incapaz de fazer, ou seja superar a esfera da realidade imediata para chegar a uma compreensão dialética das tendências profundas da realidade histórica, e de seus resultados, o partido o faz por que pensa e age numa linha histórica firmemente traçada anteriormente. A importância da previsão para o partido revolucionário é, portanto que ela assegura a ligação dialética do objetivo e do movimento. Graças à previsão geral do curso histórico é que se pode fundar a ação revolucionária de uma maneira firme e segura, sem que ela se faça no dia a dia em função de reviravoltas de situação e da sucessão fortuita de eventos imprevistos.

Como dizia tão justamente Rosa Luxemburgo:

“A tarefa da social-democracia e de seus dirigentes não consiste em colocar-se à reboque dos eventos, mas de antecipa-los com lucidez, abranger as linhas de força da evolução e abreviar essa evolução por uma ação consciente que acelere sua marcha”. (Partido e Ação de Massa)

O que permite ao partido de não permanecer no visco da realidade imediata é sua capacidade de prever os diversos momentos do curso histórico, sejam eles favoráveis ou não ao proletariado. No último caso, o partido demonstra e demonstrou, sua capacidade de conhecer os obstáculos encontrados pelo proletariado. É isso que se tem exprimido quando se diz que a teoria comunista também era uma teoria de contra-revolução. Integrar a compreensão do curso contra-revolucionário quando ele sobrevém é assegurar o reforço do programa comunista, permitir às magras forças poupadas pela débâcle preservar-se e

manter-se no único terreno da defesa do comunismo, fora de qualquer ativismo e imediatismo.

4.3.7.4. Mas isso somente pode ser feito – e sem isso a melhor atividade teórica seria apenas trabalho de erudito, de sábio – ligando-se ao próximo ciclo revolucionário. Mas o partido tira sua força não somente do fato de ligar-se à revolução a vir, mas ainda do fato de que ele sabe inserir-se na totalidade do arco histórico do comunismo, ligando entre si todas as gerações do proletariado revolucionário. É em nome destas, isto é, das gerações passadas e das gerações a vir, que os vivos executam a sentença da história. O partido (no sentido histórico do termo) deve estar pronto para prever onde e quando as condições históricas estarão novamente reunidas para a reformalização do partido de classe e reapropriação do proletariado como sujeito revolucionário face ao capital, seus Estados, seus partidos, seus sindicatos.

4.3.7.5. Assim, longe de opor-se à vida, a teoria revolucionária busca na própria vida a seiva necessária à sua realização. O que faz a força do programa comunista é que ele emana de uma classe que não tem outra missão senão abolir toda sociedade de classes e, portanto, abolir-se a si mesma. O proletariado não tem posição particular, nem interesse particular a defender nessa sociedade. O proletariado não se opõe ao mundo existente pelo fato deste ter-lhe feito sofrer um dano particular, uma injustiça específica, contra a qual deveria insurgir-se parcialmente, mas o dano absoluto de estar irrevogavelmente separado de seu ser humano, da comunidade humana.

4.3.7.6. É portanto da sociedade comunista, cujas premissas e bases materiais já estão inclusas nos flancos da antiga sociedade, que a teoria revolucionária tira toda sua potência e sua força. Somente ela pode guiar-se no labirinto da história. Ela é a bússola que indica sempre o norte revolucionário, para o qual se orienta o proletariado que não renunciou a perder seus grilhões. Sem teoria revolucionária, nada de movimento revolucionário. Sem previsão, nada de partido revolucionário. É da comunidade a vir, comunidade para a qual tende o desenvolvimento da espécie humana e que esta deverá forçosamente reapropriar-se para não perecer, que o partido comunista tira suas características fundamentais.

4.3.7.7. Capaz de prever, o partido deve ser a dissolução dos enigmas. Ele deve dissolver todas as zonas de sombra da realidade social de ontem, de hoje e de amanhã. Somente então ele poderá aparecer como o “porto de repouso” (Bordiga) para o proletário, o lugar onde se afirma sua natureza humana livre da alienação, de tal sorte que possa estar apto a mobilizar todas suas energias contra seu inimigo de classe. O partido deve ser forte, animado pelo seu programa invariante para que não haja nenhuma brecha para a dúvida revisionista. O partido saberá, portanto, reforçar ainda mais sua organicidade e sua unidade programática, estratégica, tática, na medida em que tenha previsto com grande antecedência e certeza o curso dos eventos. A previsão é portanto um indispensável fator de organicidade, na medida em que ninguém pode levantar-se para solicitar a inflexão da linha de atividade do partido e tal ou tal sentido, sem colocar-se fora deste. É somente graças à previsão, envolvendo numa só visão dezenas de anos, que pode funcionar realmente e conseqüentemente o centralismo orgânico, este que nega a qualquer representação democrática, baseada na opinião individual, o direito de colocar em questão no dia a dia, a linha de atividade do partido traçada por gerações de proletários revolucionários. A

Esquerda Comunista da Itália insistiu particularmente no fato de que não poderia haver distorção entre princípios programáticos e tática. Aí está um dos ensinamentos da degenerescência da Internacional Comunista, assim como a primeira Internacional tinha legado, ao morrer, este ensinamento definitivo segundo o qual não pode haver distorção entre programa e princípio de organização.

4.3.7.8. A tática deve, portanto, ser globalmente fixada com antecedência, o que implica que se deva conhecer anteriormente os diversos problemas que o proletariado enfrenta em escala mundial, e delimitar as diferentes estratégias e táticas a empregar (o que não quer dizer que o desenvolvimento da luta das classes possa ser planejado, mas sim que as decisões táticas não sejam tomadas após um debate, mas referindo-se à totalidade do programa comunista). Vimos, quando da última vaga revolucionária dos anos 20, quanto pesou sobre o destino da revolução mundial a não junção dos dois fenômenos revolucionários, aquele em ação na área eslava e aquele em ação na área ocidental. As diferenças de tática, devidas aos diversos graus de desenvolvimento capitalista nas diferentes áreas, não puderam ser fixadas num plano de combate unitário que teria permitido ao proletariado mundial combina-las numa estratégia comum. Donde a conclusão, tirada pela Esquerda, de que doravante a tática também deveria ser fixada antecipadamente, a fim de permitir uma ação inteiramente orgânica do proletariado em escala mundial. Somente fixando as tarefas estratégicas e táticas por antecipação, o mais claramente possível, delimitando melhor os diferentes casos e situações às quais o proletariado se encontrará confrontado – o que só é possível por intermédio da previsão – é que se poderá evitar uma distorção catastrófica entre princípios, estratégia e tática. É somente assim que a luta de classes do partido será claramente traçada e sua aplicação facilitada, reforçando assim a organicidade do partido comunista e de sua ação em escala mundial.

“Para viver uma vida orgânica, o Partido comunista deve possuir um método crítico e uma consciência que o leve a formular um programa próprio. É precisamente por essa razão que o Partido e a Internacional comunista não podem permitir a maior liberdade e elasticidade de tática aos centros dirigentes e remeter sua determinação ao seu julgamento após o exame da situação. O programa do partido não tem o caráter de um simples objetivo que se poderia atingir por qualquer via, mas o de uma perspectiva histórica na qual as vias seguidas e os objetivos atingidos estão intimamente ligados. Nas diversas situações, a tática deve, portanto estar em harmonia com o programa, e para isso as regras táticas gerais para as situações sucessivas devem ser precisadas em certos limites, sem dúvida não rígidos, mas sempre mais nítidos e menos flutuantes à medida que o movimento se reforça e se aproxima da vitória final. É somente assim que se atingirá o centralismo máximo nos Partidos e na Internacional, ou seja, que as disposições tomadas centralmente para a ação serão aceitas e executadas sem resistência, não apenas pelos Partidos comunistas, mas mesmo por uma parte dos movimentos de massa que eles conseguiram enquadrar. Não se deve, com efeito, esquecer que na base da aceitação da disciplina orgânica do movimento existe não somente a iniciativa de indivíduos e de grupos que resulta dos desenvolvimentos da situação, mas uma progressão contínua e lógica de experiências que os leva a retificar sua visão da via a seguir para obter a maior eficácia na luta contra as condições de vida que a organização social atual impõe ao proletariado. É por isso que antes de chamar seus aderentes e

aqueles proletários que os seguem na ação e em sacrifício de si mesmos, os Partidos e a Internacional devem expor de modo sistemático o conjunto de suas regras táticas gerais e demonstrar que elas são a única via da vitória. Se o Partido deve, portanto, definir os termos e os limites de sua tática, isso não é por desejo de teorizar e de esquematizar os movimentos complexos que ele poderá ser conduzido à empreender, mas em razão de uma necessidade prática e organizacional. Uma tal definição pode parecer restringir suas possibilidades de ação, mas somente ela garante a continuidade e unidade de sua intervenção na luta proletária e é por essas razões inteiramente concretas que ela deve ser decidida”. (Teses de Roma, 1922)

4.3.7.9. Dizer que o partido é um órgão de previsão é explicar que ele não se limita a emitir previsões contingentes, mas que toda sua atividade está centrada sobre a previsão/descrição da sociedade futura. O partido revelar-se-á efetivamente órgão de previsão se funciona segundo o centralismo orgânico, previsão esta que depende da capacidade do partido em encarnar o programa, e não da consulta democrática às massas.

Por outro lado, a organicidade do partido ver-se-á tanto mais reforçada quanto mais forte for a capacidade de prever. Na medida em que o arco histórico que desemboca na sociedade comunista está estritamente previsto, e na medida em que as situações particulares que surgem da luta estão previstas e controladas, o partido estará menos vulnerável à dúvida revisionista, à improvisação tática, e conduzirá à vitória as tropas fundidas e unidas pela previsão do curso da revolução futura.

4.3.8. O Partido de amanhã

4.3.8.1. “O movimento a vir não passará pela etapa da formação de uma internacional. As bases internacionais do movimento existem em todos os lugares. A transformação do proletariado de classe para o capital em sujeito histórico, far-se-á pela formalização do partido comunista em escala mundial. O ser da classe, melhor expresso quando ela está constituída em partido, exclui diferentes almas. O ser só pode existir se é unitário. É esta unidade essencial que ele potencialmente adquiriu no curso dos 100 anos de luta, com a eliminação de todas as taras e aberrações teóricas a ele legadas pela antiga sociedade”. (Invariance 6, teses 1.2.12)

Quando da reapropriação de seu programa pela classe, esta terá tirado as lições de sua história; haverá imediatamente perfeita adequação entre programa e princípio de organização, entre princípio e tática. Constituir-se-á um partido internacional puramente comunista. Assim poderá se realizar imediatamente aquilo que a Esquerda Comunista da Itália desejava em 1921:

“... devemos exigir que os partidos comunistas sejam em todos os lugares fundados sobre regras organizacionais, programáticas e táticas firmes, nas quais se cristalizam os resultados das mais altas experiências da luta revolucionária em escala internacional”. (Período e ação de classe, 1921)

Assim não haverá amanhã discussões, nem congressos internacionais, procurando definir uma base de reagrupamento para partidos que teriam surgido em bases por vezes diferentes, como por ocasião da última vaga revolucionária, onde os graus de ruptura com a

social-democracia não eram os mesmos em todos os lugares, mas desenvolver-se-á em escala internacional um trabalho de unificação sobre a base mesma do programa comunista restaurado. É por isso que hoje todo trabalho de restauração teórica do programa comunista liga-se imediatamente a esta data distante.

4.3.9. O partido recusa em seu seio todo mercantilismo e carreirismo. Ele sabe que seu trabalho só vencerá com a condição de ser duro e penoso. Ele sabe que a revolução não é coisa “fácil”. A hierarquia do partido nada tem a ver com a hierarquia da sociedade burguesa – inclusive nos seus partidos – onde o objetivo reside na satisfação de seus interesses pessoais e onde tudo se efetua segundo os critérios da rentabilidade capitalista: obter o máximo de resultados com o mínimo de esforços. No partido comunista, ao contrário, a relação entre os camaradas, a manifestação destes, deve se inspirar no comentário de Marx ao livro de James Mill: toda atividade, toda manifestação, deve ser a da alegria humana pela comunicação com o outro, e, nisto, com a sociedade comunista.

Nesta sociedade:

“Terei a alegria de ter criado pela minha manifestação vital, individual, tua própria manifestação vital, de ter, portanto afirmado e realizado diretamente, na minha atividade individual, minha verdadeira essência, meu ser humano, meu ser social”.
(Marx, Manuscrito de 1844)

Os proletários sempre encontraram no seu partido, não apenas no seu partido, não apenas um órgão de combate contra a sociedade burguesa, mas também a satisfação de uma existência social e humana.

“Quando os operários comunistas se reúnem, eles têm inicialmente por objetivo a doutrina, a propaganda, etc... Mas ao mesmo tempo, adquirem deste modo, uma necessidade nova, a necessidade da sociedade e aquilo que aprecia como meio tornou-se o objetivo. Pode-se observar os mais brilhantes resultados desse movimento prático, quando vemos reunidos os operários socialistas franceses. Fumar, beber e comer, etc... são então apenas meios de união, meios unificadores. A sociedade lhes basta e as reuniões e os divertimentos visam apenas criar esta sociedade. Neles a fraternidade humana não é uma frase, mas uma verdade, e a nobreza da humanidade brilha sobre suas figuras pelo trabalho”. (Marx, Manuscrito de 1844)

“Os operários ingleses e franceses formaram associações onde eles não se contentam em se instruírem mutuamente sobre suas necessidades imediatas como operários, mas instruem-se ainda de suas necessidades como homens, sem contar que manifestam também uma consciência muito profunda e muito ampla da força “enorme”, “imensa”, que resulta de sua cooperação”. (Marx, Engels: A Sagrada Família)

4.3.10. O partido abole em seu seio os antagonismos sociais ligados às classes e às diversas categorias que estão no seio da classe proletária. Ele assume os trãsfugas do campo burguês ou pequeno-burguês à disciplina férrea do proletariado, cuja primeira verdade é

para eles a seguinte: submissão TOTAL ao programa comunista, único programa revolucionário na sociedade burguesa. No partido, só se conhece militantes comunistas, independentemente da natureza de sua atividade profissional ou de sua origem social.

“As descargas de alta tensão que foram expelidas dos pólos de nossa dialética nos ensinaram que o camarada, o militante comunista e revolucionário, é aquele que soube esquecer, renegar, arrancar do espírito e do coração a classificação na qual o enquadrava o estado civil desta sociedade em putrefação; aquele que se vê e se integra na perspectiva milenar, que une nossos ancestrais das tribos em luta contra as bestas ferozes aos membros da comunidade futura, vive na fraternidade e na alegre harmonia do homem social”. (Bordiga, Consideração sobre a atividade do partido quando a situação é historicamente desfavorável, 1965)

Uma das conseqüências, no plano formal, é que o partido não poderia ser bolchevizado, quer dizer organizado na base da empresa, célula base da sociedade capitalista. A unidade de base do partido deverá ser territorial, para arrebentar a canga das divisões sociais capitalistas e não reproduzir uma forma de organização tomada da sociedade inimiga. O partido deve permanecer pequeno para ser forte, fora de toda concepção “elitista”.

4.3.11. Assim como a classe, o partido pertence simultaneamente a esta sociedade e a uma outra. Ele representa a sociedade futura, mas deve destruir a sociedade antiga, e, portanto possui um certo número de características contraditórias, que se resolvem dialeticamente na revolução comunista e na generalização do ser do partido (o programa) ao conjunto da sociedade.

- É um partido político que tem por objetivo destruir a política.
- É um partido de classe cujo objetivo é instaurar a sociedade sem classes, dirigindo a revolução comunista.
- Ele utiliza a violência, mas para destruir finalmente suas bases e instaurar uma sociedade harmoniosa.
- Ele luta contra o Estado e para destruição do Estado burguês, e deste modo instaura um Estado proletário que é apenas um semi-Estado em vias de desaparecimento (e isso desde sua instauração), destinado a desaparecer completamente com o advento da sociedade comunista.
- Seu programa é o de uma classe, mas ao mesmo tempo coincide com os interesses de toda espécie humana.
- Ele exprime a negociação do modo de produção capitalista mesmo já existindo no seio deste. Nesse sentido, exprime a solução do antagonismo capitalismo-comunismo.

4.4. Partido, indivíduo e espécie : o arreesamento da práxis.

4.4.1. O proletariado é a primeira classe revolucionária na história da humanidade que não é portadora de um projeto parcial de emancipação, mas que encarna a perda total do ser humano e que, portanto, apenas ela pode reencontrar destruindo toda dominação de classe. É por isso que o proletariado é capaz de antecipar o devir do modo de produção capitalista, e de prever as grandes linhas da organização futura da espécie humana. O comunismo é o

conhecimento de um plano de vida para a espécie humana. Decorre disso que a organização revolucionária do proletariado não será semelhante a qualquer partido político, do mesmo modo que o proletariado revolucionário não é uma classe com as outras, e sua revolução não se assemelha a qualquer revolução política. Para exprimir esta qualidade específica do partido revolucionário do proletariado a Esquerda Comunista da Itália, e mais tarde Invariance, utilizaram a fórmula seguinte: o partido é prefiguração da sociedade comunista. Ora, é necessário precisar o que se entende por isso.

4.4.2. As bases materiais da sociedade comunista já estão incluídas no seio do modo de produção capitalista. Enquanto classe explorada e revolucionária o proletariado encarna negativamente o comunismo no seio da sociedade burguesa. No proletariado já estão destruídos todos os traços da sociedade burguesa. Mas o comunismo não pode se manifestar simplesmente como fator negativo, no seio da sociedade; ele deve afirmar-se positivamente, como alternativa verdadeira à desumanidade encarna pela civilização capitalista. Ora, o proletariado afirma positivamente o comunismo quando, de classe em-si, explorada pelo capital, ele se constitui em classe em-si e para-si, portadora do projeto revolucionário da humanidade: o comunismo. Em outras palavras, ele o faz quando se constitui em partido distinto e oposto a todos os partidos políticos das classes exploradoras.

4.4.3. Donde o fato de que este partido (= a classe proletária constituída em partido) encarna o comunismo no seio da sociedade burguesa. A natureza contraditória deste partido vem de que ele luta para afirmar o futuro no seio do presente que lhe é hostil. Determinado pelo comunismo, já presente no seio da realidade capitalista, o partido revolucionário do proletariado antecipa certos traços da sociedade comunista realizada. Dentre estes, podemos retomar o que foi assinalado acima: anti-mercantilismo, recusa do carreirismo, abolição dos antagonismos sociais ligados às classes e unificação dos homens em torno do projeto revolucionário do proletariado, negação do modo de produção capitalista e previsão dos comportamentos da humanidade futura liberada dos limites deste último. No seio do partido o comportamento dos militantes entre si deve se inspirar das notas sobre o livro de James Mill.

“Sendo o ser humano a verdadeira comunidade (Gemeinwesen) dos homens, estes devem produzir, pela atividade de seu ser, a organização coletiva humana – o ser social que não é uma potência abstratamente geral face ao indivíduo isolado, mas o ser de cada indivíduo, sua própria atividade, sua própria vida, seu próprio gozo e sua própria riqueza”.

Nesse sentido, o partido é imediatamente prefiguração da comunidade, pois afirma positivamente o ser revolucionário do proletariado, que é ao mesmo tempo o ser humano reencontrado (Gemeinwesen). Portanto, o partido encarna para o proletário a comunidade humana, à qual aspira todo seu ser a partir do momento em que procura livrar-se do jugo da comunidade do capital. O partido deve também poder satisfazer a necessidade de comunidade do proletário.

“Quando os operários comunistas se reúnem, eles têm inicialmente por objetivo a doutrina, a propaganda, etc... Mas ao mesmo tempo, adquirem deste modo, uma necessidade nova, a necessidade da sociedade, e aquilo que aprecia como meio tornou-se o objetivo. Pode-se observar os mais brilhantes resultados desse

movimento prático, quando vemos reunidos os operários socialistas franceses. Fumar, beber, e comer, etc... aí são apenas meios de união, meios unificadores. A sociedade lhes basta e as reuniões e os divertimentos não visam apenas criar esta sociedade. Neles a fraternidade humana não é uma frase, mas uma verdade, e a nobreza da humanidade brilha sobre suas figuras curtidas pelo trabalho”. (Marx, 1844)

É assim que o partido revolucionário aparece igualmente para o proletário como o “porto de repouso”, o lugar onde se afirma sua natureza revolucionária livre da alienação.

4.4.4. Mas para o revolucionário, não há maior repouso que a luta. E esta prefiguração do comunismo que se opera no partido não pode ser compreendida a não ser que se tenha rejeitado a solução anarquista (o partido é realizado da comunidade – cf. a crítica de Engels na citação reproduzida mais acima, página 31). A afirmação do comunismo não pode ser senão contraditória, na medida em que ela se faz no seio da e contra a sociedade burguesa. O comunismo só pode afirmar-se destruindo o modo de produção capitalista, donde a necessidade da organização. Donde o fato desta última pregar a violência e o terror para abater a organização capitalista da sociedade e liberar a nova sociedade que faz nas suas entranhas.

O partido comunista não pode, portanto ser uma ilhota de humanidade no seio da civilização. Sua natureza contraditória consiste precisamente nisso: se, por uma parte, ele é apto a prefigurar a sociedade comunista a vir, por outro, ele manifesta a necessidade de se organizar para destruir o capital. Donde existir entre os traços característicos do partido comunista, característica que são, elas mesmas, aparentemente contraditórias com a afirmação de seu projeto futuro: centralismo, organização militar, hierarquia, disciplina de partido, e todas as submissões ligadas a uma organização real da luta, etc... Mas, apenas os anarquistas podem considerar isso como incoerência, porque são imediatistas e não vêem a necessidade de se organizar para fazer triunfar o projeto revolucionário. Ora, não há incoerência, se concebe corretamente a dialética da forma e do conteúdo. O conteúdo é o comunismo. Ora este, que está soterrado nas entranhas da sociedade capitalista, não pode se afirmar pacificamente nela. (“O proletariado, a mais baixa camada da sociedade atual, não pode se sublevar, se erguer, sem fazer voar em pedaços toda a superestrutura das camadas que constituem a sociedade oficial”. Manifesto do Partido Comunista). Donde, com a necessidade da luta, a necessidade de uma organização, de uma forma, que possa afirmar esse conteúdo. Ora, tudo o que esta forma pode aparentemente conter de contraditório está inscrito no fato de que o próprio conteúdo, para realizar-se deve afirmar-se contraditoriamente através da revolução comunista.

4.4.5. Como organização do proletariado revolucionário, protagonista de uma luta de morte que coloca frente a frente o proletariado e a burguesia, o partido reivindica a utilização de armas e de métodos que fazem estremecer os anarquistas, porque contradizem a visão idealista de uma classe que importa seu programa unicamente pela sua força persuasiva.

Recordemos brevemente que:

- O partido é centralizado. As decisões tomadas em função do programa invariante, não dependem das variações contingentes da situação mas da previsão rigorosa do curso revolucionário.
- A aceitação das diretivas do partido efetua-se na mais estrita disciplina, o indivíduo submetendo-se ao programa na sua totalidade e sem discutir as diretivas que são aplicadas no seio deste; quanto maior é a organicidade, mais o centralismo orgânico é uma realidade no seio do partido, e mais a aceitação disciplinada das diretivas segue naturalmente.
- O partido dota-se de uma organização militar e clandestina. Sua tarefa é preparar o enfrentamento final com o capital e seu Estado, e ele faz tudo para se colocar à altura desta tarefa.

4.4.6. A aceitação destas características supõe igualmente que esteja resolvida no seio do partido a antiga questão, que até aqui tomou a forma de um dilema, entre o indivíduo e a espécie. Toda a questão de saber QUEM pensa e QUEM age na história encontra-se resolvida.

“Atribuindo ao partido seu lugar e seu papel na gênese de uma sociedade nova, a doutrina marxista fornece a mais brilhante das soluções ao problema da liberdade e da determinação na atividade humana. Enquanto for colocado em termos do “indivíduo” abstrato, este problema será unicamente fonte de elucubrações metafísicas por parte dos filósofos da classe dominante e decadente. O marxismo, ele o coloca à luz de uma concepção científica e objetiva da sociedade e da história. A idéia de que o indivíduo – e um indivíduo – possa agir sobre o mundo exterior deformando-o e modelando-o à sua vontade, em virtude de um poder de iniciativa que lhe viria de qualidades de caráter divino, está muito longe de nossa concepção; condenaremos do mesmo modo a concepção voluntarista do partido segundo a qual, estando forjada uma profissão de fé, um pequeno grupo de homens poderia se impor ao mundo difundindo-o graças a um esforço gigantesco de atividade, de vontade e de heroísmo. Por outro lado, seria uma concepção aberrante e estúpida do marxismo crer que a história e a revolução obedecem a leis fixas; não nos restaria outra coisa a fazer a não ser descobri-las através de uma pesquisa objetiva e tentar formular previsões sobre o devir sem nada tentar no domínio da ação. Esta concepção fatalista implicaria negar a necessidade e a função do partido. A poderosa originalidade do determinismo marxista não o coloca a meio caminho entre duas concepções, mas acima de outras. Dialético e histórico, ele recusa todo apriorismo e não pretende aplicar a mesma solução abstrata a todos os problemas; quaisquer que sejam a época e o grupo humano considerados. Se o desenvolvimento atual das ciências não permite um recenseamento completo das causas que impelem o indivíduo a agir partindo dos fatos físicos e biólogos para desembocar numa ciência das atividades psicológicas, é no entanto possível resolver o problema no domínio da sociologia, aplicando à esta última, como o fez Marx, os métodos da pesquisa próprios à ciência positiva e experimental moderna, da qual o socialismo recolhe integralmente a herança, e que são totalmente diferentes da filosofia pretensamente materialista e positiva que a classe burguesa adotou no curso de sua ascensão histórica. Tendo assim racionalmente em cota as influências recíprocas que os indivíduos exercem uns sobre os outros, graças ao estudo crítico da economia e da história, após ter limpadado o terreno de todas as ideologias tradicionais, chega-se,

num certo sentido, a desvendar parcialmente a indeterminação do processo que se desenvolve em cada indivíduo. A partir disto, o marxismo pôde instaurar um sistema de noções que não é um evangelho imutável, mas um vivo instrumento de estudo e de descoberta das leis do processo histórico. Este sistema repousa sobre o determinismo econômico descoberto por Marx e que vê, no estudo das relações econômicas e do desenvolvimento dos meios técnicos de produção, a plataforma objetiva na qual se pode apoiar solidamente para enunciar as leis da vida social, e, numa certa medida, prever sua evolução ulterior. Feita esta colocação, é necessário notar que a solução final não consiste em dizer que esta chave universal tendo sido descoberta, bastaria deixar os fenômenos econômicos seguir sua lei imanente para que se produzisse uma série dada e prevista de fatos políticos. Certamente nossa crítica desvaloriza completa e definitivamente não tanto a ação dos indivíduos, mesmo que sejam apresentados como os atores principais dos eventos históricos, mas as intenções e perspectivas das quais imaginam que resulta esta ação; mas isso não significa de modo algum que um organismo coletivo como o partido de classe não possa e não deva ter nem iniciativa, nem vontade. A solução à qual o marxismo chegou foi, aliás, formulada repetidas vezes nos nossos textos fundamentais.

Os homens e seus agrupamentos, mesmos os mais potentes: classes, partidos, Estados, foram até aqui joguetes de leis econômicas que eles ignoravam no essencial. Privados da consciência histórica do processo econômico, eram incapazes de dirigi-lo e governa-lo. Mas para a classe que apareceu na época histórica atual, o proletariado, e para os agrupamentos políticos – partido e Estado – que devem emanar, o problema muda. É a primeira classe que não é impelida a fundar seu advento sobre a consolidação de privilégios sociais e sobre uma divisão da sociedade em classes, implicando a sujeição e exploração de uma nova classe. E é também a primeira que consegue forjar-se uma doutrina do desenvolvimento econômico, histórico, e social, precisamente o comunismo marxista”. (Teses de Lyon, 1926)

4.4.7. O proletariado é a única classe que, na história, pode agir como sujeito consciente de si mesmo, capaz de antecipar, de dominar, e dirigir seu próprio movimento. Ora, esta capacidade não é dada à classe “em-si” mas à classe revolucionária, classe em-si e para-si, que se organiza em partido comunista revolucionário. Ao constituir-se em partido, a classe proletária dota-se de um cérebro social, capaz de integrar todo o arco histórico humano, das formas comunistas primitivas ao comunismo superior, passando pelas sociedades de classe. Temos assim, pela primeira vez na história, uma ruptura com o desenrolar dos eventos que fazem com que as forças sociais atuantes manifestem-se sempre sem ter nem a consciência, nem o controle de seu movimento. Elas engendram assim forças que não podem controlar e cuja consciência e compreensão teórica lhes é dada “post-festum” uma vez passado o fato – e ainda de maneira alienada e deformada. É por isso que Hegel disse, a propósito da filosofia – mas isso vale para toda expressão teórica e ideológica em geral – “a coruja de Minerva alça seu vôo ao cair da noite”.

4.4.8. Com o proletariado, como classe organizada em partido, tem-se pela primeira vez, ao contrário, um sujeito agindo na história que possui a perfeita consciência e conhecimento de seu movimento e de seu objetivo histórico. Enquanto que o indivíduo é incapaz de superar o horizonte limitado de seus interesses imediatos – e que a classe em-si

é incapaz de chegar a uma compreensão clara de seus interesses – o partido, quer dizer a classe em-si e para-si, pensa e sabe em escala histórica não somente no que concerne ao ontem e ao hoje, mas sobretudo ao que concerne ao amanhã.

4.4.9. É esta contribuição histórica do partido e da doutrina comunista à questão “filosófica”, à questão da relação entre a consciência e a ação (que os filósofos limitam-se a considerar ao nível do indivíduo, ou de um conjunto que se comporta como um indivíduo, enquanto ela não pode ser resolvida a não ser ao nível da espécie), que foi caracterizada pela Esquerda como “arreesamento da práxis”. Por essa fórmula entende-se o fato de que, enquanto até agora a atividade humana seguiu sempre a consciência, com a organização do proletariado em partido comunista tem-se, pela primeira vez, um arreesamento do sentido da ação, esta então precedida e dirigida por uma aguda consciência teórica das condições e conseqüências desta ação. (A Esquerda Comunista da Itália, utilizou-se de um esquema para mostrar como este arreesamento só pode efetuar-se ao nível do partido de classe).

4.4.10. Ao nível do indivíduo (qualquer que seja, e mesmo que faça parte da classe proletária), não é a consciência teórica que determina a vontade de agir sobre o meio exterior. É, pelo contrário, o inverso que se verifica. De início, o indivíduo é posto em movimento por necessidades físicas, concernentes à sua própria subsistência e que, através de seus interesses econômicos o impelem a agir. A consciência que ele possui então não corresponde à ação que ele empreende.

4.4.11. Numa escala superior, temos a classe em-si que mediatiza o conjunto dos indivíduos colocados em condições idênticas e que vivem da mesma maneira e relação entre as necessidades, a ação e a consciência. Só que agora já estamos ao nível da classe e não mais do indivíduo, o que significa que as condições materiais existem para que surja uma consciência e uma ação coletivas. Para o comunismo, reconhecer a nulidade e a passividade do indivíduo ao nível histórico não implica, de modo algum, renunciar às perspectivas de subversão social, pelo contrário.

“Retemos o resultado da passividade inconsciente do indivíduo; mas, segundo nosso determinismo, não pretendemos ter previsão e verificação ao nível individual. Nós o colocamos em evidência no domínio social com a análise histórica (e econômica), e não excluimos que a regra média geral seja contradita em casos particulares muito variados, sem que isso macule nossa teoria. Não procuramos a prova do determinismo nas opiniões jacentes na cabeça dos homens tomados um a um, nem sua ruptura na vontade consciente e na iniciativa de ação de pessoas, pequenas ou grandes.

Todavia a ruptura vem e, em geral, na história, sua consciência teórica sempre seguiu sua efetivação nos fatos. À ruptura seguirá o determinismo da época burguesa, que faz com que as vítimas do sistema pensem segundo sua ideologia, virá, mas pela primeira vez na história (e não por efeito inato no ato criativo divino ou na imanência da Idéia) – e nisto reside o “arreesamento da práxis”- com a aparição de um sujeito que conheça, quer e age segundo sua própria iniciativa, o qual não é uma pessoa, mas o partido revolucionário. Este exprime a organização da classe proletária moderna, se bem que ele não represente a classe num sentido burguês de delegação democrática, ele a representa em seu programa e na sua futura

realização; ele representa a sociedade comunista de amanhã, e é este o sentido do salto (Marx-Engels) do regime da necessidade ao da liberdade, o qual não é realizado pelo homem face à sociedade, mas pela espécie humana face à natureza”.
(Bordiga, “O conteúdo original do programa comunista”...)

4.4.12. No reagrupamento de indivíduos numa classe já existe portanto uma concordância de estímulos e de reações que criam a premissa de uma vontade mais clara, e em seguida, de uma consciência. Estas se tornam precisas somente no partido de classe, que não apenas agrupa uma parte da classe, mas elabora, analisa e dá toda sua potência à vastíssima experiência de todos os impulsos, estímulos e reações. É o partido somente que consegue arrevesar o sentido da práxis. Ele possui uma teoria e tem, portanto o conhecimento do desenvolvimento dos eventos. Dentro de limites dados, segundo as situações e as relações de força, o partido pode impor decisões, iniciativas e influências a evolução da luta.

4.4.13. As relações de produção capitalistas exercem uma influência conservadora, tanto sobre indivíduo como sobre a classe no seu conjunto. No entanto quando ela está constituída em partido político, a classe encontra-se em condições de exercer uma influência revolucionária que influencia igualmente os indivíduos. É o encontro dos impulsos econômicos que o impelem a ação e da influência revolucionária impulsionada pelo seu órgão, que a classe é lançada no movimento para a transformação da sociedade.

A relação dialética reside no fato de que, dado que o partido revolucionário é um fator consciente e voluntário dos eventos, ele é também um resultado destes e do conflito que eles contém entre antigas formas de produção e novas forças produtivas. O partido só pode conservar sua capacidade de analisar o movimento e de controlá-lo teórica e praticamente, se ligar cada vez mais estreitamente com a primordial, material e física luta de classes, recolhendo todos os impulsos revolucionários para unificá-los numa só ação.

4.4.14. Pelo fato dele ser prefiguração do homem e da sociedade comunista e igualmente, pelo fato dele resolver em seu seio a antiga contradição entre indivíduo e espécie, é que o partido é a base mediadora de todo conhecimento para o proletário, ou seja, para o homem que recusa a comunidade do capital e aceita a do proletariado, luta para impô-la e fazer triunfar o ser humano. O partido é a solução de todos os enigmas. Todo o movimento histórico que, sem isso, aparece como um “conto cheio de barulho e de furor”, esclarece-se e torna-se inteligível, na medida em que o conhecimento do futuro esclarece o do passado. O conhecimento do partido integra o de todos os séculos passados (religião, arte, filosofia, ciência).

O comunismo teórico não é, portanto uma teoria científica (entre outras), ele engloba a ciência e se serve de suas armas revolucionárias de previsão e de transformação para chegar ao objetivo: a revolução.

4.4.15. O proletariado é, portanto esta classe capaz de arrevesar o sentido da práxis. Ele o faz a partir do momento em que se determina como sujeito revolucionário, isto é quando deixa de ser uma classe que sofre o curso dos eventos para tornar-se uma classe que influi prática e conscientemente sobre ele. Em suma, a práxis do proletariado deixa de ser puramente determinada no sentido desejado pelo movimento do capital, a partir do

movimento em que a classe está organizada em partido. Com sua constituição em partido o proletariado afirma-se como classe emancipadora.

4.4.16. O problema de saber quando a classe torna-se consciente, ou seja, quando ela começa a agir para si mesma – ou ainda quando ela age conscientemente com base no seu programa histórico invariante, não pode ser resolvido teoricamente, com certeza, quando, por ocasião da última grande vaga revolucionária, no curso da qual o movimento de autonomização da classe dominante foi invertido e depois quebrado. A inversão não pôde, portanto efetuar-se verdadeira e duravelmente. Donde a emergência de duas tendências, ambas afastadas da verdadeira dialética da constituição do proletariado em classe revolucionária.

4.4.17. Para o leninismo, que herda os piores aspectos de “Que Fazer?” e os erige em princípios, a classe não é por si mesma jamais consciente de seus atos e somente pode, quando muito, chegar a uma consciência “trade-unionista”. É o papel do “partido”(não concebido na sua ligação orgânica com a classe, mas como um instrumento exterior a ela) de levar à classe uma ciência independente do movimento proletário, que lhe deve ser inculcada por intelectuais para torna-la “consciente”.

4.4.18. Para o espontaneísmo conselhistas, a plena ascensão da classe a consciência de seu próprio movimento não é jamais dada, pois a classe não age segundo um plano revolucionário consciente e longamente amadurecido, mas passa seu tempo inventando soluções novas a partir das situações contingentes às quais ela é confrontada. À vaga consciência do objetivo (um comunismo que não se pode prever e menos ainda descrever), superpõe-se uma consciência também tão vaga dos meios, que presume-se inventar a cada instante.

Recusando-se a compreender que o proletariado deve erigir-se em classe dominante e ditar, através de uma ditadura de ferro, à sociedade as fases de sua transformação revolucionária, esta tendência impede-se igualmente de compreender o arrevessamento que faz do proletariado um sujeito revolucionário, consciente e atuante. De fato, a passagem à consciência é incessantemente adiada. Não podemos prever (que é o papel do partido), o proletariado está condenado a jamais compreender seus atos a não ser “post-festum”. Donde o absurdo de uma posição que erige em fetiche a “consciência de classe” reduzida à espontaneidade, remetendo ao mesmo tempo a emergência desta ao cabo do processo revolucionário, isto é, no limite, ao momento em que o proletariado, negando-se como classe, não pode mais adquirir uma consciência. A ilustração do impasse ao qual chega necessariamente o debate, quando ele toma uma feição exclusivamente filosófica, é fornecida por esta passagem de Lukacs:

“Não se deve, portanto jamais ignorar a distância que separa o nível de consciência dos operários mais revolucionários da verdadeira consciência de classe do proletariado. Este estado de fato também se explica a partir da doutrina marxista da luta das classes e da consciência de classe do proletariado. O proletariado só se realiza suprimindo-se, conduzindo até o fim sua luta de classe e instaurando assim a sociedade sem classe. A luta por esta sociedade, onde a ditadura do proletariado é também uma simples fase, não é somente uma luta contra o inimigo exterior, a burguesia, mas ao mesmo tempo uma luta do proletariado contra si mesmo: contra

os efeitos devastadores e degradantes do sistema capitalista sobre sua consciência de classe. O proletariado só terá arrancado a vitória verdadeira quando tiver superado estes efeitos em si mesmo. A separação dos diferentes setores que deveriam estar reunidos, os diferentes níveis de consciência atualmente chegou nos diferentes domínios, permitem medir exatamente o ponto que foi atingido e o que resta conquistar. O proletariado não deve recuar perante qualquer autocrítica, pois apenas a verdadeira pode trazer sua vitória, e a autocrítica deve, portanto ser seu elemento vital”. (Lukács – “A consciência de classe”- in “História e Consciência de Classe”.)

O drama “filosófico” dos adeptos da espontaneidade é que eles só imaginam apreender a “verdadeira consciência de classe do proletariado” quando este último nega-se como classe e, portanto, perde para sempre a possibilidade de manifestar... sua consciência de classe.

4.4.19. De fato, só se pode apreender as raízes materiais, práticas, da emergência da consciência ligando-se à dialética partido formal/partido histórico. Durante certos períodos, os comunistas só podem refugiar-se no partido no sentido histórico do termo, e sua principal atividade consiste então em manter o ser revolucionário do proletariado, isto é, defender o programa, sem se iludir com as possibilidades de influenciar realmente o curso dos acontecimentos.

A perspectiva inverte-se a partir da formalização do partido. Em plena coerência com a teoria comunista do partido nós “datamos” o arrevessamento da práxis, não por ocasião da vitória da revolução comunista, nem mesmo por ocasião da tomada do poder pelo partido, mas no exato momento em que o partido formal se reconstitui.

A partir do momento em que o partido comunista existe no seio da sociedade e age para sua subversão, temos, qualitativamente, uma classe proletária consciente de si mesma, cuja práxis domina os acontecimentos e não se submete a estes.

4.4.20. Todavia, se qualitativamente a classe já é classe revolucionária, isto não quer dizer que o partido encontra-se imediatamente capaz de conduzir as grandes massas na via revolucionária. Entre o momento em que surgiu o partido e o momento em que ele triunfou sobre seu inimigo capitalista, situa-se todo o processo revolucionário, do qual a insurreição é apenas o final e o paroxismo.

Quando se analisa este período, em que o partido influencia somente poucas camadas do proletariado, grande é o perigo de cair novamente na separação dos dois termos, classe e partido. Ora,

“Não se trata de saber qual objetivo tal ou qual proletário ou mesmo o proletariado inteiro, concebe momentaneamente. Trata-se de saber o que o proletariado é e o que será historicamente obrigado a fazer conforme a este ser. Seu objetivo e sua ação histórica lhe são traçados, de maneira tangível e irrevogável, na sua própria situação, como em toda a organização da sociedade burguesa atual.” (Marx, Engels – A Sagrada Família)

A afirmação deste ser é o proletariado revolucionário.

4.4.21. Entre o momento em que nasce o partido formal, que assumirá imediatamente as tarefas de propaganda, estratégia, direção das lutas, análise teórica das situações, etc... e o momento em que este mesmo partido conduz, em escala mundial, as massas proletárias ao assalto às cidadelas do capital, não há diferença qualitativa fundamental, mas existe todo um processo de reforço revolucionário em que o proletariado, parecendo um boxeador que se levanta após um longo nocaute, reaprende a utilizar o conjunto de seu corpo, a testar seus reflexos, a tomar a medida do adversário, antes de desferir-lhe a série de diretos que o lançarão definitivamente na lona. (Além dos golpes desferidos pelo adversário de classe, o capital deve acusar aqueles desferidos por suas próprias fraquezas internas, a saber as crises que minam cada vez mais suas capacidades de resistência). Organizado em partido, e seguro da legitimidade histórica do combate que ele trava, o proletariado sabe, mesmo face a um adversário que se defenderá com unhas e dentes, e dará todos os golpes baixos possíveis que, segundo as imortais palavras do Manifesto:

“A burguesia produz antes de tudo seus próprios coveiros. Seu declínio e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis”.

4.4.22. No comunismo plenamente realizado, o ser do partido não desaparece, ao contrário ele se realiza e se generaliza ao conjunto da sociedade. Na medida em que a classe proletária generalizou-se ao conjunto da sociedade, para enfim desaparecer, o invólucro formal do partido, a organização, extinguiu-se, morreu assim como o Estado proletário. Mas ao mesmo tempo, o conteúdo, o programa, o modo de vida orgânico que caracterizavam o partido, difunde-se à escala da sociedade humana inteira. Na medida em que inclui a solução do antagonismo indivíduo-espécie, o partido já prefigura a sociedade comunista futura e esta solução generaliza-se no comunismo. Como dizia a Esquerda, o partido, de cérebro social para uso da classe proletária para conduzir a bom termo sua revolução, torna-se um órgão de estudo e de análise da realidade, tarefa para qual colabora organicamente a humanidade inteira, definitivamente liberada das asfixiantes barreiras de classe, raça e nação.

5. ORIGEM E FUNÇÃO DA FORMA PARTIDO

5.1. Premissas Gerais

A tese central que queremos afirmar e ilustrar é a seguinte: é da descrição da sociedade comunista que Marx e Engels deduziram os caracteres da forma partido (¹⁰).

De um ponto de vista metodológico, tentaram indicar na medida do possível o elo entre os diferentes trabalhos de Marx, Engels, Lenine e da Esquerda Comunista Italiana. Em suma, utilizaremos todos os elementos da escola marxista. Ademais, um certo número de pontos será indicado, porém não estudado em profundidade.

A luta do embrião do proletariado no curso da revolução francesa levou certos revolucionários (Varlet, Leclerc, Roux, ou seja, os “Envaidecidos”) a pensar que a revolução apenas se efetua em benefício de uma categoria de homens, que ela não era a liberdade universal. Depois, mas sempre na mesma época, “Lês Egaux” (os “Iguais”) recolocaram em questão a possibilidade que tinha esta revolução de emancipar a humanidade: proclamaram a necessidade de uma nova revolução que não seria conduzida em nome da razão (vide a crítica de Marx na Sagrada Família).

A teoria da evolução universal da Razão e de seu papel encontra-se no sistema de Hegel que põe termo à obra dos filósofos franceses e dos revolucionários burgueses. Além disso, quando o jovem Marx surge na cena política, o proletariado já tinha crescido numericamente e sua potência na sociedade já se tinha reforçado. É da observação da luta do proletariado que nasce, em Marx e Engels, a idéia de que a solução iluminista não é a verdadeira, a real, ao mesmo tempo em que vêem onde esta se encontra: na luta do proletariado. Eles se dão conta de que não se podia resolver teoricamente a questão da emancipação da humanidade, porque o problema não havia sido colocado praticamente. Porque os burgueses raciocinam em nome de um homem abstrato, na categoria do qual o proletariado não entra. A libertação do homem deve ser encarada no campo prático e deve-se considerar o homem real, isto é, a espécie humana (vide 8^a e 10^a teses sobre Feuerbach). Armado desta genial intuição, Marx vai operar a crítica do sistema hegeliano. Tinha descoberto porque a dialética andava de cabeça para baixo. Com um delirante entusiasmo, ele ataca o monstro (Marx é o novo Édipo que resolve os enigmas). Quando as dificuldades são muito grandes, retorna para o campo prático e atira à face do velho Hegel aquilo que é a realidade: a existência do proletariado. Anteu moderno, Marx sempre vem, para sustentar o combate, buscar forças novas no seio do proletariado, do qual explica a luta. Toda crítica de Marx a Hegel é fundamentada na existência deste. É o ponto de conjunção entre a teoria e a luta (tentaremos também, sempre que possível, acentuar este aspecto).

Marx era sensível a todas as lutas práticas e teóricas, estando também a par dos trabalhos de outros combates como Engels, Moses Hess, os socialistas franceses, etc. Assim é que, finalmente, realizar-se-á esta somatória, esta integração histórica: o marxismo, teoria do proletariado, teoria da espécie humana, que surgirá com toda sua força

¹⁰ Este texto apareceu numa tradução italiana em 1961, no jornal *Programma Comunista*, número 13; e, em língua francesa, em *Invariance* número 1 (antiga série).

em plena fase eruptiva do desenvolvimento da sociedade humana, a Revolução de 1848, com o Manifesto do Partido Comunista.

O marxismo é, portanto o produto de toda a história humana, mas ele só podia nascer graças à luta do proletariado.

Nossa tarefa de hoje é procurar explicar como a genial intuição se tornou realidade: o programa comunista. Como este programa foi proposto à humanidade por intermédio do proletariado; como Marx e Engels lutaram para que fosse aceita pela organização proletária (“A história da Internacional foi uma contínua do conselho Geral contra as seções nacionais”); como ele triunfou em 1871 com a Comuna de Paris, o que provava sua necessidade absoluta (a necessidade traduz sua verificação, sua validade); estudaremos tudo isto a fim de precisar a origem e a função da forma partido. Em suma, trataremos da questão raciocinando do seguinte modo: a única atualidade que tem uma realidade é a do programa, isto é, sua necessidade; para nós o capitalismo não existe mais, só existe a sociedade comunista (vide os números do jornal *Programma Comunista* 1959-1960, bem como o que foi abordado em Milão (1959) sobre o seguinte tema: nossa teoria é a única que pode se apoiar numa ação do futuro). (11)

5.2. Origem da Forma Partido

Para compreender a crítica feita por Marx à sociedade burguesa, é preciso saber como evolui o conhecimento humano. Afora o período do comunismo Primitivo e de sua fase de degenerescência (primórdios da sociedade de classes), temos os três grandes momentos seguintes e, de início, os dois primeiros:

- I) Conhecimento mediado por Deus
- II) Conhecimento mediado pelo homem individual (período capitalista – vide as reuniões de Florença, Casale e Milão).

Neste último caso, trata-se de saber o que é o homem? (vide todos os tratados dedicados ao Homem pelos filósofos burgueses como Hume, Locke, Helvetius, etc...). da diferença abstrata do homem individual (que se caracteriza pela razão), passa-se ao problema de saber qual é a melhor forma possível de sociedade, a fim de que se tenha um desenvolvimento ótimo deste homem; portanto, qual é a melhor organização social que garantirá o desenvolvimento mais racional possível da humanidade, considerada como a soma aritmética de todos os indivíduos vivos num dado momento. Enfim, dado que o espírito humano é aperfeiçoável, deve-se educar as massas para alcançar a libertação do homem.

Ao conduzir uma crítica implacável nos Manuscritos parisienses, a Crítica do Estado, a do Direito de Hegel (sendo o direito o elo entre os indivíduos e entre estes e o Estado), na Questão Judia, Marx destrói o monstro hegeliano e consegue apreender o sentido real do movimento da sociedade humana, e isto na sua totalidade. A humanidade no seu conjunto tende para o comunismo do seguinte modo:

“O comunismo como solução positiva da propriedade privada, desta alienação e separação do homem de si mesmo, deve ser, portanto e verdadeira apropriação da natureza pelo homem e para o homem; é, portanto o retorno do homem a si mesmo,

retorno total, consciente e com a manutenção de toda a riqueza do desenvolvimento anterior. Este comunismo sendo um naturalismo acabado equivalente ao humanismo, assim como o humanismo acabado equivale ao naturalismo; ele é a verdadeira solução do conflito entre a existência e a essência, entre a objetivação e afirmação de si, entre a liberdade e a necessidade, entre o indivíduo e a espécie. Ele é o enigma resolvido da história e sabe ser esta solução”.

“É por isso que todo o movimento da história é o ato real do nascimento do comunismo, o ato de nascença do seu ser empírico e, do mesmo modo, para sua consciência pensante, o movimento compreendido e sabido do seu devir”. (Marx, Manuscrito de 1844)

Temos agora o terceiro momento: o conhecimento mediado pelo homem social, pela espécie humana. É deste ponto de vista que Marx e Engels vão ver o mundo e a evolução social. O problema é resolvido de um só golpe. Marx mostra o objetivo a alcançar, a emancipação do homem; mostra quem é seu sujeito: a classe operária (é sua missão histórica, seu programa). Assim, é necessário precisar os caracteres desta classe e a ligação que ela tem com seu programa.

“A emancipação da Alemanha só é praticamente possível se assume o ponto de vista da teoria que declara que o homem é a essência suprema do homem” (Crítica à filosofia do direito de Hegel). O homem é a espécie humana. “A filosofia é a cabeça desta emancipação, o proletariado é seu coração. A filosofia não pode ser realizada sem a supressão do proletariado, e o proletariado não pode ser extinguido sem a realização da filosofia” (idem).

O caráter do proletariado é de ser “uma classe da sociedade burguesa que não seja da sociedade burguesa, uma classe que seja a dissolução de todas as classes, uma esfera que tenha um caráter universal por seus sofrimentos universais e não reivindique um direito particular porque não lhe foi cometida uma injustiça particular, mas uma injustiça em si, uma esfera que não possa mais referir-se a si mesma a título histórico, mas simplesmente a título humano (reencontramos aqui a constante fundamental do marxismo: o critério para julgar da verdade ou do erro é o da espécie: o que nos interessa não é um fato transitório, contingente, mas o ser humano que é mediador de todo conhecimento e de toda ação. O proletariado não funda sua ação na história, na posse de um certo número de meios de produção, e, portanto, numa possibilidade de libertação parcial do homem, mas sobre a não posse da natureza humana da qual ele quer apropriar-se e, deste modo, emancipar o homem, n.d.r.), uma esfera que não esteja em oposição particular com as conseqüências, mas em oposição geral com todos os pressupostos do sistema político alemão uma esfera enfim que não possa se emancipar sem se emancipar de todas as outras esferas, e sem, por conseguinte, emancipá-las todas elas, que seja, em suma, a perda completa do homem, e não possa, portanto, reconquistar-se a si mesma a não ser pela completa reconquista do homem. A decomposição da sociedade na qualidade de classe particular, é o proletariado”. (ibidem, grifos nossos, n.d.r.)

A seguinte citação da Sagrada Família vem ainda precisar o que foi afirmado:

“É verdade que no seu movimento econômico, a propriedade privada caminha para sua própria dissolução, mas ela só o faz por uma evolução independente dela, inconsciente, realizando-se contra sua vontade, unicamente porque ela produz o proletariado como proletariado, a miséria consciente de sua miséria intelectual e física, a desumanização consciente de sua desumanização e, por esta razão, suprimindo-se a si mesma. O proletariado executa a sentença que o salariado pronuncia contra ela mesmo ao produzir a riqueza de outrem e sua própria miséria. Quando o proletariado tiver obtido a vitória, isto não significa em absoluto que se ele se tornará o tipo absoluto da sociedade, pois ele só será vitorioso suprimindo-se a si mesmo e a seu contrário. Então, o proletariado terá desaparecido assim como seu contrário que o condiciona, a propriedade privada”.

“Se os autores socialistas atribuem este papel histórico mundial ao proletariado, não é, como tenta mostrá-lo a crítica, porque consideram os proletariados como deuses. Pelo contrário: no proletariado plenamente desenvolvido, lê-se na prática a última abstração de toda humanidade, mesmo da aparência de humanidade: nas condições de vida do proletariado estão condensadas, da força mais desumana, todas as condições de existência da sociedade atual; nele o homem se perdeu, mas, ao mesmo tempo, adquiriu não apenas a consciência teórica desta perda, foi constrangido diretamente a revoltar-se contra esta inumanidade pela aflição doravante inelutável, impossível de paliar, absolutamente imperiosa, e é por isso que o proletariado pode e deve libertar-se por si mesmo. Mas, ele não pode libertar-se a si mesmo sem suprimir suas próprias condições de existência. Ele não pode suprimir suas próprias condições de existência sem suprimir todas as condições de existência desumanas da sociedade atual que se condensam nesta situação.

Não é em vão que ele passa pela rude, mas fortificante, escola do trabalho. Não se trata de saber o que este ou aquele proletário, ou mesmo todo proletariado se propõe nos diferentes momentos, como objetivo. Trata-se de saber o que o proletariado é e o que deve fazer historicamente em conformidade com seu ser. Seu objetivo e sua ação histórica estão traçados antecipadamente, de modo tangível e irrevogável, na sua própria situação de existência, como em toda a organização da sociedade burguesa atual. Parece-nos supérfluo demonstrar aqui que uma grande parte do proletariado francês e inglês já tomou consciência de sua missão histórica e não pára de fazer esforços para dar a esta consciência toda a clareza requerida.

Assim, o problema do devir do proletariado é o de saber como serão resolvidas as questões das classes e a do Estado, bem como a da organização da sociedade futura. Ademais, a burguesia tende a impedir a realização da ligação orgânica entre a classe e o seu programa; ela tende a reduzir o proletariado a ser uma classe desta sociedade e, para tal, a fazê-lo abandonar seu programa. É aqui que se coloca teoricamente, a questão do partido. Todas estas questões não foram superadas separadamente, mas a resposta lhes foi dada em um só bloco. Marx teve a intuição da sociedade futura. Do conhecimento desta, ele vai deduzir a teoria do Estado e do Partido. Todo o trabalho de Marx e Engels será de descrever esta sociedade futura e de defendê-la contra a sociedade burguesa. O artigo seguinte, escrito no *Vorwärts* de Paris (07.08.1844), nos permitirá demonstrá-lo.

5.3. A Natureza do Estado

Marx analisa inicialmente o que é o Estado: “Do ponto de vista político, Estado e a organização da sociedade não são duas coisas diferentes. O Estado é a organização da sociedade. Na medida em que o Estado reconhece a existência de desarmonias sociais (Marx falará posteriormente de antagonismo de classes, o que é mais preciso, mas indica a

mesma realidade, n.d.r.), ele busca sua causa nas leis naturais que nenhuma potência humana saberia dominar (aqui a crítica permanente do marxismo à pretensa eternidade da forma de produção capitalista), seja na vida privada que é independente dele, seja no campo da eficácia e da administração que lhe diz respeito. “Ele analisa a seguir os “males” da forma Estado e os remédios invocados: “Enfim, todos os Estados buscam nas deficiências acidentais ou internacionais da administração a causa e, portanto, nas medidas administrativas, o remédio para todos os males. Por que? Justamente porque a administração é a atividade organizadora do Estado.” Já temos aqui a crítica da burocracia que alguns, atualmente, querem apresentar como sendo uma classe. Vemos ainda o interesse acentuado de Marx pelas questões de definição dos mecanismos do Estado. É neste sentido que ele acompanhará de perto as medidas tomadas pela Comuna de Paris. Para que o fenômeno burocrático desapareça, será preciso limitar a importância da administração, simplificá-la e, dada sua ligação com a autoridade, impedir que a pertinência à administração seja acompanhada de privilégios.

Marx analisa em seguida as diferentes contradições ligadas ao Estado e faz uma crítica dos reformistas, que são aqueles que desejam curar os males do Estado, incuráveis por natureza: “O suicídio é contra a natureza. O Estado não pode, portanto acreditar na importância interna de sua administração, ou seja, na sua própria impotência. Ele só pode admitir imperfeições formais e acidentais, e tentar saná-las. “Eis assim definida, de modo bastante precioso, a posição dos estalinistas e dos diversos democratas. Mas Marx não pára aqui. Ele goza dos seus adversários mostrando-lhes sua impotência: “Estas modificações revelam-se vãs, ótimo! O mal social é uma imperfeição independente dos homens, uma lei divina, ou então as pessoas possuem uma vontade demasiado pervertida para corresponder às boas intenções da administração. E que estas pessoas privadas têm o espírito mal concebido. Eles murmuram contra o governo cada vez que este limita a liberdade e pedem ao governo de impedir as consequências necessárias desta liberdade”. Eis a crítica dos estalinistas que pedem um poder democrático forte e que, cada vez que de Gaulle restringe “as liberdades” e aumenta a força do poder, “murmuram”; não estão eles de acordo com a forma de Estado?

Marx zomba destas ilusões ao demonstrar que o Estado é o poder organizado de uma classe que domina a sociedade: “pois estes túmulos, esta baixaza, esta escravidão da sociedade burguesa são o fundamento natural sobre o qual repousa o Estado moderno; a sociedade burguesa da escravidão tem o mesmo fundamento natural que o Estado antigo. A existência do Estado e a existência da escravidão são inseparáveis”.

Marx vai levar até o extremo esta impossibilidade do reformismo, criticando a posição de A. Ruge que declarava: “Todas as sublevações serão sufocadas... enquanto estourarem pela ação de homens funestamente isolados da Gemeinwesen (da organização do Estado em vigor) e enquanto as idéias destes homens permanecerem isolados dos princípios sociais”. O que significa que é preciso utilizar o Estado para realizar a liberação do proletariado se não se quer caminhar para um revés. Esta posição será de fato retomada por Lassale, Preoudhon, Dühring, etc... ⁽¹¹⁾.

Marx responde analisando de início o que foram a revolução burguesa e todas as revoluções: “Mas, não é no isolamento funesto que separa os homens da Gemeinwesen (da organização do Estado em vigor) que explodem todas as rebeliões, sem nenhuma exceção?

¹¹ A posição de nossos inimigos é que o objetivo máximo do Partido não tem substância “concreta”, na medida em que os dados históricos concretos são os Estados e os Partidos que agem através do Estado; aqui a justa resposta está clara: os dois termos do antagonismo, Estado de ontem, Partido de amanhã condicionam-se reciprocamente na sua realidade material e “científica”, sem invocar nenhuma espécie de mito.

Toda rebelião não supõe necessariamente este isolamento funesto? A revolução de 1789 poderia ter acontecido sem este isolamento funesto que separava a burguesia francesa da Gemeinwesen (da organização do Estado em vigor)? Ela era precisamente destinada a por um fim a este isolamento”.

5.4. A Via Proletária Não Se Encontra No Seio do Estado.

Todavia, os dados da luta do proletariado colocam-se exatamente do mesmo modo? “Todavia, a Gemeinwesen em relação a que o trabalhador está isolado é uma Gemeinwesen de uma realidade totalmente diferente, e de uma amplitude que nada guarda da Gemeinwesen política (o Estado político). A Gemeinwesen da qual o separa seu próprio trabalho é a própria vida, a vida física e intelectual, os hábitos humanos, a atividade humana, o ser humano. “Aqui, a crítica eleva-se até a totalidade porque é radical. Ora, “ser radical, é tomar as coisas pela raiz. Ora para o homem, a raiz é o próprio homem”. (Crítica à filosofia do direito de Hegel). A miséria do proletariado é de ser privado de sua natureza humana. Esta crítica supera o estreito quadro da crítica de Proudhon, que é apenas uma miserabilidade racional e, portanto, um despropósito sobre a verdadeira miséria do homem. Nossos stalinistas, com sua teoria da miséria absoluta, são os autênticos filhos de Proudhon e de E.Sue (vide a crítica de Marx na Sagrada Família). A reivindicação do proletariado se manifesta na sua vontade de reapropriação de sua natureza humana, e Marx define o Programa Comunista: “O ser humano é a verdadeira Gemeinwesen do homem”. O que significa que na sociedade comunista, não há mais Estado; o princípio de autoridade de organização e de coordenação entre os homens, é a espécie humana. É o retorno ao comunismo primitivo, porém integrando a evolução intermediária (vide citação anterior sobre o comunismo). Antes, a espécie humana era representada sob uma forma imperfeita a parcelar, o totem por exemplo. Os homens se definiam em relação a ele, segundo uma participação com ele (a maioria dos antigos gregos) sua existência individual não era distinta da existência da espécie. Quando se estabelece a sociedade de classe, a ruptura entre ambos se manifesta e atinge seu apogeu na existência do proletariado. É esta miséria que Marx expressa em toda sua universalidade: a miséria que decorre da separação da Gemeinwesen. “Assim como o isolamento funesto deste ser é infinitamente mais universal, mais insuportável, mais terrível, mais repleto de contradições do que o fato de ser isolado da Gemeinwesen. (12). Do mesmo modo a supressão deste isolamento (os proletários só podem adquirir uma consciência de classe lutando e se organizando em partido, n.d.r.) possui uma amplitude infinita, assim como o próprio homem é infinitamente superior ao cidadão de Estado, e a vida humana infinitamente superior à vida política. “Qualquer filisteu, isto é, qualquer democrata vulgar pode pensar que o bravo Marx tirou tudo isto unicamente de seu possante cérebro, já que, para ele, filisteu qualquer, a reflexão é um produto exclusivo do córtex cerebral, senão... adeus divisão do trabalho!!! Não é isto que ocorre de fato. O proletariado é a manifestação viva do pensamento de Marx, do enunciado da universalidade da miséria e, portanto da universalidade de sua liberação. “Uma agitação industrial pode ser tão parcial quanto se quiser, mas não deixa de abarcar em si uma alma universal; uma agitação política pode ser tão universal quanto se quiser, mas não deixa de evidenciar, sob seu aspecto colossal, um espírito estreito”. Se isto pode ser considerado como uma crítica do blanquismo, é antes de tudo uma severa bofetada em Proudhon, cujas

¹² Gemeinwesen aqui, no sentido do ser coletivo político, o ser do Estado (Staatwesen), da Gemeinwesen política (N.D.R.)

cogitações mesquinhas descobriram um dia que a classe operária não possuía capacidade política (portanto, que não poderia governar), e sua recusa – como para os demais anarquistas aliás – em considerar a luta econômica, depois a luta sindical, de modo correto. E Marx prossegue: “Nós o vimos. Mesmo que se verificasse apenas num distrito industrial, uma revolução social se coloca no plano do conjunto, pois ela é uma protestação do homem contra a vida desumana, pois ela parte do ponto de vista de cada indivíduo real, pois a Gemeinwesen da qual ele se esforça em não mais permanecer isolado é a verdadeira Gemeinwesen do homem, o ser humano. “O proletariado tende a opor sua própria Gemeinwesen, isto é, o ser humano, à do capitalista, o Estado opressivo. Ele só pode fazê-lo se organizar em partido. Este é a representação deste ser, sua prefiguração. Toda a vida da classe, e portanto do partido, é dominada pelo movimento para a apropriação deste Ser. Aqui é que se encontra a consciência da missão do proletariado, expressa de modo preciso: a apropriação da natureza humana.

5.5. A Revolução e os Estados.

A descoberta do sentido do movimento da sociedade humana, movimento rumo à sociedade comunista, é concomitante à do redescobrimto do homem, portanto a manifestação simultânea de apropriação de sua natureza. Tudo isto define o programa.

Para precisar este último, Marx caracteriza a seguir a revolução burguesa: “Pelo contrário, a alma política de uma revolução consciente na tendência das classes sem influência política em por fim a seu isolamento em relação ao Estado e ao poder”. Na sociedade feudal, os burgueses possuíam meios de produção, o que lhes conferia um poder, aliás não reconhecido enquanto tal no Estado. Donde a necessidade de não mais permanecerem separados da Gemeinwesen. É por isso que a burguesia pediu a dissolução dos diferentes estados (doravante não se falará mais em povo), pois sua experiência era a expressão de direito do seu afastamento de fato. Ela proclama que todas as camadas sociais podiam participar do Estado. De fato, só participaram aquelas que possuíam (vide as diferentes constituições e sua análise por Marx – n.d.r.); donde a vontade da burguesia de dar uma propriedade privada a todos – é este seu caráter utópico – o que permitia assegurar a Igualdade entre os indivíduos, mas conferia também a cada indivíduo a “consciência de si”. A burguesia realizou, portanto essencialmente, uma revolução política. Nós proletários, não podemos nos contentar com este tipo de revolução, pois seu ponto de vista “é o próprio ponto de vista do Estado existente, do conjunto abstrato do Estado, que só existe graças à sua separação da vida real, que não pode ser imaginada sem a contradição organizada entre a idéia e a existência individual do homem. “O proletariado deve conquistar o poder mas, para fazê-lo, não deve se colocar no plano do Estado. Assim, ele não deve lutar por uma forma de Estado pretensamente mais progressiva do que outra. Ora, ele o faz quando luta por uma fração da burguesia contra outra (democracia contra fascismo). Sua ação deve ser exterior ao Estado. Para chegar a fazer a revolução, o proletariado deve abolir a oposição entre indivíduo e espécie, que é a contradição sobre a qual repousa o Estado atual (enquanto existem indivíduos, existirá o problema de sua organização na sociedade, existirá o problema de sua relação com as verdadeiras necessidades da espécie humana). O proletariado não deve fazer uma revolução cuja alma seja política, pois esta “organiza uma parte dominante da sociedade às expensas da sociedade”. A seguir, antes de passar para a caracterização da revolução proletária, Marx precisa: “Toda revolução dissolve o antigo poder; neste sentido, ela é política”. A revolução burguesa é, portanto uma revolução social quando ela dissolve a antiga sociedade; política quando ela abate o antigo poder político;

mas ao fortalecer definitivamente o seu – pelo menos é o que ela espera – ela se afirma unicamente como revolução política. Pois para assentar sua organização social, a burguesia tinha que utilizar uma organização política que tinha que ser inseparável desta. Por que? Porque os burgueses fizeram uma revolução procurando realizar um tipo humano abstrato: o indivíduo separado da natureza e da espécie; porque queriam liberar os homens das antigas amarras feudais (dependência entre homens e com a natureza). O problema era definir quais seriam os laços entre os homens novos. Por isso formularam a Declaração dos Direitos do Homem, que só foram realizados quando a revolução desembocou no seu terreno prático burguês, isto é, quando ela perdeu a esperança de liberar realmente a humanidade (após ter esmagado o movimento dos Sans-Culottes – vide Sagrada Família). Enquanto que, para o marxismo, o homem é a espécie humana; o homem social tem uma ligação humana com a natureza (dominação desta). É evidente que o Estado do proletariado não será um organismo especial, regido por regras bem definidas, por um direito qualquer, mas será o ser humano: “O socialismo não pode se realizar sem revolução. Este ato político lhe é necessário na medida em que ele tem que destruir e dissolver. Mas o socialismo rejeita o invólucro político quando começa sua atividade organizadora, quando ele persegue seu objetivo próprio, quando se manifesta sua alma. “Já se encontra expressa aqui toda a teoria do desaparecimento do Estado. A revolução cumpre um ato político para acabar com o velho mundo, mas a partir deste momento ela se orienta para a instauração do reino da humanidade sobre a natureza, do reino do homem sobre o planeta; ela não precisa mais de uma força política, já que seu problema não é governar homens; a espécie governa, domina, possui. Desde a destruição da antiga sociedade, a revolução comunista tenderá a afirmar o ser humano que é a verdadeira Gemeinwesen do homem.

5.6. Os Partidos do Proletariado.

O trabalho posterior de Marx será examinar como isto pode ser realizado. É por isso que ele passará a um estudo preciso da sociedade e indicará as grandes linhas de sua transformação: propriedade da espécie, destruição do mercantilismo, etc... Tudo isto será por ele precisando no Manifesto, e, a respeito da Comuna, na Guerra Civil na França (questão da destruição do Estado burguês e medidas para limitar o carreirismo, entre outras).

O partido representa, portanto esta Gemeinwesen. Ele não pode ser definido por regras burocráticas, mas por seu ser, e o ser do partido é seu programa, prefiguração da sociedade comunista, da espécie humana liberada e consciente.

Corolário: a revolução não é uma questão de formas de organização. Ela depende do programa. Só que foi provado que a forma partido é a mais apta a representar o programa, a defende-lo. Neste caso, as regras de organização não são emprestadas à sociedade burguesa, mas derivam da visão da sociedade futura; é o que demonstraremos.

A originalidade da forma partido foi deduzida por Marx da luta do proletariado. Imediatamente este se manifesta como uma nova Gemeinwesen; ele manifesta o objetivo para o qual tende: uma sociedade onde não haverá propriedade privada mas uma propriedade da espécie: “O proletariado clama imediatamente de modo brutal, agressivo, impiedoso e violento, sua oposição à sociedade da propriedade privada. A sublevação silesiana começa precisamente pelo resultado das sublevações inglesas e francesa, a consciência de ser o proletariado. A própria ação porta a marca desta superioridade. Os tecelões não destruíram apenas as máquinas, estas rivais dos operários, mas ainda os livros de contabilidade, os títulos de propriedade; e enquanto os demais movimentos se dirigiam

apenas contra os patrões de fábrica, o inimigo visível, este movimento se dirigiu também contra os banqueiros, o inimigo oculto. Enfim, nenhuma das sublevações dos trabalhadores ingleses foi conduzida com tamanha coragem, tamanha superioridade e tamanha tenacidade...” Comparemos estas botas de gigante da criança proletária com os pequenos sapatos deformados da burguesia política alemã: não se pode deixar de prever formas atléticas para o cinderelo alemão (o que se verificou amplamente; ainda hoje devemos fundar nossa estratégia revolucionária na ação do proletariado neste setor do globo: invariância do marxismo! n.d.r.) “É preciso reconhecê-lo: o proletariado alemão é o teórico do proletariado europeu, assim como o proletariado inglês é seu economista e o proletariado francês seu político”. Em cada um dos três casos, é a luta dos proletários que foi crítica dos diferentes aspectos da atividade humana. O conhecimento não nos provém diretamente dos burgueses, como alguns gostariam de apresentar, mas da luta de nossa classe; não é uma esfera particular de nossa atividade que nos provém passivamente da classe adversa; é algo de vibrante e apaixonante que foi arrancado pelo proletariado a seu inimigo de classe. O jovem Marx tinha infinitamente razão de escrever que as idéias do comunismo” que vencem nossa inteligência, conquistam nossa mentalidade, às quais a razão ligou a consciência, são correntes das quais não podemos nos livrar, que não podemos arrancar sem arrancar-se o coração, são demônios que o homem só pode vencer submetendo-se a eles”.

Marx integrou, portanto os três dados e transmitiu-os ao proletariado sob forma de teses que formam o programa comunista. Este nasceu, portanto da luta e é esta força impessoal acima das gerações. Marx e Engels foram o substrato desta primeira consciência universal e transmitiram-se para nós. Desde o início, Marx mostra, portanto que o programa não é produto de um indivíduo. Isto nos leva a considerar as condições da luta contra o capital; portanto, as condições da ligação entre os proletários e o programa; teremos que individualizar os períodos de revolução e contra-revolução. Os proletários só reivindicam sua missão se são desprovidos de reserva (integremos na dinâmica da sociedade, na luta de classe: pode o capitalismo assegurar uma reserva ao proletariado, fornecer-lhe uma segurança?) (vide a Sagrada Família). Tudo isto está ligado ao problema da crise e os diferentes casos que podem ocorrer, são explicados nas teses de Roma (1922).

Daí decorre uma característica importante do partido. Pelo fato de ser prefiguração do Homem e da sociedade comunista, ele é a base mediadora de todo conhecimento para o proletário, isto é, para o homem que recusa a Gemeinwesen burguesa e aceita a do proletariado, luta para impô-lo e fazer triunfar o Ser humano. O conhecimento do partido integra o conhecimento de todos os séculos anteriores (religião, arte, filosofia, ciência). O marxismo não é, portanto unicamente uma teoria científica (entre tantas outras), ele engloba a ciência e se serve de suas armas revolucionárias de previsão e de transformação para atingir o objetivo: a revolução. O partido é um órgão da previsão. Se ele não o for, desconsidera-se: “Assim como o partido burguês se desconsiderou e provocou ele mesmo seu lamentável fim, acreditando firmemente que com a “nova era” o governo lhe tinha caído do céu, pela graça do príncipe regente, o partido operário desacreditar-se-á mais ainda ao imaginar que, graças à era bismarckiana ou a uma era prussiana qualquer, as andorinhas, pela graça do rei, cairão assadas na sua boca. É absolutamente indubitável que a fatal ilusão de Lassalle – que acredita numa intervenção socialista de um governo prussiano (vide a crítica precedente a A Roge, sobre a utilização do Estado – n.d.r.) – será seguida de uma desilusão; falará a lógica das coisas. Mas a honra do partido operário exige que ele rejeite estes fantasmas antes que a experiência tenha mostrado sua inutilidade (nós é que grifamos porque temos aqui, correlativamente, a crítica da teoria da experiência que

sempre rejeitamos, n.d.r.) “Por que? Porque” a classe operária é revolucionária ou nada é”. O que é o caráter essencial do proletariado.

5.7. Partido e Revolução.

Precisamos, portanto as ligações entre o programa e a classe, isto é, entre Estado e classe. É necessário precisar como se fará o movimento de liberação: pela revolução. Qual será seu caráter? Ela será violenta.

“Certamente a indústria enriquece um país, mas ela cria também uma classe de não-possuidores, de pobres absolutos sem nenhuma reserva, que se multiplica tumultuosamente; uma classe que não pode mais ser abolida depois, pois ela não poderá nunca mais adquirir uma propriedade estável (cerca da metade dos ingleses pertencem a esta classe). A menor perturbação no comércio tira o pão de grande parte desta classe. Que resta a estas pessoas senão revoltar-se quando tais acontecimentos se verificam? Por sua massa, esta classe tornou-se a mais possante da Inglaterra e azar dos ingleses ricos quando ela tiver consciência disto.

Certamente, ela ainda não tem consciência disto atualmente. O proletariado inglês mal começa a ter idéia de sua força, e isto foi fruto da sublevação do último verão. O caráter desta sublevação foi totalmente ignorado no continente: acreditava-se que assumiria um caráter grave. Mas para qualquer um que viu coisa de perto não podia tratar-se disto.

Toda a questão apoiava-se numa ilusão: pelo fato de alguns patrões de usina quererem reduzir os salários, todos os trabalhadores da indústria do algodão, do carvão e do ferro acreditaram que sua situação estava ameaçada, o que não era o caso. Os turn-out (os grevistas que suspenderam o trabalho nas fábricas), não tinham objetivo e não tinham a mínima unidade sobre o modo de agir. Donde a indecisão, a partir da menor resistência das autoridades, e sua incapacidade em superar seu respeito perante a lei. Quando os cartistas se apoderaram da direção do movimento e proclamaram a “Carta do povo” na frente das multidões populares agrupadas, já era tarde demais. A única idéia diretora que animava vagamente os trabalhadores – e os cartistas reivindicavam-na também – era a de uma revolução pela via legal, uma contradição em termos, uma impossibilidade prática: ao querer executá-la, fracassaram. A primeira medida geralmente tomada, a parada das fábricas, já era violenta e ilegal. A inconsistência de toda a questão poderia ter conduzido, desde o início, ao esmagamento do movimento, caso a administração também não tivesse sido tomada de surpresa, indecisa e sem meios de ação. E basta efetivamente uma força militar e policial para manter as massas sob o cabresto. Vimos em Manchester milhares de trabalhadores bloqueados nos “squares” por quatro ou cinco dragões que interditavam seu acesso. A “revolução pacífica” tinha paralisado tudo. Assim a questão encerrou-se rapidamente. No entanto, a utilidade que dela resulta, para os não-possuidores, permanece adquirida: a consciência de que uma revolução pela via pacífica é impossível e que somente uma revolução violenta das presentes condições não naturais, uma derrubada radical da aristocracia nobre e industrial pode melhorar a sorte dos proletários. O respeito da lei, próprio dos ingleses, ainda os impede de fazer uma revolução violenta, mas, em razão da situação descrita acima, não deverá decorrer muito tempo antes que todo o proletariado seja privado de seu pão, e o temor da morte pela fome será então mais forte que o temor perante a lei. Esta revolução é inevitável; como tudo que ocorre na Inglaterra, esta revolução não começará e não se efetuará pelos princípios, mas pelos interesses; é somente destes interesses que poderão se desenvolver os princípios, isto é, que a revolução não será

política mas social.” (Engels: “As crises internas”, enviado de Londres dia 30/11/1842 para a *Reinische Zeitung*, publicado em 12/1842)

Engels junta-se aqui às conclusões de Marx, expostas no *Vorwärts* de Paris; de outra parte, ele caracteriza magnificamente como se apresenta o proletariado quando não há o partido. Infelizmente, o proletariado inglês não iria conseguir separar-se da *Gemeinwesen* burguesa. Pelo contrário, ocorreria uma espécie de aliança entre as duas classes para exploração do mundo.

“Sabe-se que na Inglaterra os partidos são idênticos às classes e à hierarquia social; que os Tories são idênticos à nobreza e à fração hipócrita e rigorosamente ortodoxa do alto clero; que os Whigs compõem-se de fabricantes, comerciantes e “dissenters” (protestantes não vinculados à Igreja anglicana oficial), em suma da alta classe burguesa elevada; que a classe burguesa inferior fornece os “radicais”; o cartismo enfim tira sua força dos trabalhadores, dos proletários. A Inglaterra mostra assim este fato notável: quanto mais uma classe encontra-se ao pé da sociedade e é “inculta” no sentido tradicional do termo, mais próxima está do progresso e tem um futuro. Grosso modo, é a característica de todo o período revolucionário; assim, por exemplo, quando da revolução religiosa, cujo produto foi o cristianismo, via-se que: “Felizes são os pobres”, “a sabedoria deste mundo tornou-se a loucura”, etc. Mas, em nenhum lugar, este sinal precursor de uma grande revolução pareceu tão nitidamente marcado e fortemente delimitado como na Inglaterra, Na Alemanha, o movimento parte não somente das classes cultas, mas mesmo das sábias” (Engels, “Cartas de Londres”, publicado por *Schweizerische Republik* 16/5/1843). Responde-se assim à famosa pergunta anarquizante: é preciso educar as massas para organizar a revolução?

Do que acabamos de dizer, resulta que o proletariado só existe quando é revolucionário, quando tem sua alma, seu programa. Ele opõe seu Estado, quer dizer o Ser humano, à sociedade burguesa. Senão ele avilta-se e sua alma é burguesa. Ele torna-se uma coisa desta sociedade. Neste momento, ele não tem mais vida, pois sua vida é a revolução (vide citações anteriores). É por isso que está dito, no Manifesto: “o poder político propriamente dito, é o poder organizado de uma classe para a opressão de outra. Se o proletariado, na sua luta contra a burguesia, se constitui forçosamente em classe dominante, e, como classe dominante destrói pela violência o antigo regime de produção, ele destrói junto com esse regime de produção, as condições do antagonismo das classes, ele destrói as classes em geral, e, pelo mesmo modo, sua própria dominação como classe.”

Classe, programa, partido e revolução, tudo isto está precisado. A classe só age, e portanto só existe, quando se constitui em partido, que se caracteriza por seu programa (que é sua alma). O partido só pode conseguir realizar sua missão através de uma revolução.

Marx e Engels não se contentaram de uma “intuição”, eles mostraram a realidade do programa. Cada vez que a questão da luta revolucionária não era a questão central de sua atividade, eles voltavam para seus “estudos teóricos”, ou seja, para precisar o programa. Eles descobriram a lei geral, a lei-invólucro; a seguir, precisaram as leis particulares. Estes estudos não eram apenas um enriquecimento, mas um reforço potencial. Eles conduziram isto em contato com a luta proletária: questão do Estado e da Comuna de Paris (vide a explicação de Lenine no “O Estado e a revolução”). Estes estudos permitiram precisar a descrição da sociedade comunista e, portanto, os métodos de alcançá-la, do mesmo modo que – por extrapolação em direção do passado – precisaram a evolução da sociedade humana: indicações sobre uma sociedade onde não havia lutas de classes (comunismo primitivo); extrapolação que se mostrou justa e que perdeu, portanto, este caráter, quando da publicação dos trabalhos de Morgan, magistralmente utilizados por Engels e Marx. É

nesta ótica que deve ser considerado o trabalho deste último sobre o Capital. Pode-se dizer que há, nesta obra três momentos essenciais: o do nascimento do capital, o do capitalismo plenamente desenvolvido, finalmente, o da sociedade comunista. Para desvendar o movimento histórico no seu real devir, Marx os opõe entre si, sem avisar que passa de um ao outro. É por isto que foi tão fácil para os stalinistas teorizar que “O Capital” não dava nenhuma indicação sobre a sociedade comunista. (6)

5.8. O Ciclo do Partido Mundial

Produto da história, programa só pode nascer da luta do proletariado. Marx e Engels expuseram-no para a classe operária e para a humanidade em 1848: o manifesto do Partido Comunista. Expressaram-no claramente nos estatutos da A.I.T. Neste momento trata-se de saber como ele se impôs. Por que, em certos períodos o proletariado abandonou-o? Quais são as condições para que ele o reencontre? Este é o problema da formalização do partido, de sua reconstrução, e que foi resolvido nas reuniões de Nápoles e de Roma em 1951.

A primeira fase do movimento é a fase sectária:

“A primeira fase na luta do proletariado contra a burguesia é marcada pelo movimento sectário. Ele tem sua razão de ser numa época em que o proletariado ainda não é suficientemente desenvolvido para agir enquanto classe. Pensadores individuais fazem a crítica dos antagonismos sociais e dão-lhes soluções fantásticas, que a massa dos operários só tem que aceitar, a propagar, a colocar em prática. Por sua própria natureza, as seitas formadas por estes iniciadores são abstencionistas, estranhas a toda ação real, à política, às greves, às coalizões, em suma, todo movimento de conjunto. A massa do proletariado sempre permanece indiferente, ou mesmo hostil, à sua propaganda. Os operários de Paris e de Lyon não queriam mais os Saint-simonianos, os Fourieristas, os Icarianos, assim como os Cartistas e os trade-unionistas não mais queriam os Owenistas. Estas seitas, alavancas do movimento na sua origem, fazem-lhe obstáculo assim que ele as supera; elas tornam-se então reacionárias; testemunhas disto: as seitas na França e na Inglaterra e ultimamente os Lassalianos na Alemanha, que, após terem entravado durante anos a organização do proletariado, acabaram por tornar-se meros instrumentos da polícia. Enfim, esta é a infância do movimento proletário, assim como a astrologia e a alquimia são a infância da ciência. Para que fosse possível a fundação da Internacional, era necessário que o proletariado superasse esta fase.” (7)

“Frente às organizações fantasistas e antagonistas das seitas, a Internacional é a organização real e militante da classe proletária em todos os países, ligados entre si, na sua luta comum contra os capitalistas, os proprietários fundiários e seu poder de classe organizado no Estado.” (As pretensões cismos na Internacional, 1872)

Todo esse período corresponde ao da contra-revolução que se seguiu após 1815; período que conhece o máximo de desenvolvimento das sociedades secretas. É por isto que o Manifesto diz: “Os comunistas não se rebaixam em dissimular suas opiniões e seus projetos.” Voltaremos a esta questão com o estudo do blanquismo, que é simultaneamente a questão da ligação de uma minoria à massa. Para que o programa pudesse ser defendido por uma organização, era preciso que o movimento tivesse superado o referido estágio. Neste momento, colocava-se a questão de impô-lo. É por isso que Marx e Engels lutaram palmo a palmo no seio da AIT para fazê-lo triunfar. Lembremos mais uma vez a carta de Marx a Bolte: a história da AIT é a luta entre o Conselho Geral de Londres e as seções nacionais de

Londres. Isto significa que o Partido agiu no seio da organização proletária e, na Conferência de Londres, triunfa o partido programa:

“Considerando:

que no preâmbulo dos Estatutos está dito: “A emancipação econômica da classe dos trabalhadores é o grande objetivo final ao qual todo movimento político deve ser subordinado como meio”;

que o Manifesto inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores (1864) afirma: “os mestres da terra e os mestres do capital se servirão sempre dos seus privilégios políticos para defender e perpetuar seus monopólios econômicos. Bem longe de servir à emancipação dos trabalhadores, eles continuarão a colocar nessa via todos os obstáculos possíveis... A conquista do poder político tornou-se, por conseguinte, o grande dever da classe dos trabalhadores;

que o Congresso de Lausanne (1867) declarou: “a emancipação social dos trabalhadores está inseparavelmente ligada à sua emancipação política;

que a declaração do Conselho Geral sobre o pretensão complô da Internacional francesa à véspera do plebiscito (1870) contém a seguinte passagem: “Segundo o enunciado de nossos estatutos, todas nossas seções da Inglaterra, do continente e da América têm indubitável e expressamente o dever de constituir não apenas os núcleos da organização da luta do proletariado, mas devem igualmente sustentar em seus respectivos países todo movimento político que visa atingir nosso objetivo final, a emancipação econômica da classe dos trabalhadores.”

Considerando além disso:

que a Internacional deve fazer face à uma reação desenfreada que esmaga desavergonhadamente toda tentativa de emancipação dos trabalhadores e que se esforça em perpetuar, pela força bruta, a diferença entre as classes e a dominação política das classes possuidoras que daí decorre;

que contra a violência coletiva das classes possuidoras o proletariado só pode agir como classe constituindo-se, ele mesmo, em partido político distinto, em oposição a todas as velhas formações de partido das classes possuidoras;

que esta constituição do proletariado em partido político é indispensável para assegurar o triunfo da revolução social e do objetivo final: a abolição das classes;

que a união das forças dispersas dos trabalhadores, já realizada até um certo ponto pelas lutas econômicas, deve servir igualmente de alavanca para a massa desta classe na sua luta contra o poder político de seus exploradores;

por estes motivos, a Conferência lembra a todos os membros da Internacional que, na situação de luta do proletariado, seu movimento econômico e sua atividade política estão inseparavelmente ligados”. (Intervenção de Marx na reunião de 20-21.09.1871)

Ademais, a criação da 1ª Internacional, assim como a da 2ª (ambas produzidas pela luta do proletariado), foi igualmente a tentativa de impedir o movimento de cair nas mãos dos anarquistas e dos reformistas. Por sua vez, a 3ª Internacional será criada em plena luta revolucionária.

Para compreender isto, é preciso levar dois pontos em consideração:

1º. Ligação entre organização-partido e programa-partido.

2º Quais são as situações, quais são os momentos favoráveis à fundação do partido?

1º Na sua carta a Freiligrath, Marx precisou estes elementos: “Observo de início: após a “Liga” ter sido dissolvida em novembro de 1852 sob minha solicitação não pertencio – nem pertenço – a nenhuma organização secreta ou pública; portanto o partido, no sentido absolutamente efêmero do termo, deixou de existir para mim há oito anos” (grifo nosso)

Isto significa o partido como grupamento de homens (organização). A ligação com o 2º ponto efetua-se pr intermédio da pergunta: por que dissolver esta organização? Marx responde explicando o que é uma fase de recuo, uma fase contra-revolucionária.

Devemos unir organicamente esta resposta com as exposições da reunião de Nápoles (1951), sobre o marxismo como teoria da contra-revolução e sobre a natureza capitalista revolucionária da Rússia (8). Neste último estudo era afirmado que nosso movimento já tinha conhecido outros períodos contra-revolucionários e é por isso que não se devia colocar a questão russa no centro de nossa atividade, o que, cedo ou tarde, poderia desembocar numa visão contingentista.

Nestes períodos, o partido se reduz àqueles únicos camaradas que recusaram de um modo ou de outro a vitória da classe adversa, que muitos militantes teorizam procurando a qualquer preço fazer alguma coisa a fim de “sair da situação”. Para Marx e Engels, a história é apenas uma contínua transformação da natureza humana; um período de recuo não pode engendrar bons militantes. Os que permanecem devem ser protegidos da corrupção deste mundo, o que não é fácil: “Pode-se, em meio às relações e ao comércio burgueses, permanecer acima da imundície. Apenas neste ambiente é que ela se mostra à vontade... A infâmia honesta ou a honestidade infame da moral solvável (...) não vale para mim um tostão a mais do que a irresponsável infâmia, da qual nem as primeiras comunidades cristãs, nem o clube dos jacobinos, nem mesmo nossa velha Liga, conseguiram se libertar inteiramente. Mas acostumamo-nos, no meio dos meandros burgueses, a perder o sentimento da respeitável infâmia ou da infame respeitabilidade. “Nenhuma utopia sobre o homem, portanto nenhum ativismo; cordão sanitário ao redor do partido, tal qual foi esclarecido num “filo del tempo”.

Esta retirada da ação, vontade deliberada de recusar esta num terreno burguês, já que a do proletariado, autônoma, não é mais possível, fez com que Marx “fosse atacado repetidas vezes, senão abertamente, pelo menos de modo compreensível por causa desta inatividade. “Como o dissemos freqüentemente: música da contra-revolução, letras de ontem. Hoje, o mesmo ocorre: critica-se nossa “inatividade” porque recusamo-nos a nos lançar no turbilhão da corrupção burguesa; nossa ação lhes é incompreensível.

5.9. Por Que o Partido Não Desaparece Jamais

Isto posto, Marx precisa o que é a vida do partido: “A Liga”, assim como a “Société des Saisons” (Sociedade das Estações, ndr) de Paris (noção internacional do partido – ndr) e cem outras sociedades, foi somente um episódio na história do Partido que nasce espontaneamente do solo da sociedade moderna”. A formação da organização é um produto dos antagonismos desta sociedade. Se a classe foi batida, se sua organização de luta perdeu seu caráter revolucionário rejeitando o programa, ou se ele foi destruído no curso de um embate armado, uma nova organização reaparecerá espontaneamente; os contrastes sociais desembocarão na sua explosão no cenário da história: o partido reaparecerá.

O partido não é portanto unicamente esta noção diferencial, esta organização cuja vida depende do destino da luta de classes. Qual é sua noção integral? “Procurei afastar este mal-entendido que me faria compreender por “partido” uma Liga morta há oito anos, ou uma redação de jornal dissolvida há doze anos. Entendo o termo “Partido” na sua ampla

acepção histórica...” Isto é, esta prefiguração da sociedade futura, prefiguração do Homem futuro, o Ser humano que é a verdadeira Gemeinwesen do homem.

É o apego a este Ser aparentemente negado nos períodos de contra-revolução (assim como, hoje em dia, a revolução parece ser uma utopia, para cada um) que permite resistir. Nossa ação é a luta para permanecer nesta posição. Na sessão do Comitê Central da Liga dos Comunistas de 15.09.1850, Marx dizia: “Schapper compreendeu mal minha proposição. Assim que esta for adotada, nós nos separaremos, as duas frações separar-se-ão e as pessoas não terão nenhuma relação entre si. Mas estão na mesma Liga e sob a mesma autoridade. Vocês podem até conservar a grande massa dos membros da Liga. No que diz respeito aos sacrifícios pessoais forneci-os tanto quanto qualquer outra pessoa, mas para a classe e não para as pessoas. No que diz respeito ao entusiasmo, não se necessita deste para pertencer a um partido que se acredita chegará ao poder. Sempre desprezei a opinião momentânea do proletariado. Nós nos dedicamos a um partido que, precisamente no seu interesse, não deve chegar ao poder. Louis Blanc nos deu melhor exemplo daquilo que sucede quando se chega prematuramente ao poder”.

De modo mais geral, esta questão liga-se à de saber em que condições pode haver uma ação; que ligação existe entre esta e a consciência, é o que vamos precisar.

Antes, observemos que o fato de desperdiçar inutilmente energias nos períodos de recuo hipoteca o encontro histórico entre a organização do proletariado e seu programa integral: “No entanto, tais acontecimentos estão amadurecendo na Rússia, onde a vanguarda da revolução engajará a batalha. A nosso ver, é isto, e sua inevitável repercussão na Alemanha, que devemos esperar, e virá então o momento de uma grandiosa demonstração e da instauração de uma Internacional (Engels diz aqui, em outros termos, o que Marx explicou a Freiligrath, ndr) oficial, que, pura e simplesmente, não mais poderá ser apenas uma sociedade de propaganda, mas apenas uma sociedade com vistas à ação. Acreditamos portanto que não devemos enfraquecer (grifo nosso, ndr) um meio de combate tão excelente, desperdiçando-o e usando-o num momento em que as coisas estão ainda relativamente tranquilas, onde ainda estamos apenas às vésperas da Revolução”. (Engels e J.P. Becker, Londres, 10.02.1882) (9).

Quanto a este último ponto, todos os marxistas concordam. Basta lembrar as lutas de Lenine e do partido bolchevique, as de Trotsky, todo o trabalho da esquerda para esclarecer que, para nós, a insurreição é uma arte. (10)

O que se manifesta nos períodos de revolução e nos de recuo é a continuidade de nosso Ser, é a afirmação de nosso programa-partido, “na sua ampla acepção histórica”.

5.10. Recusa do Anarquismo para Salvar o Programa.

Marx e Engels lutaram no seio da A.I.T. para fazer triunfar o programa (e não sua ideologia pessoal, visão estreita dos anarquistas e de todos nossos adversários). O ponto de atrito não estava na visão final. Todo mundo quer o Comunismo, até mesmo os burgueses (vide, a este respeito, Lenine), mas no meio de alcançá-lo, no “instrumento” da liberação: a ditadura do proletariado. É a reivindicação desta que é a característica dos marxistas (carta a Wedeyemer). Recordemos o movimento: a classe só age como tal quando se constitui em partido, que representa os interesses desta classe e por conseguinte – dadas as características desta última – os de toda a humanidade; o partido conquista o poder, destrói o Estado burguês; o proletariado erige-se em classe dominante e portanto em Estado, cuja função não é mais política mas social: fazer com que o Ser humano seja a verdadeira

Gemeinwesen do homem (11). A destruição das classes é a condição sine qua non disto. Eis aí o ponto de atrito fundamental com Bakounine:

“Ela (a Aliança) quer antes de tudo a igualização política econômica e social das classes, conforme lemos no seu artigo 2.

“A igualização das classes, no seu sentido literal, tende para a harmonia entre Capital e Trabalho que os socialistas burgueses pregaram com insistência. O grande objetivo da Associação Internacional dos Trabalhadores não é a Igualização das classes, logicamente insensata e impossível de realizar, mas pelo contrário a abolição das classes, este verdadeiro segredo do movimento proletário”. (As pretensas cisões na Internacional. Genebra 1872). Este segredo está guardado no partido, que é a dissolução de todos os enigmas, portanto de todos os antagonismos engendrados pela sociedade de classes.

“Os Aliancistas” pretendem que, em virtude dos Estatutos e das decisões do congresso de fundação, a Internacional nada mais é do que uma livre federação de seções autônomas, que tem por objetivo a emancipação dos trabalhadores, “fora de toda autoridade dirigente, mesmo criada mediante um livre conhecimento”. Assim sendo, o Conselho Geral nada mais seria que “um simples escritório de estatísticas e de correspondência”. .. Segundo eles, o Conselho Geral possuiria em suas mãos uma força perigosa, a livre união das seções autônomas teria sido transformada numa organização hierarquizada e autoritária de “seções disciplinadas, embora as seções se encontrariam inteiramente nas mãos do Conselho Geral que, a seu bel prazer pode recusar as admissões ou suspender suas atividades”.

“Nossos leitores alemães, que conhecem perfeitamente o valor de uma organização que é capaz de se defender, não poderão deixar de achar todas estas argumentações no mínimo surpreendentes...”.

“Mas a luta pela emancipação da classe dos trabalhadores é, para Bakounine e companhia, apenas um mero pretexto; o verdadeiro objetivo é totalmente diferente”.

“A sociedade futura, dizem eles, não deverá ser nada mais que a generalização da organização que a Internacional se tiver atribuído. Portanto, devemos nos esforçar para que esta organização aproxime-se tanto quanto possível de nosso ideal... A Internacional, o germe da sociedade humana futura (harmonia entre as classes e entre trabalho e capital, como vimos, ndr) tem que ser desde já um cópia fiel de nossos princípios de liberdade e do federalismo, e deve expulsar de seu seio todo princípio que tende para a autoridade e a ditadura”.

Nós alemães, somos caluniados por causa de nosso misticismo, mas estamos bem longe dele. A Internacional, uma imagem antecipadora da futura sociedade, não comportando as fuzilarias dos Versalheses, tribunais militares, exércitos permanentes, interceptações de correspondência, tribunais penais de Brunswick! Precisamente agora, quando temos que defender nossa pele, o proletariado não deveria organizar-se em função da luta que lhe é imposta a todo momento, mas fazê-lo conforme as representações que alguns espíritos elocubram a respeito de uma vaga sociedade futura! Representemo-nos o que aconteceria com nossa própria organização alemã se ela se organizasse segundo este modelo... Se todos os Stieber e seus comparsas, todo o gabinete negro, todos os oficiais prussianos invadirem a organização social-democrata, o Comitê, ou melhor, o escritório de correspondência e de estatística não deve de modo algum defender-se, pois implicaria introduzir uma organização hierarquizada e autoritária! E, principalmente, nada de seções disciplinadas! e nenhuma disciplina de partido, nenhuma centralização num ponto sequer, nem armas de luta! Senão, onde estaria a imagem antecipadora da sociedade futura? Em suma, para onde iríamos com uma tal organização? Para a covarde e rastejante organização dos primeiros cristãos, escravos que aceitavam de bom grado cada pontapé, e que após três

séculos, é verdade, deram a vitória à sua religião – um método de organização que o proletariado certamente não imitará”. (Engels. O Congresso de Sonvilliers e a Internacional. Volkstaat. 10.01.1872).

5.11. As Diferentes Fases da Vida do Partido

Podemos agora precisar a vida do partido.

1º – Fase das seitas

2º – Desenvolvimento do partido no período 1840-1848.

3º – Período de recuo, que começa em 1850. É preferível dissolver a Liga, por causa daquilo que dissemos anteriormente, e porque não havia chegado o momento do partido tomar o poder. A classe foi derrotada: “Fomos derrotados, só nos resta recomeçar novamente. A trégua e o repouso, provavelmente breves, que nos serão acordados entre o primeiro e o início do segundo ato do movimento, nos oferecem felizmente o tempo para uma parte verdadeiramente necessária de nossa tarefa: o estudo das causas que findaram a última explosão e, a mesmo tempo, produziram o revés. Estas causas devem ser buscadas em simples elementos acidentais: esforços, talentos, erros, fraquezas, traições dos chefes (12), mas na situação geral e nas condições de existência de cada nação interessada na agitação revolucionária”. (Marx e Engels).

Isto vale para a involução que se manifestou em 1926. Donde o erro de Trotsky ao acreditar que poderia reconstruir uma Internacional. Esta involução nos revelou todos os erros desvendados por Marx. Em vez de um estudo saudável, de um Balanço (13) que teria permitido preparar o outro ascenso revolucionário, buscou-se a causa da derrota na traição dos chefes, nos crimes de Stalin, na passividade das massas, na má aplicação das palavras d ordem (vide, por exemplo, a crítica de Trotsky ao movimento alemão nos anos 30). Fomos os únicos a colocar corretamente o problema, declarando: fomos batidos, mas,,,

4º – Reconstrução do movimento que se acelera com a crise de 1857. Marx e Engels estudam a fundo o porque da derrota. Sua saída da Liga não significa a aceitação desta última. Pelo contrário, preocupam-se em saber se a revolução não poderia se desencadear noutros lugares: na Índia, na China, e vir radicalizar a luta do proletariado no ocidente. Lenine assumirá a mesma posição; é igualmente a nossa.

1864. Fundação da 1ª Internacional. Ela efetua-se numa fase de ascenso do movimento proletário; mas as condições não eram de todo favoráveis, embora o proletariado tendesse a ultrapassar sua fase de seitas e reclamasse esta organização internacional. Ademais, havia o perigo anarquista. Ora, açambarcado pelos anarquistas, o movimento corria o risco de naufragar em formas inferiores de luta. É por isso que Marx e Engels julgaram necessária esta fundação.

1871. O proletariado toma o poder. As características da Comuna serão analisadas no estudo sobre o movimento operário francês e na questão militar. Em todos os casos, a classe é derrotada e isto de um ponto de vista internacional.

No novo período (após 1871), assim como naquele que se abriu depois de 1850, a ação é sobretudo o estudo teórico. Em 1851 (11.02), Engels escrevia a Marx: “De que valerão todas as fofocas e todas as besteiras a teu respeito, que toda a canalha dos emigrados poderá fazer, se você lhes responde com tua Economia política”. Em 29.11.1871 Marx escrevia a de Paepe: “Eu já lhe tinha dito em Londres, que freqüentemente eu me perguntava se não tinha chegado a hora de retirar-me do Conselho Geral. Quanto mais a sociedade se desenvolve, mais perco tempo, e, afinal de contas tenho que terminar o “Capital”. É verdade, era preciso dar aos trabalhadores seu instrumento de combate.

5º – Em 1871, Marx faz um novo balanço e precisa as condições de luta. Precisa a ligação entre a vontade dos homens e sua ação (14). Precisa que o partido programa foi produzido num dado momento da luta da humanidade, que a organização proletária só pode se desenvolver com uma certa amplitude da luta de classes, isto é, para o encontro da classe com seu programa. Em outros termos, o partido não se forma pela vontade direta dos homens. Trata-se de saber como os revolucionários podem preparar as melhores condições para o retorno do partido no cenário da história. Tudo isto está explicado no discurso de Marx de 25.09.1871. “O grande sucesso que coroou até agora seus esforços (da Internacional, ndr) deve-se a circunstâncias que estão fora do alcance do poder de seus membros. A própria fundação da Internacional foi o resultado destas circunstâncias, mas de modo algum deveu-se ao mérito de homens que se dedicaram a esta tarefa. Ela não foi obra de um punhado de hábeis políticos; nem todos os políticos do mundo reunidos poderiam ter criado as condições e as circunstâncias que foram necessárias para o sucesso da Internacional. A Internacional não subiu em praça pública dotada de uma crença particular. Sua tarefa foi organizar as forças dos trabalhadores, ligar entre si os diferentes movimentos operários e unificá-los. As condições que deram um impulso tão gigantesco à associação são as mesmas que aquelas pelas quais os trabalhadores estão cada vez mais subjugados no mundo, e este é o segredo do sucesso. Antes que uma tal transformação seja possível (socialismo) a ditadura do proletariado é necessária e sua primeira conquista é um exército proletário. As classes laboriosas devem conquistar o direito à emancipação pela luta no campo de batalha. É dever da Internacional organizar e unificar as forças dos trabalhadores para o combate futuro. (The World, 15.10.1871)

6º – 1871-1889. Período de reconstrução do movimento que desemboca na fundação da 3ª Internacional, que foi um pouco “forçada”. Com efeito, esta era principalmente reclamada pelos possibilistas e pelos diversos reformistas. É para evitar que o movimento mundial caia sob seu jugo que Engels aceita a fundação. (vide Correspondência Engels-Lafargue e entre Marx-Engels e Sorge).

Em 1889, o programa sofreu a prova da prática, da qual saiu reforçado. A Comuna de 1871 permitiu precisar a teoria do Estado. O ciclo do movimento proletário terminou, desde então. Não há fenômeno social que “possa colocar em causa” o marxismo. Restava apenas a hipótese de uma evolução não-catastrófica da sociedade, e portanto a de uma revolução pacífica. A guerra de 1914 mostrou a inanidade de tudo isto.

A visão reformista só pôde impor-se por causa do desenvolvimento do imperialismo, que trasladou durante certo tempo as contradições para os países colonizados. Ela acarretou a derrota do proletariado em 1914. Só os grupos que tinham permanecido sobre a base do programa integral garantiram a continuidade do Ser humano=partido-programa.

5.12. A Última Tempestade Contra-Revolucionária

Os erros de tática impedem a reorganização do proletariado em partido comunista mundial. São os erros de frente única, de uma visão muito “apressada”, que fizeram com que o proletariado russo não pudesse ter o auxílio do proletariado mundial. De certo modo, esta tática reconhecia a derrota do proletariado ocidental e teorizava-a. A teoria da contra-revolução firmou-se com base nestes erros. Atingimos aqui o estágio mais difícil, mais demorado e mais doloroso do desenvolvimento do movimento operário. A contra-revolução triunfa sob a máscara da revolução. Para poder suplantá-la, não basta colocar-se no terreno dos “dirigentes russos” (erro de Trotsky). Não se deve considerar a questão russa como

uma questão central. A validade do marxismo não dependia de modo algum do sucesso ou do fracasso da revolução russa, pois este já tinha sido demonstrado verdadeiro em cada uma das suas partes. Do sucesso da revolução russa só podia depender a vitória mundial do proletariado. Ora, como já foi repetidas vezes demonstrado, a vitória do socialismo na Rússia dependia da tomada do poder por parte do proletariado no Ocidente. Se uma verificação era necessária, tinha que ser buscada na área ocidental.

A continuidade não foi destruída. A Esquerda defendeu o programa. Em todos os planos, teórico, prático ou tático, ela expôs em toda sua pureza os seus dados. Melhor ainda, efetuou uma nova soma, ordenando todos os elementos dispersos no marxismo que, em função da luta, não tinham podido ser organizados de maneira orgânica num conjunto de teses, que não pretendem ter encontrado algo de novo, mas ser ordenado com vistas a uma luta mais eficaz. São as teses de Roma, as de Lyon, todos os trabalhos sobre o partido¹³.

Nos períodos de derrota, o proletariado abandona seu programa. Este é defendido apenas por uma minoria. Unicamente o programa-partido sai fortalecido da luta. A luta travada de 1926 a nossos dias prova-o amplamente.

Esta luta se efetua colocando em evidência crítica o desmascaramento cada vez maior que, na prática, os russos são levados a operar. Ela consiste em demonstrar como eles são levados a criar novas categorias para fazer a realidade adaptar-se às suas posições gerais. Sabemos que as bases para a fundação do partido comunista mundial só existirão quando o desmascaramento crítico e prático terá ido às últimas conseqüências. Apenas nós sabemos também que esta deverá ser arrancada pelo proletariado, na luta. Ele reencontrará então o seu programa, hoje desnaturado e prostituído. Podemos apresentar nossa tarefa mediante esta comparação: Jesus expulsou com chicotadas os comerciantes que se encontravam no templo; nós temos que expulsar todos aqueles que vendem sua mercadoria teórica batizando-a de marxismo. Portanto, uma vez mais, invariância, quer dizer, continuidade de nosso Ser humano=partido-programa.

Apenas encarando o partido deste modo é que podemos integrar a aparente oposição entre o fato de proclamar possível a revolução comunista em 1848, e a afirmação de 1859 (já indicada, sob outra forma, na Ideologia Alemã) de que toda forma social só desaparece após ter esgotado todas as suas possibilidades.

Pela revolução comunista, é possível abreviar a fase capitalista, que é uma fase transitória, a partir do momento em que existe um desenvolvimento tal das forças produtivas que ele engendra uma classe que pode apropriar-se o Ser humano. A partir deste momento o comunismo é possível. Enunciar isto não é iludir-se sobre as capacidades de resistência da classe adversa, que pode ainda cumprir “certas realizações” que freiam o movimento de liberação porque provocam o surgimento do oportunismo nas fileiras do proletariado. Cientes de tudo isto, Marx e Engels puderam preparar as tropas para a retirada, após derrota. Todos os outros movimentos colocaram, ou colocam, suas forças na batalha e são completamente aniquilados. É desta visão dialética que nasce nossa continuidade histórica (vide esta questão, que poderíamos intitular anti-fatalismo e anti-ativismo, nas teses de Lyon, 1926).

De qualquer modo, no momento atual, chegamos no ponto indicado por Marx onde a forma social esgotou todas as suas possibilidades (pelo menos para uma parte muito ampla do mundo). Saudamos com alegria o grande movimento de expropriação que se desenvolve em escala planetária, pois quanto maior sua amplitude, mais possível se torna a reapropriação da natureza humana, mais atual é o comunismo.

5.13. Função da Forma Partido

A função (16) do partido deriva da luta na sociedade atual e da descrição da sociedade comunista.

I. Organização dos operários, organização da força e direção da violência. “... O movimento político da classe operária tem naturalmente por objetivo final a conquista, para si, do poder político. É óbvio que, para alcançá-la, é preciso uma organização prévia, suficientemente desenvolvida da classe operária, organização que surge das próprias lutas econômicas dos operários”.

“De outra parte, todo movimento no qual a classe operária se opõe, como classe, às classes dominantes, e onde esforça-se para exercer sobre estas uma pressão externa, é um movimento político. Por exemplo, a tentativa numa só usina ou mesmo num ramo industrial, de obter dos capitalistas individuais através de greves, etc... uma redução da jornada de trabalho, é um movimento puramente econômico. Por outra parte, o movimento que visa à conquista de uma lei da jornada de 8 horas, etc..., é um movimento político. E é assim que em toda parte um movimento político nasce dos movimentos econômicos isolados dos operários, isto é, um movimento de classe com a finalidade de fazer valer os interesses sob uma forma geral, sob uma forma que possua uma força geral, obrigatória para toda a sociedade. Se estes movimentos supõem uma certa organização prévia, eles são, no que lhes concerne, um meio de desenvolver esta organização.

Onde o proletariado não está suficientemente organizado para tentar uma campanha decisiva contra o poder coletivo, ou seja, o poder coletivo da classe dominante, ele deve ser educado para esta finalidade através de uma agitação incessante contra a atitude política hostil das classes dominantes.

Sem isto, o proletariado continua sendo o joguete entre as mãos destas classes” (Marx a Bolte, 23.11.1871)

O partido permite portanto a organização da classe (17). A seguir ela será o sujeito da ditadura do proletariado:

Art I. O objetivo da associação é a derrubada de todas as classes privilegiadas, de submeter estas classes à ditadura dos proletários mantendo a revolução em permanência até a realização do comunismo, que deve ser a última forma de constituição da família humana”.

Art. II. Para contribuir à realização deste objetivo, a associação formará laços de solidariedade entre todas as frações do partido comunista revolucionário, fazendo desaparecer, em conformidade com o princípio da fraternidade, as divisões de nacionalidade”. (Sociedade Universal dos Comunistas Revolucionários, 1850)

É esta ditadura que permite destruir o Estado burguês, que impulsiona a transformação social (vide Engels, no Anti-Dühring). Esta ditadura é historicamente necessária, portanto ela é “livre”. Devemos precisar aqui que não somos a favor de

qualquer ditadura e que esta última é um meio; preocupamo-nos em saber contra quem ela deve ser exercida, contra que, em nome de quem, em nome de que. Deste ponto de vista, podemos dizer que apenas as ditaduras reacionárias, que visam à manutenção de uma opressão de classe, são autoritárias porque recusadas pelo homem (não sendo necessárias para seu desenvolvimento e porque monopolizam a Gemeinwesen para explorá-lo). A ditadura revolucionária não é mais autoritária já que é aceita pelo homem como uma liberação, já que esta nova Gemeinwesen terá cada vez mais tendência a identificar-se ao Ser humano, e portanto, em consequência, a desaparecer como fenômeno exterior ao homem. Dizia Lenine: a ditadura do proletariado é a da imensa maioria sobre a minoria, por oposição à da sociedade burguesa. Por outra parte, Marx demonstrou no “Capital” que esta última se torna cada vez mais a ditadura do capital; portanto, ela mesma torna-se externa à classe. Com efeito, durante o período revolucionário, o poder ditatorial da burguesia tinha permitido o crescimento da produção pela destruição dos entraves ligados à existência da sociedade feudal. Disto decorre que, na origem, o capital e seu capitalista são idênticos e a liberdade de um repercute sobre o outro. A seguir, com a concentração capitalista, em ligação com a queda tendencial da taxa de lucro, o capitalista tende a separar-se de seu haver e ele, que era o ser do capital, torna-se propriedade deste. O capitalista como personagem desaparece: “O caráter social das forças produtivas constrange os próprios capitalistas a abandonar os grandes organismos de produção e de comunicação em favor da sociedade por ações inicialmente, de trustes e do Estado a seguir. A burguesia torna-se uma classe supérflua: todas as suas funções sociais são agora preenchidas por empregados assalariados”. (Engels, Anti-Dühring). A liberdade desaparece, ou melhor, é apenas a liberdade do capital. Este torna-se um força impessoal, servida por uma burocracia (patologia das classes) (18) que se torna a organização do Estado moderno; em outras palavras, o Estado torna-se o Estado-capital, com sua administração burocrática. Todos os indivíduos desta sociedade participam do capital; devem receber um lucro proporcional à soma investida. Donde a contradição flagrante de nossa época: um Estado crescentemente opressor e o pedido da parte dos indivíduos para que seja cada vez mais forte (a última crise francesa, ligada à guerra da Argélia, constitui apenas uma enésima demonstração disto). A ditadura burguesa tornou-se um força monstruosa estranha ao homem, que impede o devir da sociedade que, na sua totalidade, tende para o comunismo. O próprio capitalismo tende a desaparecer (vide o trecho no Capital, a respeito do gozo das necessidades. Deve-se ligar isto à teoria das necessidades, que seria uma teoria dos atributos da natureza humana).

É contra esta ditadura que o proletariado deve lutar. A destruição desta última é a supressão da doença do homem; a instituição da ditadura proletária é sua regeneração, pela apropriação da natureza humana. Assim, a dissolução das antíteses indivíduo-Estado, indivíduo-espécie, liberdade-autoridade-necessidade.

A ditadura do proletariado foi sugerida a Marx pelo acontecimentos da revolução burguesa, por Babeuf, pelas lutas do proletariado francês com sua forma específica – o blanquismo – (sem esquecer Flora Tristan), pelas dos operários ingleses e alemães. (19)

Os operários expressavam no plano prático a exigência teórica formulada por Marx na sua crítica a Hegel : quem tem a força tem razão. Os operários conduziram uma crítica nos fatos. Rejeitaram todos os métodos de luta e aspiraram a uma forma de poder que pôde permitir o parto de uma sociedade sem classes. É importante notar que Marx se apóia sempre na realidade para estabelecer sua teoria (vide o mesmo percurso, no que diz respeito à questão do Estado e os ensinamentos da Comuna). Daí decorrem:

- a) O partido é uma minoria da classe (20)

b) Unificação do proletariado em escala internacional para chegar à tomada do poder; caráter internacional da revolução e portanto do comunismo: “a importância do comunismo não reside no fato de que seja uma questão de nosso tempo e de uma extrema importância para a França e a Inglaterra. O comunismo tem uma importância européia.” (Marx. O Comunismo e a Allgemeine Zeitung, 1842 (21)).

O partido deve unificar a luta e fazer-lhe perder seu caráter limitado.

c) A luta de classes é uma guerra. Portanto é necessário um exército. Coloca-se então a questão de neutralizar certas camadas sociais, a dos aliados; é preciso preparar um base de retirada em caso de derrota (22)

Temos, como acentuou Marx várias vezes, uma ardente paixão pelo homem e por sua liberação; mas não será por isso que iremos nos jogar inconsideradamente com ímpeto na batalha. Devemos sempre procurar dominar a estratégia, o terreno de luta. Caso contrário, nosso adversário assegurar-se-á cedo ou tarde, da manutenção da ordem (vide os anarquistas e sua precipitação). Para nós, a insurreição é uma arte.

5.14. Características do Partido

Dado que o partido é a prefiguração da sociedade comunista, ele não pode aceitar um mecanismo, um princípio de vida, uma organização que seja ligada à sociedade burguesa; ele deve realizar sua destruição.

1. Recusa do mecanismo democrático. Nossa posição é: centralismo orgânico. (23)
2. Anti-individualismo. O partido realiza a antecipação do cérebro social. Todo conhecimento é mediatizado pelo partido, assim como toda ação. O militante não tem por tarefa a verdade, ela lhe é dada pelo Partido (a verdade no domínio social; poder-se-á chegar nos outros domínios somente após a revolução). Tendência à realização do homem social. (24)
3. Recusa de todo mercantilismo, de todo carreirismo sob qualquer forma que seja. A ligação entre os camaradas, a manifestação destes entre si deve inspirar-se no comentário de Marx sobre o livro de James Mill; toda atividade, toda manifestação deve ser a da afirmação da alegria humana pela comunicação com o outro e também com a sociedade comunista. (25)
4. Abolição dos antagonismos sociais, ligados às classes. No partido conhece-se apenas militantes comunistas. No plano prático, isto corresponde à necessidade da implantação do partido sobre a unidade de habitação e não sobre a de trabalho. (26)

O partido deve ser a dissolução dos enigmas e deve saber sê-lo. Deve apresentar-se como um porto de repouso para o proletário, o lugar onde afirma-se sua natureza humana, de tal modo que ele possa mobilizar todas suas energias contra seu inimigo de classe.

Era necessário precisar estes caracteres porque eles fazem compreender melhor a função do partido; eles permitem que se tenha uma visão integrativa.

O partido é esta força impessoal acima das gerações; ele representa a espécie humana, o ser humano que foi enfim encontrado. Ele é a consciência da espécie. Esta só pode manifestar-se em certas condições. Por ocasião de uma situação revolucionária, pode ocorrer o arrevesamento da práxis, que é o arrevesamento de todo o desenvolvimento atual e passado. O partido decide a tomada do poder, a destruição da sociedade burguesa, acaba

pré-história humana. Neste momento, tudo converge: é o ponto culminante da teoria pela previsão exata do momento favorável e da ação (a insurreição é uma arte); os dois fenômenos somam-se; é a consciência da ação que aparece, consciência que precede a ação.

O marxismo é uma teoria da ação humana, uma teoria da produção da consciência, mas é ao mesmo tempo, reflexão desta ação, desta práxis. Ele é, portanto, consciência desta. Ele é esta consciência produzida. Portanto, ele é a verdade absoluta desta (Reunião de Milão, 1960). Como consequência, podemos dizer que ele é um guia para a ação (porque ele é a ação organizada do proletariado, o sujeito da história), um guia da ação humana que conduz à liberação do homem, à sua consciência, à sociedade comunista; é o guia da emancipação humana.

(1) – Encontram-se muitas passagens na obra de Marx na de Engels onde é afirmada a existência da sociedade comunista no seio da sociedade capitalista. Assim, na *Neue Rheinische Zeitung* (Nova Gazeta Renana) de 01.01.1849:

“A Inglaterra aparece como a fortaleza contra a qual vêm arrebentar-se os vagalhões da revolução; a Inglaterra esfaima a sociedade nova que ela traz nas suas entranhas. O movimento revolucionário”.

Afirmar esta existência é afirmar o movimento real:

“Com as condições materiais e as combinações sociais da produção, ela desenvolve ao mesmo tempo as contradições e os antagonismos de sua forma capitalista, com os elementos de formação de uma sociedade nova, as forças destrutivas da antiga”. (Marx – “O Capital”, L I, t. 2, p.178)

“O comunismo não é para nós um estado que deve ser estabelecido, nem um ideal conforme o qual a sociedade deve comportar-se. Chamamos comunismo o movimento real que suprime o estado de coisas atual. As condições deste movimento decorrem do pressuposto atualmente existente”. (Marx e Engels – A Ideologia alemã)

Enfim, matematicamente falando:

“Não podemos resolver uma equação se ela já não inclui em seus dados os elementos de sua solução”. (Marx a F. Domele – Nieuwenhuis – 22.01.1881)

A afirmação de uma tal existência é o produto de uma ciência revolucionária:

“Do mesmo modo que os economistas são os representantes científicos da classe burguesa, do mesmo modo os socialistas e comunistas são os teóricos da classe proletária. Enquanto o proletariado ainda não está suficientemente desenvolvido para constituir-se em classe, que, por conseguinte, a própria luta do proletariado com a burguesia não tem ainda um caráter político e que as forças produtivas não estão ainda suficientemente desenvolvidas no seio da própria burguesia, para deixar entrever as condições materiais necessárias à liberação do proletariado e à formação de uma sociedade nova, estes teóricos são apenas utopistas que, para remediar as

necessidades das classes oprimidas, improvisam sistemas e correm atrás de uma ciência regeneradora. Mas à medida que a história caminha e que com ela desenhasse mais nitidamente a luta do proletariado, eles não têm mais necessidade de procurar a ciência nos seus espíritos, eles apenas têm que inteirar-se do que se passa diante de seus olhos e fazer disso seu órgão. Enquanto procuram apenas a ciência e fazem apenas sistemas, enquanto estão no começo da luta, não vêm na miséria a não ser a miséria sem aí ver o aspecto revolucionário, subversivo, que derrubará a antiga sociedade. A partir deste momento, a ciência produzida pelo movimento histórico e a ele associando-se com pleno conhecimento de causa deixou de ser doutrinária, tornou-se revolucionária.” (Marx – Miséria da Filosofia – 1847)

(2) “Porque ele (o “Prussiano”, pseudônimo que adotaria Arnold Ruge, n.d.r.) pensa na forma da política, vê a razão de todos os abusos na vontade, todos os meios de remediá-los na violência e a derrubada de uma forma de Estado determinada. Exemplo comprobatório: as primeiras explosões do proletariado francês. Os operários de Lyon figuravam-se perseguir apenas objetivos políticos, serem apenas soldados da república, quando eram na realidade soldados do socialismo. É assim que sua inteligência política os iludia quanto à fonte da miséria social, falseando neles a consciência de seu verdadeiro objetivo e enganando seu instinto social”. (Marx, “O Rei da Prússia e a Reforma Social” 1844)

A sociedade burguesa é o fim da política (Crítica à filosofia do Estado de Hegel), por este motivo o proletariado, se ele não quer operar no interior do Estado existente, no terreno do adversário, não deve “fazer” política. Mais precisamente, ele deve reivindicar um só ato político: o de destruir a sociedade política (burguesa), simultaneamente um ato militar.

(3) Há uma abundante literatura a este respeito. Citaremos apenas a seguinte passagem:

“Sim, a pessoa é um perigo. Com efeito, ela não é senão um disparate milenar dos homens entre as sombras que os separam de sua história como espécie. O modo de combatê-la reside apenas na unidade qualitativa universal do partido, no qual efetua-se a concentração revolucionária além dos limites de localidade, de nacionalidade, de categoria de trabalho e de empresa, prisão dos assalariados; no qual vive, de maneira antecipada, a sociedade futura sem classes e sem intercâmbio”.

“(…) o partido que estamos certos de ver ressurgir num luminoso porvir será constituído por uma vigorosa minoria de proletários e de revolucionários anônimos que poderão ter diferentes funções, à semelhança dos órgãos de um mesmo ser vivo, mas que estarão todos ligados – tanto os da periferia como os do centro – à norma inflexível e imperiosa para todos no acatamento da teoria; da continuidade e do rigor na organização; de um método preciso de ação estratégica com imperativos invioláveis e cujo leque de possibilidade deve ser tirado da terrível lição histórica das devastações ocasionadas pelo oportunismo.

Num tal partido formalmente impessoal, ninguém poderá abusar do poder justamente por causa de sua característica inimitável que o distingue de maneira ininterrupta desde sua origem em 1848.

Esta característica é a ausência de hesitação do partido e de seus aderentes no momento da afirmação de que sua função exclusiva é a conquista do poder político e sua manipulação central sem jamais esconder, em nenhum momento, este objetivo, e isto até o momento em que todos os partidos do capital e de seus servidores pequeno-burgueses não tiverem sido exterminados”. (Programma Comunista, nº 22, 1958)

(4) Em particular, o partido não pode ser definido por sua organização, considerada como um produto que ao mesmo tempo pressupõe o partido, como um movimento coagulado, porque neste momento a organização torna-se o maior obstáculo à própria vida do partido. É o que aconteceu à social-democracia alemã.

“A história desenrolou-se de tal modo que, à época da guerra imperialista, a social-democracia alemã revelou-se – e pode-se agora afirmá-lo com uma perfeita objetividade – o fato mais contra-revolucionário na história alemã. Mas, a social-democracia alemã não é um acidente; ela não caiu do céu, é o produto dos esforços da classe operária alemã, ao longo de decênios de construção ininterrupta e de adaptação às condições que dominavam sob o regime dos capitalistas e dos junkers. O partido e os sindicatos que lhe eram ligados atraíram os elementos mais marcantes e mais enérgicos do meio proletário, que aí receberam sua formação política e psicológica. Quando estourou a guerra e que chegou a hora da maior prova histórica, tornou-se evidente que a organização oficial da classe operária agia e reagia não como organização de combate do proletariado contra o Estado burguês, mas como um órgão auxiliar do Estado burguês destinado a disciplinar o proletariado. A classe operária, tendo que suportar não apenas todo o peso do militarismo capitalista, mas também o do aparelho de seu próprio partido, foi paralisada. Os sofrimentos da guerra, suas vitórias, suas derrotas, fizeram cessar a paralisia da classe operária alemã, liberando-a da disciplina do partido oficial. Este cindiu-se em dois. Mas o proletariado alemão ficou sem organização revolucionária de combate. Uma vez mais, a história manifestou uma de suas contradições dialéticas: FOI PRECISAMENTE EM VIRTUDE DA CLASSE OPERÁRIA ALEMÃ TER GASTO A MAIOR PARTE DE SUA ENERGIA, NO PERÍODO RECENTE, PARA EDIFICAR UMA ORGANIZAÇÃO QUE SE BASTASSE A SI MESMA, que ocupava o primeiro lugar na II^a Internacional – como partido, como aparelho sindical – foi precisamente por isso que, quando abriu-se um novo período de transição para a luta revolucionária aberta pelo poder. A CLASSE OPERÁRIA ENCONTROU-SE ABSOLUTAMENTE SEM DEFESA NO PLANO DA ORGANIZAÇÃO...” (Trotsky – “Uma revolução que se arrasta” – Pravda, 23.04.1919, nº 85)

Deve-se fazer a ligação disso com a inércia das diferentes organizações, isto é, dos diferentes movimentos da sociedade organizados, congelados portanto, estabilizados. Cada um reage por conta própria e inevitavelmente amortece as impulsões da base.

“Se da produção, fundamento das sociedades, eleva-se às super-estruturas – classes Estados, direitos, partidos, etc. – pode-se estabelecer que a força de inércia de cada estágio da superestrutura não se adiciona simplesmente à dos estágios inferiores, mas é, em certos casos, multiplicada por ela. Como resultado, a consciência política

de grupos que, durante muito tempo imaginaram-se mais avançados, aparece no período de transição como um terrível obstáculo ao desenvolvimento histórico. Sem dúvida alguma, os partidos da II^a Internacional posicionados atualmente à testa do proletariado, não tendo ousado, não tendo sabido, não tendo querido tomar o poder no momento mais crítico da história da humanidade, tendo conduzido o proletariado à exterminação mútua, foram a força decisiva da contra-revolução.

As potentes forças da produção, este fator decisivo do movimento histórico, asfixiaram-se nas superestruturas sociais mais atrasadas (propriedade privada, Estado nacional), nas quais a evolução anterior as havia aprisionado. Tornadas maiores pelo capitalismo, as forças da produção chocavam-se contra os muros do Estado nacional e burguês, exigindo sua emancipação pela organização da economia socialista. A inércia dos grupamentos sociais; a inércia das forças políticas que se revelaram incapazes de destruir os velhos agrupamentos de classes; a inércia, a inteligência e a traição dos partidos socialistas dirigentes, assumindo de fato a defesa da sociedade burguesa, tudo isso desembocou na revolta espontânea, elementar, das forças produtivas, sob os aspectos da guerra imperialista. A técnica humana, o fator mais revolucionário da história, com sua potência acumulada durante décadas, insurgiu-se contra o conservantismo repugnante e a vil inépcia dos Scheidemann, dos Kautsky, dos Renaudel, dos Vandervelde, dos Longuet e, com a ajuda de suas metralhadoras, de seus couraçados, de seus aviões, desencadeou contra a cultura humana um pavoroso “programa”. (Trotsky – “Terrorismo e Comunismo”)

É por isso que definimos o partido não por uma organização que ele pode ter num dado momento, mas pelo programa e pela manifestação deste no seio da coletividade que o representa, o centralismo orgânico.

(5) É uma afirmação essencial de nosso movimento. Ela está em total conformidade com a posição de Marx e de Engels, cuja total atividade estava centrada na previsão das diferentes fases revolucionárias. Do mesmo modo como foi para Lenine, que escrevia:

“Os liberais e os demais inimigos da revolução “reconhecem-na” uma vez que ela eclodiu, e isso, freqüentemente, para enganá-la e traí-la. É antes de seu advento que os revolucionários a prevêm, que tomam consciência de sua inelutabilidade, que fazem compreender às massas sua necessidade, explicando-lhes as vias e os métodos”. (Lenine, “Os marxistas revolucionários na conferência socialista internacional – 5-8 de setembro de 1915”, Obras Completas, t. 21)

“Mas, se realmente prepararmos a insurreição e se a subversão já realizada nas relações sociais torna-a possível, fixar a data da insurreição é coisa perfeitamente factível”. (Lenine, “Dois táticas” Obras Completas, t.8, 14 fev. 1905)

Donde, a necessidade da teoria, para prever. Também encontramos esta afirmação freqüentemente em Lenine, seja em “O que são os “amigos do povo” e como eles lutam contra os social-democratas”, em “Que fazer?”, no “Programa agrário da social-democracia na primeira revolução russa de 1905-1907”, ou , mais tarde, no momento da formação da III^a Internacional.

“Seria evidentemente muito triste que os homens “de esquerda” mostrem-se pouco cuidadosos com a teoria marxista no momento em que a fundação da III^a Internacional só é possível sobre a base do marxismo não aviltado”. (Lenine, “A propósito da brochura de Junius”, julho 1916, Obras Completas, t. 22)

(6) Esta afirmação foi muitas vezes refutada por nosso movimento. Em particular, por exemplo, no *Programma Comunista*, nº 12, 1960: “Os três momentos da teoria”.

(7) É por isso também que para superar esta fase de fragmentação do movimento operário, a Internacional devia reagrupar todas as correntes proletárias.

“Quando Marx fundou a Internacional, ele redigiu seus regulamentos de modo que todos os socialistas daquele período ligados à classe operária pudessem a ela aderir – Proudhonianos, discípulos de Pierre Leroux, e mesmo a porção mais avançada das *trade-unions* inglesas: é justamente graças a esta amplidão que a Internacional tornou-se o que era, o meio de dissolver gradualmente e de absorver todas essas seitas menores à exceção dos anarquistas, cuja súbita aparição em alguns países foi unicamente continuação da violenta reação burguesa depois da Comuna e que podíamos, conseqüentemente, deixá-los tranqüilamente morrer por si-mesmos, como aconteceu. Se nós de 1864 a 1873, apenas nos empenhássemos em colaborar com aqueles que adotassem abertamente nosso programa, onde estaríamos hoje? Penso que toda nossa ação mostrou que é possível marchar lado a lado com o movimento geral da classe operária em cada uma de suas etapas sem abandonar ou esconder nossa própria posição, e mesmo nossa própria organização, distinta e receio que, caso os alemães da América escolham uma via diferente, eles venham a cometerem um grande erro”. (Engels à Sra. Nichnwtzky, 27.01.1887)

(8) Reunião de Nápoles de 1^o de setembro de 1951: “Lições das contra-revoluções. As revoluções duplas. Natureza capitalista revolucionária da economia soviética”.

6. SUMÁRIO

(1) O advento de formas de ditadura do capital, assim como a dissolução do movimento operário internacional e a degenerescência completa da revolução russa, não são “surpresas da história”. Para explicá-las, a linha teórica do marxismo não precisa ser modificada.

(2) Os que negam frontalmente o marxismo como teoria da história são preferíveis aos que pretendem escorá-la (ampará-la), remendá-la (e isso tanto mais que eles têm uma fraseologia extremista e não colaboracionista) e, segundo os quais, variantes e complementos críticos deveriam corrigir seus insucessos e suas impotências. Estamos num período indiscutível de contra-revolução social e política e, ao mesmo tempo, num período de plena confirmação teórica e da vitória crítica.

(3) A análise da contra-revolução russa e sua redução em fórmulas, não é um problema central para a estratégia do movimento proletário (ao longo de sua retomada que esperamos), já que não se trata da primeira contra-revolução, e

que o marxismo conheceu e estudou toda uma série de contra-revoluções. De outra parte, o oportunismo e a traição da estratégia revolucionária têm um curso diferente daquela, da evolução das formas econômicas na Rússia.

- (4) Não apenas o estudo das contra-revoluções burguesas passadas mas também o das contra-revoluções feudais realizadas em detrimento da burguesia insurgente, conduzem a individualizar diversos tipos históricos:
 - Derrota total, militar e social (guerra dos camponeses alemães, 1525)
 - Derrota militar total, mas vitória social (derrota infligida à França em 1815 pela coalizão européia)
 - Vitória militar mas reabsorção e degenerescência das bases sociais (aniquilamento) do capitalismo italiano, apesar da vitória das Comunas unidas a Legnano contra o império feudal).
- (5) Para classificar o tipo de contra-revolução russa, onde a invasão, do mesmo modo que a derrota militar, ocasionadas, pelas potências imperialistas estiveram ausentes, é necessário examinar a estrutura econômica e sua evolução que tende, num duplo sentido, ao capitalismo.
- (6) Nesse sentido, torna-se ainda necessário restabelecer os conceitos marxistas elementares.
 - a) Definição do feudalismo como economia tendo uma produção parcelar e uma troca não mercantil;
 - b) Definição do capitalismo como economia tendo uma produção em massa e uma troca totalmente mercantil;
 - c) Definição do socialismo como economia de produção em massa e tendo uma distribuição não mercantil: contingente, mas já não-monetária no estágio inferior, ilimitada no estágio superior.
- (7) A luta de classe no estágio capitalista é uma luta não pela simples redução da quantidade de mais-valia, mas pela conquista e o controle social de todo o produto de que o trabalhador individual foi expropriado de uma maneira sangrenta. A classe operária luta para conquistar tudo o que forma hoje a riqueza e o valor das implantações: o capital constante, isto é, a herança das gerações passadas usurpada pela burguesia; o capital variável, isto é, o trabalho das gerações atuais exploradas, na sua maior parte, pela burguesia; a mais-valia que é necessário reservar às gerações futuras para a conservação e ampliação do aparelho produtivo. Ela é, hoje, o monopólio da burguesia e os três fatores acima indicados são continuamente dilapidados pela anarquia capitalista.
- (8) O capitalismo de Estado não apenas não é uma forma nova e de transição ao socialismo, como é capitalismo em estado puro. Surgiu, com todas as formas de monopólio, na época da vitória da burguesia sobre os poderes feudais. A relação capital-Estado, conseqüentemente, encontra-se na base da economia burguesa em todas as suas fases.
- (9) A visão marxista da história falharia se, em vez de reconhecer um único tipo de relação de produção capitalista (como houve um tipo dado por outros modos de produção) que se desenvolve de uma revolução a outra, admitisse outros sucedendo-se no tempo.
- (10) A revolução russa devia ser, como a revolução alemã de 1848, a integral de duas revoluções: anti-feudal e anti-burguesa. A revolução alemã falhou nestas duas tarefas na luta política e armada, mas socialmente, a primeira foi realizada: passagem às formas capitalistas. A revolução russa cumpriu vitoriosamente as

duas tarefas nos planos político e militar. Ela é portanto mais avançada. Mas, ao recuar para a tarefa da industrialização capitalista do território controlado, ela permaneceu – no plano econômico e social – no mesmo nível da revolução alemã.

- (11) Após a grande vitória política, poucos setores socialistas surgiram. Mesmo no tempo de Lenine foi preciso, com a NEP, renunciar a estes setores em nome dos fins da revolução internacional. Com o estalinismo renunciou-se, intensificando-se o desenvolvimento que conduz à grande indústria na Rússia e mesmo na Ásia, à revolução internacional. De um lado elementos proletários, de outro feudais, tendendo ao capitalismo.
- (12) O que precede resulta de uma análise da economia soviética feita com base nos critérios fundamentais que foram anteriormente enunciados. A perspectiva de uma terceira guerra mundial, por sua vez, não é um problema central do movimento revolucionário. Dada a convergência das duas cruzadas anti-fascistas (face às quais os núcleos proletários deverão comportar-se como inimigos impiedosos) – a do ocidente com um objetivo democrático, a do oriente com um objetivo falsamente proletário –, a situação durante a guerra será contra-revolucionária.

Ela também o será, ao longo de um certo período, na outra hipótese de um acordo entre a Rússia e os países atlânticos sobre bases econômicas e territoriais. Ao longo do período de pós-guerra que seguirá, o método de sujeição colonial do país vencido assegurará um equilíbrio contra-revolucionário, na medida em que o imperialismo melhor aparelhado e possuindo a maior continuidade histórica será o vencedor. Assim como a pior solução à primeira guerra mundial foi a vitória inglesa, a anglo-americana na segunda, a vitória americana será a mais nefasta no caso de uma terceira. Todos estes pontos encontram-se também tratados nos artigos: “Armamento e investimento”, “A contra-revolução mestra” de Battaglia Comunista n° 17 e 18 (1951), do mesmo modo que em “Le gambe ai cani” (“Endireitando as pernas dos cães”) do mesmo jornal, n° 11. (1952).

- (13) Engels permaneceu fiel a esta posição. A criação da II^a Internacional, foi-lhe imposta. Era preciso evitar que ela caísse nas mãos dos anarquistas.

“O principal a este respeito, é – e isso foi para mim o motivo de entrar desta maneira no jogo – que é aí que reaparece claramente a velha ruptura na Internacional, a velha batalha de Haia. Os adversários são os mesmos, salvo que a insígnia anarquista foi trocada pela possibilista: venda do princípio à burguesia em troca de concessões no varejo e sobretudo contra postos bem pagos para os chefes (conselheiros municipais, Bolsas de trabalhos, etc.). E a tática é absolutamente a mesma. O Manifesto da Soc. Dem. Federation evidentemente escrita por Brousse, é uma edição da circular de Souvillers. E Brousse sabe muito bem disso: ele ataca o marxismo autoritário, sempre com as mesmas mentiras e calúnias, e Hyndman o imita – suas principais fontes, no que concerne à Internacional e à ação política de Marx, são os descontentes do Conselho Geral, Eccarius, Jung e Cia.

A aliança dos possibilistas e da Soc. Dem. Federation devia constituir o núcleo da Nova Internacional que seria fundada em Paris: com os Alemães, se eles se

inserir-se como terceiros na aliança, do contrário, contra eles. Daí todos esses sucessivos pequenos congressos que crescem incessantemente em número: daí o exclusivismo com o qual os aliados tratavam as outras tendências francesas e inglesas como não existentes: daí as conjunções, notadamente com as pequenas nações, nas quais Bakounine também se apoiava. Mas estes procedimentos tornaram-se incômodos no momento que os Alemães, pela resolução de St. Gall, entraram por sua vez muito ingenuamente ignorando absolutamente tudo que acontecia lá fora – no movimento de Congressos. E como estes simplórios achavam melhor andar contra os Alemães, do que com eles – que passavam apesar de tudo, por demasiado marxistas – o Congresso tornava-se inevitável.

(...) Por outro lado, o Congresso não deve ter nenhuma importância. Naturalmente que não irei; não posso continuamente entregar-me à agitação. Mas as pessoas querem agora recomeçar a brincar de congressos e, neste caso, é melhor que eles não sejam dirigidos por Brousse e Hyndman. Ainda havia tempo para impedi-los de fazer isto”. (Engels a Sorge, 08.06.1889)

- (14) "Ora, a insurreição é uma arte, tanto como a guerra ou qualquer outra coisa; é submetida a certas regras práticas e o partido que negligencia estas regras condena-se à ruína. Estas regras que se deduzem logicamente da natureza dos partidos e das circunstâncias eventuais, são tão claras e tão simples que a curta experiência de 1848 tornou-as totalmente familiares aos Alemães. Em primeiro lugar, nunca joguem com a insurreição antes de estarem inteiramente preparados a fazer face a todas as conseqüências do jogo: a insurreição é um cálculo com grandezas bastante indefinidas, cujo valor pode mudar a cada dia: as forças com que vocês se chocam têm a vantagem da organização, da disciplina, do hábito da autoridade; e, a não ser que se lhes oponha uma forte superioridade, vocês estarão vencidos e perdidos. Em segundo lugar, uma vez adentrados na via insurrecional, ajam com a maior decisão e tomem a ofensiva. A defensiva é a morte de toda sublevação armada; perde-se antes de se medir com seus inimigos. Surpreendam seus adversários quando suas forças estão ainda disseminadas; preparem novos sucessos, mesmo se pequenos mas cotidianos; conservem o ascendente moral que vos valeu o primeiro movimento coroado de sucesso; reúnam em torno de vocês os elementos indecisos que sempre seguem a impulsão mais forte e que sempre olham para o lado menos perigoso; forcem seus inimigos a bater em retirada antes que possam agrupar suas forças contra vocês; e lembrai das palavras de Danton, o maior mestre da política revolucionária que conhecemos: audácia, mais audácia, sempre audácia”. (Marx e Engels: “Revolução e contra-revolução na Alemanha)

Lenine retomou o ensinamento de Marx e Engels, quando da revolução de 1905, ao longo da guerra de 1914 (cf. em particular “O programa militar da revolução proletária”, 1916), e quando da revolução de 1917. Trotsky fez o mesmo no seu “1905”, nos seus diversos discursos e, sobretudo, nas “Lições de Outubro”.

- (15) Não foi uma revolução contra tal ou tal forma de poder de Estado, legitimista, constitucional, republicano ou imperial. A Comuna foi uma revolução contra o próprio Estado, este aborto sobrenatural da sociedade; foi a

retomada pelo povo e para o povo de sua própria vida social. Por este motivo, a Comuna não foi uma revolução feita para transferir este poder de uma fração das classes dominantes para uma outra, mas uma revolução para arrebanhar este próprio horrível aparelho de dominação de classe. Não foi mais uma dessas lutas mesquinhas entre a forma executiva e a forma parlamentar da dominação de classe, mas uma revolta contra estas duas formas que se completam: a forma parlamentar nada mais é que um apêndice enganador do Executivo. O Segundo Império foi a forma acabada desta usurpação do Estado. A Comuna foi sua nítida negação e, por conseguinte, o início da revolução social do século XIX. Portanto, qualquer que seja o destino em Paris, ela dará a volta ao mundo". "(...) A Comuna é a retomada do poder do Estado pela sociedade da qual ele se torna a força viva, em vez de ser a força que a domina e a subjuga. É sua retomada pelas próprias massas populares que substituem sua própria força à força organizada para oprimi-las, a Comuna é forma política de sua emancipação social, substituindo à força artificial (apropriada por seus opressores) (sua própria força, opondo-se a eles e organizando-se contra eles) da sociedade colocada a serviço de seus inimigos para oprimi-los. Esta forma era simples como todas as grandes coisas". (Marx. Primeiro ensaio de redação da Guerra civil na França).

- (16) "Seria absurdo, anti-científico e ridículo reduzir o problema a questões pessoais, invocar o caso de Kautsky, de Guesde, de Plekhanov ("mesmo" estes homens). Seria apenas um miserável subterfúgio. Uma explicação séria exige o exame da significação econômica de uma política dada, depois a análise das idéias fundamentais desta última e, enfim, o estudo da história das tendências no seio do socialismo". (Lenine, "O oportunismo e a falência da II^a Internacional, 1915, Obras Completas, t.21)
- (17) Tal foi justamente o título de uma revista da Esquerda Comunista Italiana que apareceu na Bélgica de 1933 a 1937.
- (18) "A organização do partido comunista avançado da Alemanha era desta última espécie. Em conformidade aos princípios do Manifesto (publicado em 1848) e aos que expusemos na série de artigos sobre a "Revolução e a contra-revolução na Alemanha", publicados no New York Daily Tribune, este partido jamais se acreditou capaz de provocar, o momento que quisesse, a revolução que devia colocar suas idéias em prática. Ele estudava as causas que haviam produzido os movimentos revolucionários de 1848 e as causas que os haviam feito malograr-se. Reconhecendo que o antagonismo social das classes é a base de todas as lutas políticas, dedicava-se a estudar as condições nas quais uma classe da sociedade pode e deve ser chamada a representar o conjunto de interesses de uma nação e, em seguida, dirigi-la do ponto de vista político. A história ensinava ao partido comunista como, depois da aristocracia terrena da idade-média, a potência financeira dos primeiros capitalistas começou e apoderou-se das rédeas do governo; como a influência social e a dominação política desta fração financeira dos capitalistas foram destronados pela força, incessantemente crescente depois da introdução do vapor, dos capitalistas industriais e como, atualmente, duas outras classes reivindicam, por seu turno, a

supremacia: a classe dos pequenos comerciantes e a classe dos operários industriais. A experiência prática feita durante a revolução de 1848-1849 confirmava o raciocínio teórico, que desembocava na seguinte conclusão: a democracia dos pequenos comerciantes devia ter inicialmente sua vez, antes que a classe operária comunista pudesse esperar apoderar-se definitivamente do poder e destruir este sistema de escravidão assalariada que a mantém sob o jugo da burguesia. A organização secreta dos comunistas não podia, portanto ter como objetivo imediato a derrubada dos atuais governos da Alemanha. Reunidos em associação para derrubar, não estes governos, mas o governo insurrecional que lhe sucederia cedo ou tarde, podiam e certamente queriam, a título individual, favorecer ativamente qualquer movimento revolucionário dirigido contra o status-quo atual; mas a preparação de um movimento desse gênero diferentemente da difusão, no povo, das opiniões comunistas, não podia ser o objetivo desta associação. A maioria dos membros entendia tão bem este princípio fundamental da sociedade que todos aqueles que, por ambição interessada, tentavam transformar a associação em uma conspiração visando fazer uma revolução extemporânea, foram rapidamente excluídos”. (Marx, Engels: Revolução e contra-revolução na Alemanha).

Lenine teve absolutamente a mesma posição:

“Os adversários de esquerda de Kautsky sabem perfeitamente que não se pode “fazer” revoluções, que as revoluções nascem das crises e das viradas históricas objetivamente amadurecidas (independentemente da vontade dos partidos e das classes)”. (Lenine, “A falência da II^a Internacional, junho 1915, Obras Completas, t.21)

“Não se pode “fabricar” uma guerra civil partir de uma guerra imperialista, do mesmo modo que não se saberia “fabricar” uma revolução; esta transformação decorre de um conjunto infinitamente diverso de fenômenos, de aspectos, de traços, de propriedades e de conseqüências da guerra imperialista. E ela é impossível sem uma série de insucessos e de reveses militares sofridos pelos governos contra os quais, suas próprias classes, desferem golpes”. (Lenine, “A derrota de seu próprio governo na Guerra Imperialista”, 26 julho 1915, Obras Completas, t.21)

“Aquele que não fecha voluntariamente os olhos, aquele que não é cego, sabe que não fazemos agora nada mais do que repetir o que nos dizíamos e o que sempre dissemos, a saber, que não esquecemos a fraqueza da classe operária russa em relação aos outros destacamentos do proletariado internacional. Não é nossa vontade, mas as circunstâncias históricas, a herança do regime czarista e a debilidade da burguesia russa que fizeram com que este destacamento se encontrasse levado à frente dos outros destacamentos do proletariado internacional, e não fomos nós que o quisemos mas as circunstâncias que o impuseram. Mas devemos permanecer em nosso posto até que chegue nosso aliado, o proletariado internacional; este chegará e não pode deixar de chegar; mas ele o faz com uma lentidão infinitamente maior do que esperamos e que não queremos”. (Lenine, “Relatório sobre a política exterior” 14 de maio de 1918, Obras Completas, t. 27)

“Em nenhum país, em nenhum Estado, não há propaganda nem agitação que possam empurrar a classe operária à revolução, por mais revolucionária que seja, se esta agitação não encontrasse um fundamento no comportamento das classes dominantes do país”. (Lenine, “Discurso pronunciado na seção comum do comitê executivo central da Rússia do soviete de Moscou”, 5 de maio de 1920)

Enfim, Lenine que denunciou os estragos da “doença da vontade”, pôs os revolucionários em guarda diante do perigo de superestimar a força do partido. O que ainda era uma outra manifestação da nefasta doença.

“Gostaria de dizer algumas palavras sobre a situação atual do partido bolchevique. Algumas linhas escritas por um escritor há 18 anos, em 1902: (...) Os Eslavos foram em 1848 o gelo cáustico que matou as flores da primavera popular. Porventura ser-lhes-á dado agora de ser a tempestade que romperá o gelo da reação e que trará irresistivelmente uma nova primavera da felicidade para os povos” (Kautsky, “Os Eslavos e a revolução”, *Iskra*, nº 18, 10 de março). Eis o que escreveu, há 18 anos sobre o movimento russo um socialista eminente com o qual nós tivemos agora que romper resolutamente. Estas linhas me fazem pensar que talvez nosso partido arrisca-se, nesse momento a cair numa situação extremamente perigosa, do homem que exagera sua própria importância. É uma situação bastante estúpida, vergonhosa e ridícula. Sabe-se que as derrotas e o declínio dos partidos políticos foram freqüentemente precedidos destas situações, onde oferecia-se a estes partidos a possibilidade de superestimarem suas forças. O fato é que as esperanças fundadas na revolução russa, tais como acabo de expor usando os próprios termos de nosso pior inimigo atual, são verdadeiramente desmedidas. Até aqui, nossos belos sucessos e nossas brilhantes vitórias desenvolveram-se em condições que não nos permitiram sobrepujar as principais dificuldades. Estas condições eram, que devíamos afrontar as tarefas da guerra, da mais profunda e ardente luta contra a reação dos proprietários fundiários, dos generais e do czar; as tarefas que constituem a própria essência da revolução socialista foram, de certa maneira, relegadas ao segundo plano pela organização da luta contra o elemento pequeno-burguês, o espalhamento, a dispersão, tudo o que nos faz retroceder ao capitalismo. No duplo plano econômico e político, estas tarefas foram adiadas; foi-nos impossível abordá-las como seria necessário. Assim, o perigo que evocam estas palavras que acabo de citar deve ser seriamente pesado por todos os bolcheviques individualmente e pelo conjunto dos bolcheviques como partido político. Devemos compreender que as decisões do último Congresso de nosso partido devem ser aplicadas, custe o que custar, e isso quer dizer que um imenso trabalho nos incumbe, o qual necessitará muito mais esforços do que temos fornecido até o presente. Permitam-me terminar exprimindo o voto que não colocaremos em nenhuma circunstância, nosso partido na situação de um partido que presume em demasia de suas forças”. (Lenine, “Discurso à assembléia organizada pelo comitê de Moscou do P.C. (b) R.” 23 abril de 1920, Obras Completas, t. 30)

A contra-revolução estalinista fez do partido um deus ex-machina!

(19) As Teses de Roma datam de 1922, as Teses de Lyon datam de 1926. A Misiano que afirmava que o postulado fundamental era: “A tática varia segundo as situações particulares e contingentes”, a Esquerda respondia (em 1920):

“Tal foi o erro da Segunda Internacional, mas não pode ser o da Terceira. Para os comunistas, princípios e tática formam um todo”. (Storia della Sinistra Comunista, História da Esquerda Comunista)

“Marx forjou uma tática única para a luta proletária da classe operária nos diversos países” (...) A tarefa essencial da tática do proletariado era definida por Marx em função de sua concepção materialista e dialética do mundo”. (Lenine, “Karl Marx” novembro de 1914, Obras Completas, t. 21).

(20) Essa questão é amplamente tratada em:

“Natureza, função e tática do partido revolucionário da classe operária”. (Prometeo, nº 7, 1947)

“A Teoria da função primária do partido político, única guardiã e salvaguarda da energia histórica do proletariado” (Reunião de Parma de 20.21.09.1958 em “Programa Comunista, nºs 18 e 23, 1958)

(21) "Já ouvimos falar, entre nós, de unidade do proletariado e compreendemos pela prática que na época da revolução social a unidade do proletariado só pode ser realizada pelo partido verdadeiramente revolucionário do marxismo, pela luta implacável contra todos os outros partidos”. (Lenine, Discurso pronunciado no VIIIº Congresso dos Sovietes” 23/12/1920, Obras Completas, t. 31).

(22) No caso da Rússia, o desenvolvimento da democracia está ligado ao estado atrasado do país. Este obstáculo teria sido facilmente ultrapassado se a Revolução proletária tivesse triunfado na Europa.

“O problema da luta contra a burocracia está colocado em nosso Programa como um trabalho de grande fôlego. Mais o campesinato é fragmentado, mais a burocracia é inevitável no topo” (Lenine, Conclusão sobre o relatório de atividade do comitê central do P.C. (b) R. – 09 de março de 1921, Obras Completas, t. 32)

“O capitalismo é um mal relativamente ao socialismo. O capitalismo é um bem relativamente à idade-média, relativamente à pequena-produção, relativamente à burocracia que engendra a dispersão dos pequenos produtores. Corre mais um ano. O VIII ° Congresso do Partido Comunista da Rússia, que tem lugar de 18 a 23 de março de 1919, adota o novo Programa do Partido onde falamos francamente, sem receio de reconhecer o mal, mas desejosos de desmascará-los, de amarrá-lo no pelourinho, de estimular o pensamento e a vontade, as energias e as atividades para combater este mal, onde falamos de um “renascimento parcial da burocracia no seio do regime soviético”.

Passam-se 2 anos. Na primavera de 1921, após o VIII ° Congresso dos Sovietes que debateu (dezembro de 1920) a burocracia, após o X ° Congresso do Partido Comunista da Rússia (março de 1921) que fez balanço dos debates estreitamente ligados à análise da burocracia, vemos este mal erguer-se diante de nós ainda mais nítido, mais preciso, mais ameaçador. Quais são suas raízes econômicas? São principalmente de dois tipos : de uma parte, a burguesia evoluída tem necessidade, para combater o movimento revolucionário dos operários (e em parte dos

camponeses) , de um aparelho burocrático, inicialmente militar, em seguida judiciário, etc. Isto não existe entre nós. Nossos tribunais são tribunais de classe, dirigidos contra a burguesia. A burocracia existe não no exército, mas nos seus serviços. Há entre nós uma outra raiz econômica da burocracia: é o isolamento , a dispersão dos pequenos produtores, sua miséria, sua incultura, a ausência de estradas, o analfabetismo, a ausência de trocas ente a agricultura e a indústria, a falta de ligação, de ação recíproca entre elas. Tudo isso é devido, numa considerável medida, à guerra civil”. (Lenine, “O imposto in Natura” março 1921, Obras Completas, t. 32)

(23) "Traidores serão os governos que, investidos do poder soberano proletário, não fariam imediatamente operar: 1 °) o desarmamento geral das guardas burguesas; 2 °) o armamento e a organização em milícia nacional de todos os operários. Sem dúvida, existem muitas outras medidas indispensáveis, mas elas sairão naturalmente deste primeiro ato, que é a garantia prévia, a única garantia de segurança para o povo. Não deve permanecer um único fuzil nas mãos da burguesia, senão não há salvação! As diversas doutrinas que hoje disputam entre si as simpatias das massas poderão um dia realizar suas promessas de melhorias e de bem estar, mas com a condição de não abandonarem uma vantagem por uma vã esperança. Elas desembocariam num lamentável aborto se o povo, numa admiração exclusiva pelas teorias, negligenciasse o único elemento seguro, a força! As armas e a organização, eis aí o elemento decisivo do progresso, o meio sério de acabar-se com a miséria. Quem tem o ferro tem o pão. Prosterne-se diante das baionetas, varre-se as barafundas desarmadas. A França eriçada de trabalhadores em armas, é o advento do socialismo. Na presença de proletários amados, obstáculos, resistências, impossibilidades, tudo desaparecerá. Mas para os proletários, que se deixam iludir pelos passeios ridículos nas ruas, pelos plantios de árvores da liberdade, pelas frases sonoras de advogado, haverá inicialmente água benta, em seguida injúrias, enfim a metralha, sempre a miséria”. (Blanqui).

(24) Minoria

“A fraqueza numérica dos internacionalistas realmente revolucionários? Provenho! Como exemplo, tomemos a França de 1870 e a Rússia de 1900. A fraqueza numérica dos revolucionários conscientes e resolutos que, no primeiro caso, eram os representantes da burguesia – a classe revolucionária da época – e no segundo caso, eram os representantes da classe revolucionária atual, do proletariado, sua fraqueza numérica era muito grande. Não havia mais do que unidades formando, no máximo, 1/10.000 ou mesmo apenas 1/100.000 de sua classe. E alguns anos depois estas mesmas unidades, estas mesmas minorias ditas tão ínfimas arrastaram atrás de si as massas, milhões e dezenas de milhões de indivíduos. Por que? Porque esta minoria representava verdadeiramente os interesses dessas massas, porque tinha fé na futura Revolução, porque estava pronta a servi-la com coragem. A fraqueza numérica? Mas desde quando os revolucionários fazem depender sua política do fato de que eles estejam em minoria ou em maioria? (Lenine, “Carta aberta a Boris Souvarine”, dezembro 1916, Obras Completas, t. 23)

“Não é o número que importa, mas a expressão fiel das idéias e da política do proletariado verdadeiramente revolucionário.” (Lenine, “As tarefas do Proletariado na nossa Revolução”, setembro 1917, Obras Completas, t. 2 4)

“É melhor permanecer a dois como Liebknecht – pois é permanecer com o proletariado revolucionário – do que admitir por instante sequer uma fusão com o partido do comitê de organização, etc...” (Lenine, “As tarefas do Proletariado na nossa revolução”, setembro 1917, Obras Completas, t. 24)

“Dizem-nos: “Tudo parece dormir em numerosos países. Na Alemanha os socialistas são todos, até o último, pela guerra; apenas Liebknecht é contra”. A isto eu respondo: apenas Liebknecht representa a classe operária; as esperanças de todos repousam unicamente sobre ele, sobre seus partidários, sobre o proletariado alemão”. (Lenine, “A guerra e a revolução” 14 (27) maio 1917, Obras Completas, t. 24)

“O partido político só pode reunir uma minoria da classe, do mesmo modo que em toda a sociedade capitalista os operários realmente conscientes são apenas uma minoria entre os operários”. (Lenine, “Discurso sobre o papel do partido comunista” - 2 3 Julho 1920 – Obras Completas, t.31)

Perigo do partido pletórico

“... o único partido governamental no mundo que se preocupa não de aumentar o número de seus aderentes, mas de elevar suas qualidades, de depurar o partido das “infiltrações” é o nosso partido, o partido da classe operária revolucionária”. (Lenine, “O Estado Operário e a Semana do Partido”, 12 de outubro de 1919 – Obras Completas, t.30)

“... Não prometemos nem damos a esse simples aderentes, nenhuma vantagem admitindo-os no partido. Ao contrário, hoje compete aos membros do partido um trabalho mais duro e mais perigoso do que de ordinário. Tanto melhor. Apenas os adeptos sinceros do comunismo, aqueles que são escrupulosamente devotados ao Estado operário, apenas os trabalhadores honestos, apenas os verdadeiros representantes das classes oprimidas pelo capitalismo virão ao partido. Não temos necessidade senão de membros do partido deste gênero. Não é para a publicidade, mas para um trabalho sério que temos necessidade de novos membros. Chamamo-los em nossas fileiras. Abrimos amplamente o acesso do partido aos trabalhadores”. (Lenine, “O Estado operário e a Semana do Partido”, 12 de outubro de 1919, Obras Completas, t. 30)

“...Essa discussão deveria ajudar-nos a compreender que nosso partido, contando no mínimo com meio-milhão de membros, e mesmo até mais, tornou-se, em primeiro lugar um partido de massa, em segundo lugar um partido governamental e que, sendo um partido de massa, reflete parcialmente o que se passava fora de suas fileiras. É extremamente importante compreendê-lo”. (Lenine, “Relatório de atividade política do comitê central do P.C.(b) R.”, 8 de março, 1921)

Cisão necessária para regenerar o partido

“O partido operário social-democrata da Rússia, partido legal, cumpre seu dever face à Internacional. A bandeira do internacionalismo não tremeu em suas mãos. Nosso Partido, desde há muito tempo rompeu no terreno da organização com os grupos e os elementos oportunistas. Não tinha que arrastar atrás de si os grilhões do oportunismo e da “legalidade a todo preço”. E foi isso que lhe permitiu cumprir seu dever revolucionário, do mesmo modo que a cisão com o partido oportunista de Bissolati ajudou os camaradas italianos”. (Lenine, “O socialismo e a guerra” julho-agosto 1915, Obras Completas, t.21)

“Para as pessoas do Reichstag, você teve o mesmo pressentimento justo que eu – eles têm, a propósito da subvenção marítima, deixado penetrar profundamente fortes pruridos pequeno-burgueses. Quase chegou-se a uma cisão o que, na hora atual, enquanto dure a lei contra os socialistas, não é desejável. Mas desde que tenhamos novamente alguma liberdade de ação na Alemanha, a cisão virá sem dúvida e só poderá ser útil. Uma fração socialistas de estilo pequeno-burguês é inevitável num país como a Alemanha onde o gênero mesquinho, mais ainda do que o direito histórico, “não tem data”. Aliás, ela tem sua utilidade, logo constituída à parte do partido proletário. Mas, atualmente, esta separação, se provocada por nós, apenas causará prejuízo. Se não eles que por si mesmos abandonam efetivamente o programa, tanto melhor pois então pode-se caminhar bem alegremente”. (Engels a Sorge, 03.06.1885)

As relações do partido à classe são estudadas nos seguintes textos:

- Reunião de Roma de 1951.
- Reunião de Nápoles de 1951.
- Os Fundamentos do Comunismo Revolucionário” (1957)
- “Partido e Classe” (1921)
- “Partido e Ação de Classe” (1921)

(25) O Partido Comunista deve ser mundial. Lenine já escrevia:

“Este trabalho foi uma das páginas mais importantes da atividade do partido comunista da Rússia, célula do Partido Comunista mundial”. (Lenine, “Relatório de atividade do comitê Central, 18 de março 1919 – Obras Completas, t.29)

Em 1922 Zinoviev defendeu a seguinte tese: a Internacional Comunista deve ser o Partido Comunista Mundial.

(26) " Os partidos revolucionários devem concluir sua instrução. Eles aprenderam a conduzir a ofensiva. É necessário compreender agora que esta ciência deve ser completada por esta outra ciência: como melhor recuar. É necessário compreender – e a classe revolucionária aplica-se em compreender por sua própria e amarga experiência, que é impossível vencer sem ter aprendido a ciência da ofensiva e da retirada. De todos os partidos revolucionários ou de oposição derrotados, os Bolcheviques foram os que recuaram com a máxima ordem, com o menor dano para seu “exército”, com as menores perdas para seu núcleo, com as cisões menos profundas e menos irreparáveis, com o mínimo de desmoralização, com a maior capacidade de fornecer de novo o mais amplo, o

melhor concebido e o mais enérgico trabalho. E se os Bolcheviques conseguiram chegar neste ponto, é somente porque denunciaram sem piedade e puseram para fora os revolucionários da frase que não queriam compreender que era preciso recuar, que era necessário saber recuar, que era absolutamente necessário aprender trabalhar legalmente nos parlamentos mais reacionários, nas mais reacionárias organizações sindicais, cooperativas, de seguro e outras organizações análogas.” (Lenine, “A doença infantil do comunismo (O “esquerdismo”)” junho 1920, Obras Completas, t.31).

(27) Marx e Engels delimitaram-se de maneira extremamente categórica de todos os democratas, sobretudo após 1850. Sua correspondência mostra-o admiravelmente.

“...Este isolamento autêntico, público, no qual vivemos, você e eu, agrada-me bastante. Ele responde inteiramente à nossa posição e a nossos princípios. Todo este sistema de concessões recíprocas e de meias-medidas que se tolera em nome das conveniências, o dever de assumir aos olhos do público sua parte de ridículo no partido em companhia de todos estes asnos, tudo isso agora acabou”. (Marx a Engels, 11.02.1851)

“Uma vez mais – e pela primeira vez depois de muito tempo – temos a ocasião de mostrar que não precisamos de uma popularidade, nem de um “apoio” de um partido qualquer, de um país qualquer, e nossa posição é absolutamente independente de ninharias deste gênero. De agora em diante, somos apenas responsáveis frente a nós mesmos; e, quando chegar o momento em que estes senhores terão necessidade de nós, estaremos na situação de poder ditar nossas próprias condições. Até este dia teremos ao menos a tranqüilidade. Uma certa solidão! Deus meu, gozo-a já em Manchester desde há três meses e já me habituei, e ainda por cima celibatário, o que é, em todo caso, muito desagradável aqui.

Aliás, faríamos péssima figura, no fundo se lastimássemos o fato de que os pequenos grandes homens nos evitam. Não fazem anos que agimos como se toda espécie de gente constituísse nosso partido, quando não tínhamos o mínimo partido e que as pessoas que considerávamos como de nosso partido, ao menos oficialmente, nem mesmo compreendiam os elementos de nossa doutrina? Como, pessoas como nós, que fugimos das situações oficiais como da peste, poderíamos pertencer a um partido? Que importa um partido a nós que desdenhamos a popularidade. Que duvidamos de nós mesmos quando começamos a tornarmo-nos populares? Realmente! Não será uma perda se não passamos mais por ser “a expressão exata e adequada” das pessoas limitadas às quais estivemos associados estes últimos anos.

Um revolução é um fenômeno puramente natural, que obedece mais às leis física do que às regras que determinam em tempos ordinários a evolução da sociedade. Melhor dizendo, estas regras revestem-se, nas revoluções, de um caráter muito mais físico e a força material da necessidade manifesta-se com mais violência. Basta manifestar-se como representante de um partido que se é arrastado nesse turbilhão da irresistível necessidade que reina na natureza. Pelo simples fato de permanecer independente e revolucionário e de ser, mais que os outros, ligados à causa, é possível – durante pelo menos um certo tempo – preservar sua autonomia face a esse turbilhão no qual acaba-se finalmente sendo envolvido.

Esta posição, nós podemos e devemos adotar na primeira ocasião: nenhuma função oficial no Estado, nem – enquanto for possível – no partido, nenhum assento nos comitês, etc., nenhuma responsabilidade para os que bancam os asnos. Crítica impiedosa face a todo mundo e, principalmente, conservar esta serenidade que todas as conspirações dos imbecis não podem nos fazer perder. E isto nós o podemos. Podemos, sempre objetivamente, ser mais revolucionários que estes tagarelas, porque nós aprendemos alguma coisa, enquanto que eles nada aprenderam, porque sabemos o que queremos, enquanto eles não o sabem e porque, após experiência destes últimos três anos, podemos suportar os acontecimentos com muito mais frieza do que qualquer um diretamente interessado na questão.

No momento presente, o essencial é publicarmos teoria, seja uma revista trimestral onde atacaremos diretamente e onde afirmaremos nossa posição face às pessoas, sejam volumosos livros, onde faremos a mesma coisa mas sem ter a necessidade de mencionar qualquer destas sórdidas bestas. Tanto faz uma possibilidade quanto outra. Mas, com o tempo e diante da reação que cresce, primeira possibilidade parece-me diminuir e a segunda constituir cada vez mais nosso recurso no qual deveremos nos ater. De que servirão todos os falatórios e toda a estupidez que toda a canalha de emigrados poderá fazer a teu respeito, se você responde com sua Economia política? (Engels a Marx, 13/12/1851)

“Falemos mais uma vez do efeito produzido por nosso documento sobre os democratas: Miguel deveria todavia reconhecer que jamais deixamos de fustigar estes senhores por escritos que eram, mais ou menos, manifestos de partido. Porque então estas gritarias a propósito de um programa que não faz mais do que resumir, de maneira bastante calma e sobretudo bastante impessoal, aquilo que fizemos imprimir há muito tempo. Nossos discípulos do continente tinham-nos renegado? Estavam eles comprometidos com os democratas mais que de razão, mais que lhe autorizavam a política do partido e a honra do partido? Se os democratas impeliram tais clamores, justamente porque nada parecia separá-los de nós, não somos nós que fizemos desaparecer a oposição, são quando muito, os comunistas alemães da Alemanha. De outra parte é aí que parece estar o xis da questão. Todo democrata, por menos inteligente que seja, devia saber desde o início o que podia esperar de nosso partido e o documento não podia lhe fornecer grandes novidades.

Fazendo por um tempo aliança com os comunistas, os democratas estavam perfeitamente informados sobre as condições e a duração da aliança, e apenas os médios camponeses (de Hanover) ou os advogados, puderam deixar-se levar a crer que os comunistas haviam renunciado, depois de 1850, aos princípios e à política da *Neue Rheinische Zeitung*. Certamente, Waldeck e Jacoby jamais tiveram semelhante idéia. Em todo caso, todas as publicações deste gênero não poderão, com o tempo, fazer o que quer que seja contra a “natureza das coisas” nem contra a “idéia da relação”, para empregar a linguagem de Stirner, e as berrarias e os conluios políticos dos democratas não tardarão novamente a causar estragos em todo seu esplendor e os democratas marcharão de mãos dadas com os comunistas. Que, no dia seguinte do movimento, estes patifes nos pregarão uma peça, eis aí algo que sabemos há muito e que nenhuma diplomacia impedirá”. (Engels a Marx, julho de 1851)

“Na minha entrevista com uma delegação destes senhores (eu recusei entrar em qualquer agrupamento, mas Liebknecht preside um e Lapländer outro), declarei-lhes terminantemente que é exclusivamente de nós mesmos que tiramos nossa

designação de representantes do partido proletário, mas que esta designação era subscrita pelo ódio exclusivo e geral que nos devotaram todas as frações e todos os partidos do Antigo mundo”. (Marx a Engels, 18/05/1859)

Lenine foi um defensor da democracia. Pregou a aliança com o movimento democrático enquanto a revolução não operasse seu traspasse, isto é, enquanto a revolução proletária não podia colocar-se realmente na Rússia. Mas desde que ela se produziu, rejeitou vivamente a democracia.

“O termo de democracia, aplicado ao partido comunista, não é apenas inexato do ponto de vista científico. Hoje, após março de 1917, é uma venda colocada nos olhos do povo revolucionário, que o impede de fazer o novo livremente, sem hesitação e por sua própria iniciativa, isto é, de organizar os soviets de deputados operários, camponeses e outros como poder único no “Estado”, como anunciadores do “definhamento” de todo Estado”. (Lenine, “As tarefas do proletariado na nossa revolução”, setembro 1917, Obras Completas, t.24)

“...fazer de modo que seja realmente toda a população que aprenda a governar e que comece a governar”

Tais são os principais traços distintivos da democracia aplicada à Rússia, democracia de tipo superior, que rompe com sua deformação burguesa e marca a transição à democracia socialista e às condições nas quais o Estado poderá começar à extinguir-se”. (Lenine, “As tarefas imediatas do poder dos soviets”, abril 1918, Obras Completas, t.27)

“Esquece-se constantemente que a supressão do Estado é também a supressão da democracia, que a extinção do Estado é a extinção da democracia”. (Lenine, “O Estado e a Revolução”, setembro 1917, Obras Completas, t. 25)

“O exemplo da revolução alemã persuade-nos que a “democracia” não é senão o biombo da pilhagem burguesa e da violência mais feroz”. (Lenine, “Discurso pronunciado após o assassinato de Rosa Luxemburgo e de Karl Liebknecht” 19 janeiro 1919, Obras Completas, t. 28)

“Os bolcheviques deviam partir em sinal de protesto para não cair na armadilha e contribuir para desviar, por meio da conferência, a atenção do povo das questões sérias. Os bolcheviques deviam deixar um ou três de seus 136 deputados como “agentes de ligação”, para comunicações telefônicas no momento em que cessariam as odiosas tagarelices e em que se passaria ao voto. Mas o bolcheviques não deviam deixar-se ocupar por estas tolices evidentes, por este logro evidente do público que tinha como objetivo evidente sufocar a revolução em ascenso iludindo-o com futilidades (somos nós que sublinhamos esta última parte da frase, n.d.r.) (Lenine, “Os campeões da fraude e os erros dos bolcheviques” setembro 1917, Obras Completas, t.26)

“ ... e esquecendo-se que “democracia” significa de fato às vezes ditadura da burguesia, às vezes reformismo da pequena-burguesia que se submete à esta

ditadura”. (Lenine, “A revolução proletária e o renegado Kautsky”, novembro 1918, Obras Completas, t.28)

“Apenas os miseráveis ou aparvalhados podem crer que o proletariado deve de início conquistar a maioria participando em eleições organizadas sob o jugo da burguesia, sob o jugo da escravidão salarial e somente após conquistar o poder. É o cúmulo da estupidez ou da hipocrisia, é substituir à luta das classes e à revolução votos sob o antigo regime, sob o antigo poder”. (Lenine, “Saudação aos comunistas Italianos, Franceses e Alemães”, outubro 1919, Obras Completas, t.30)

Nosso movimento é fundamentalmente anti-democrata. O leitor poderá perceber isto especialmente pelo estudo de textos como “O princípio democrático” (1921), “O diálogo com os mortos” (1956), “As notas para as teses sobre a organização” (1964), “As teses de Nápoles” (1965) e “As teses suplementares de Milão” (1966). Nas teses de Nápoles o método das expulsões era rejeitado porque democrático. Ora, o que escrevia Marx, sobre este motivo, um século antes:

“A meu ver o Conselho Geral de New York cometeu um grave erro suspendendo a federação jurassiana. Estas pessoas já saíram da Internacional, no momento em que declararam que, para eles, os congressos e os estatutos da Internacional não existiam; constituíram o centro de uma conjuração com vistas a formar uma Contra-Internacional; após seu congresso de St. Imier ocorreram congressos semelhantes em Cordone, Bruxelas, Londres e por fim, os aliancistas da Itália vão fazer um semelhante. Cada um e cada grupo tem o direito de sair da Internacional e tão logo isto se produza, o Conselho Geral tem simplesmente que constatar esta saída, mas em caso algum suspender . Enquanto grupos (seção da federação) contestam apenas as disposições sobre os poderes do Conselho Geral, ou ainda infringem tal ou tal ponto dos estatutos ou artigo de regulamento é a suspensão que está prevista. Em compensação, os estatutos não contêm nenhum artigo tratando de grupos que destroem toda a organização e isto pela simples razão de que segue-se naturalmente segundo os estatutos, que estes grupos não mais pertencem à Internacional.

Não se trata, de modo algum, de uma questão formal. Os partidários da secessão resolveram, nos seus diversos congressos convocar um congresso geral de todos os partidários da secessão para constituir sua nova organização independente da Internacional. Este congresso deverá acontecer na primavera ou no verão.

Mas estes senhores querem deixar uma porta aberta em caso de derrota. É o que ressalta da volumosa circular dos Aliancistas espanhóis. Se seu congresso falha, eles reservam-se de assistir ao congresso de Genève, intenção que o aliancista italiano Garbuzzi já me confiava ingenuamente quando de sua visita a Londres.

Se o Conselho Geral de New York não modifica seu procedimento, qual será o resultado?

Após a do Jura, suspenderá as federações partidárias da secessão da Espanha, da Itália, da Bélgica e da Inglaterra; resultado: todo o bando da gentalha reaparecerá em Genebra e aí paralisará todo trabalho sério, como foi o caso em Haia, e comprometerão novamente o congresso geral em proveito e à edificação da burguesia. O grande resultado do Congresso de Haia foi o de forçar os elementos pútridos a excluírem-se por si mesmos, isto é, a sair. O procedimento do Conselho Geral ameaça comprometer este resultado. Em oposição aberta com a Internacional

estas pessoas não prejudicam, mas são úteis, mas como elementos hostis em seu seio arruinam o movimento em todos os países onde criaram raízes.

É difícil imaginar em N.York, o trabalho que estas pessoas e seus emissários na Europa nos impõe.

Para reforçar a Internacional nos países em que, principalmente, a luta é travada, é necessário antes de tudo a ação enérgica do Conselho Geral.

Agora que o erro foi cometido no que concerne o Jura, talvez o melhor fosse ignorar completamente as outras (salvo se nossas próprias federações exigirem o contrário), e esperar o congresso geral dos partidários da secessão para então declarar que todos seus participantes saíram da Internacional, que eles excluíram-se por si mesmos e formaram sociedades alheias e mesmo inimigas. Ecarius declarou muito ingenuamente no Congresso feito às pressas de Londres que era necessário fazer política com os burgueses. Há bastante tempo que sua alma tem sede de se vender”. (Marx a Bolte, 12.02.1873)

A questão do centralismo orgânico, intimamente ligada à precedente, é tratada nos diversos textos já citados. Mas existe um grande número de outros. Para não tornar pesada esta já longa nota, citaremos somente esta passagem tirada da “Ata da comissão política para o congresso de Lyon” (1926), porque ela afirma claramente a natureza do partido.

“No que concerne à natureza do partido, sustentamos que ele é um “órgão” da classe operária. Sustentar que o partido é uma “parte” e não um “órgão” da classe operária é índice do cuidado de identificar de uma maneira estatística o partido e a classe, e é o sintoma de um desvio oportunista. A identificação estatística do partido e da classe foi sempre uma das características do obreirismo oportunista”.

(28) O anti-individualismo é uma outra “constante” fundamental de nosso movimento. Citaremos o último parágrafo de “O programa revolucionário da sociedade comunista elimina toda forma de propriedade do solo, das instalações de produção e dos produtos do trabalho”. (in Programma Comunista, no 16 e 17 de 1958).

6.1. Morte do Individualismo

“Não é possível que o partido proletário de classe dirija-se por si mesmo na boa direção revolucionária se não há uma confrontação total do material de agitação com as bases estáveis e não cambiantes da teoria.

As questões de ação contingente e do programa futuro são apenas os dois aspectos dialéticos do mesmo problema, como mostraram tantas intervenções de Marx até sua morte, de Engels e de Lenine (Teses de abril; Intervenções no comitê central em outubro)

Estes homens não improvisaram nem revelaram, mas brandiram a bússola de nossa ação que é tão fácil de perder.

Ela indica claramente o perigo. Nossas questões são colocadas com felicidade quando opomo-nos o quanto possível às falsas direções gerais. As fórmulas e os termos podem ser falsificados pelos traidores e os deficientes, mas seu uso, quando é contínuo e concordante, nos é considerado sempre como bússola muito segura.

Em linguagem filosófica e histórica nosso inimigo é o individualismo, o personalismo; naquela política, é o eleitoralismo democrático; naquela econômica, é o mercantilismo.

Toda aproximação destes últimos com vistas a uma vantagem aparente, equivale ao sacrifício do porvir do partido pelo sucesso de um dia, ou de um ano; equivale à capitalização diante do monstro da contra-revolução”.

(29) "Admitamos que temos produzido como homens: na sua produção cada um de nós seria duplamente afirmado ele mesmo e teria afirmado o outro. Eu teria: 1º – objetivado na minha produção minha individualidade, sua particularidade, e portanto terei pois desfrutado, durante minha atividade, de uma manifestação vital individual como conhecido, contemplando o objeto, a alegria individual de saber que minha personalidade é uma potência objetiva, perceptível pelos sentidos e, como conseqüência, acima de toda dúvida; 2º – Na tua fruição ou teu uso de meu produto, eu desfrutarei diretamente da consciência de ter, ao mesmo tempo, satisfeito no meu trabalho uma necessidade humana e objetivada a essência do homem, portanto de ter obtido o objeto que convinha às necessidades de um outro ser humano; 3º – de ter sido para ti o meio termo entre tu mesmo e o gênero, de ser portanto conhecido e ressentido por ti como um complemento de teu próprio ser e uma parte necessária de ti mesmo; portanto de me saber confirmado tanto no teu pensamento como no teu amor; 4º – de ter criado na manifestação individual de minha vida a manifestação de tua vida, de ter portanto confirmado e realizado diretamente, na minha atividade individual, minha verdadeira essência minha essência humana, minha essência social”. (Marx, Manuscritos de 1844).

(30) "Negamos que a organização por célula tenda a dar ao partido um espírito proletário. Afirmamos ao contrário que ela tende a tirar-lhe este espírito, fazendo prevalecer um espírito corporativista". (Ata da comissão política para o congresso de Lyon, Intervenção do delegado de Esquerda).

“Por que pensamos nós que a célula de empresa apresenta inconvenientes em qualquer outra parte além da Rússia? Antes de mais nada, porque os operários organizados nas células nunca estão em condição de discutir todas as questões políticas. Mesmo no relatório do executivo a este Plenário, constata-se que quase em nenhum país as células de empresas conseguiram ocupar-se de problemas políticos. Diz-se que exagerou-se, que a reorganização dos partidos foi muito precoce mas que isto é apenas um erro prático de importância secundária. Todavia será necessário convir que não é de importância secundária que o partido seja privado de sua organização fundamental, de uma organização capaz de discutir os problemas políticos e que após um ano de existência a nova organização ainda seja incapaz de preencher esta função vital. Se chegamos a um semelhante resultado é que não nos encontramos frente a erros menores, mas diante de uma orientação errada de todo o problema. E não se pode menosprezar isto. A questão é muito importante. A nosso ver, não é por acaso que as células de empresa não discutem os problemas políticos, porque, num país capitalista, os operários reagrupados no pequeno círculo estreito de sua empresa não têm a possibilidade de encarar os problemas mais gerais e de ligar as reivindicações imediatas ao objetivo final do

comunismo. Numa assembléia de operários interessados nos mesmos pequenos problemas imediatos e não pertencendo a diferentes categorias profissionais pode-se, certamente, discutir os problemas das reivindicações imediatas, mas não se pode encontrar nenhuma base para uma discussão sobre os problemas gerais, sobre os problemas que concernem toda a classe trabalhadora; isto é, não se pode desenvolver um trabalho político de classe como convém a um partido comunista.

Dir-no-ão: o que vocês querem é o que querem todos os elementos de direita. Vocês querem as organizações territoriais em assembléias nas quais os intelectuais dominam toda a discussão com seus longos discursos. Mas este perigo da demagogia e do embuste da parte dos chefes existirá sempre; existe desde que o partido proletário existe. Entretanto, nem Marx, nem Lenine, que ocuparam-se a fundo deste problema, jamais pensaram em resolvê-lo empregando um boicote contra intelectuais e não-proletários. Muitas vezes sublinharam o papel historicamente necessário dos desertores da classe dominante na revolução. Sabe-se que, em geral, o oportunismo e a traição penetram no partido e nas massas através de certos chefes; mas a luta contra este perigo deve ser conduzida de outra maneira. Mesmo se a classe operária pudesse passar sem ex-intelectuais burgueses, ela não poderia todavia passar-se de chefes, de agitadores, de jornalistas, etc..., e não lhe restaria nada a não ser procurá-los em suas próprias fileiras. Mas o perigo da corrupção e da demagogia destes operários tornados chefes, não se distingue daquele da corrupção e da demagogia dos intelectuais. Em certos casos, são justamente ex-operários que tiveram o papel mais nojento no movimento operário. Isto é um fato universalmente conhecido. Enfim, é porventura o papel dos intelectuais eliminado na organização de empresas tal como é praticada hoje? É o contrário que é verdadeiro. São os intelectuais que compõem com os ex-operários o aparelho do partido. O papel destes elementos sociais não mudou, ao contrário tornou-se perigoso. Se admitimos que estes elementos podem ser corrompidos por sua posição de funcionários, esta dificuldade subsiste porque lhes conferimos uma responsabilidade de longe muitíssimo maior que no passado. De fato, nas pequenas reuniões de célula de empresa, os operários não têm, na prática, nenhuma liberdade de movimento, não têm uma base suficiente para influenciar o partido graças a seu instinto de classe.

O perigo contra o qual nos pomos em guarda reside não na diminuição da influência dos intelectuais mas, ao contrário, no fato de que os operários das células não se interessam senão às necessidades imediatas de sua empresa e não vêem os grandes problemas do desenvolvimento revolucionário geral de sua classe. A nova forma de organização é portanto menos adaptada à luta (no seu sentido mais amplo e o mais sério) da classe proletária”. (Discurso do representante da Esquerda à VI^a sessão do executivo ampliado da I.C. – 1926)

“Todos os progressos da civilização, isto é todo aumento das forças produtivas sociais, ou se quisermos, das forças produtivas do próprio trabalho, não enriquecem o operário mas o capitalista, e isto do mesmo modo que os resultados da ciência, das descobertas da divisão e da combinação do trabalho, da melhoria dos meios de comunicação, do mercado mundial ou do emprego das máquinas. Tudo isso aumenta unicamente a força produtiva do capital, e já que o capital encontra-se em oposição ao operário, tudo isso só faz crescer sua dominação material sobre o trabalho”. (Marx, Grundrisse)